

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas

Tháisa Clara Ornelas Otoni

**LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS UTILIZADAS COM FINS
MEDICINAIS E COSMÉTICOS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS DO
MUNICÍPIO DE ARAÇUAÍ, MINAS GERAIS**

Diamantina

2018

Tháisa Clara Ornelas Otoni

**LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS UTILIZADAS COM FINS
MEDICINAIS E COSMÉTICOS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS DO
MUNICÍPIO DE ARAÇUAÍ, MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Fernanda Fuzer Graef

Coorientador: Prof. Dr. Disney Oliver Sivieri Junior

Diamantina

2018

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecária Nathalia Machado Laponez Maia, CRB6 – 3002.

O881

Otoni, Thaísa Clara Ornelas

Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas com fins medicinais e cosméticos em comunidades tradicionais do município de Araçuaí, Minas Gerais / Thaísa Clara Ornelas Otoni. – Diamantina, 2018.

195 p. : il., gráfs., tabs., mapas.

Orientadora: Cristiane Fernanda Fuzer Grael

Coorientador: Disney Oliver Sivieri Junior

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2018.

1. Etnobotânica. 2. Comunidades tradicionais. 3. Plantas medicinais. I. Grael, Cristiane Fernanda Fuzer. II. Sivieri Junior, Disney Oliver. III. Título. IV. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

CDD 581.63

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

THAÍSA CLARA ORNELAS OTONI

**Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas com fins
medicinais e cosméticos em comunidades tradicionais do município
de Araçuaí, Minas Gerais**

Dissertação apresentada ao
MESTRADO EM CIÊNCIAS
FARMACÊUTICAS, nível de
MESTRADO como parte dos requisitos
para obtenção do título de MAGISTER
SCIENTIAE EM CIÊNCIAS
FARMACÊUTICAS

Orientador : Prof.ª Dr.ª Cristiane
Fernanda Fuzer Graef


Data da aprovação : 29/03/2018




Prof. Dr.ª CRISTIANE FERNANDA FUZER GRAEL - UFVJM



Prof. Dr. DISNEY OLIVER SAUER JUNIOR - UFVJM



Prof. Dr. ANTONIO SOUSA SANTOS - UFVJM



Prof. Dr. EVANDRO LUZ MENDONÇA MACHADO - UFVJM

DIAMANTINA

Dedico esse trabalho aos meus pais, Severo e Maria Aparecida, por todo apoio que sempre me deram, por me ensinaram a nunca desistir dos meus sonhos, e por fazer com que o caminho até eles se torne mais fácil. Aos meus irmãos por todo companheirismo, por toda ajuda e amizade. Ao meu amigo Guido (in memoriam) por todos os conselhos e pelo direcionamento nesse caminho profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as graças alcançadas, por todo livramento, por me fazer forte e corajosa para vencer todas as barreiras para que esse sonho se realizasse. Serei eternamente grata a Ele por ter colocado tantos "anjos" em meu caminho.

A meus pais por tudo que fizeram, por todo auxílio, todo apoio, todo amor, por entenderem minha ausência, mesmo estando em casa. Por aguentar os dias mais difíceis de forma tão compreensiva, por serem meu chão.

A meus irmãos pela companheirismo e amizade sempre. Thiago pelas orientações, conselhos, direcionamento, por ser sempre um exemplo. Agradeço a ele também por toda dedicação profissional a esse trabalho. A Thayrone por toda força, toda prestatividade, toda proteção e presença. A Nena e Marcos por entenderem minha ausência, por toda torcida, por sempre me fortalecerem e apoiarem. A meus afilhados Clarysse e Arthur por todo amor e carinho sempre, por tornarem os meus dias mais leves. A Daniele e Thiago pela acolhida, por deixarem sempre meu lugarzinho guardado em Diamantina e pelos melhores presentes de mestrado, um no início, meu afilhado Pedro e um no final, meu mais novo sobrinho (a).

A Efraim por estar presente desde a idealização desse trabalho, por acreditar em mim e por me fazer acreditar que no final tudo daria certo. Gratidão por todo apoio, por todos os conselhos, por sempre estar a disposição para me acompanhar nas coletas e pela presença constante.

A toda a minha família e amigos que sempre me apoiaram, sempre torceram e sempre compartilharam a alegria de cada conquista.

A toda equipe do Herbário Dendrológico Jeanine Felfili, especialmente a Thiago, Jair e Evandro, pelo apoio, orientações, ensinamentos e por todo empenho nas identificações botânicas.

A minha orientadora Cristiane por ter sido acima de tudo uma amiga, sempre compreensiva em todos os momentos. Agradeço pelas instruções, ensinamentos, por toda dedicação, por ter acreditado nesse projeto, por me transmitir segurança e me auxiliar nas dificuldades.

Ao meu coorientador Disney por todo suporte, ensinamentos e orientações.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas da UFVJM e professores pela qualidade de ensino e oportunidade.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de estudo.

A todas as pessoas das Comunidades Tradicionais que me receberam tão bem, por terem sido tão solidárias, prestativas e por tudo que me ensinaram.

A banca por todo enriquecimento que trouxe ao trabalho.

A todos que me acompanharam durante esse trabalho, com palavras de apoio, com a companhia nas entrevistas e coletas, com acolhimento em suas casas, especialmente a Tio Zé Pequeno, Tia Branca, Rey, Sr. Dário, Esmera, Edivaldo, Maria Helena, Cleonice, Antônio, Anariam, Iana Mara, Tio Welington, Daniel e a toda equipe da Pastoral da Criança.

A Geralda por todo conhecimento compartilhado.

Gratidão a todos que contribuíram para que esse trabalho se concretizasse!

RESUMO

O Brasil é reconhecido pela sua alta biodiversidade, sendo um dos países que apresenta a maior biodiversidade vegetal do mundo. Mas essa riqueza vai além da biológica, a sua cultura também é riquíssima, devido às várias etnias que compõem sua população. Alguns desses povos guardam conhecimentos repassados entre as gerações, entre eles há conhecimentos associados à biodiversidade que podem servir como fonte para a descoberta de substâncias tóxicas e medicamentosas. A Etnobotânica resgata e registra os conhecimentos tradicionais e pode servir como base para a definição de estratégias de uso racional das espécies nativas; dessa forma, ela contribui para a manutenção dos conhecimentos tradicionais e dos recursos naturais. O principal objetivo desse trabalho foi resgatar e registrar os conhecimentos tradicionais sobre o uso de plantas como agentes terapêuticos e cosméticos nas comunidades quilombolas Arraial dos Crioulos e Baú e na comunidade indígena Cinta Vermelha-Jundiba em Araçuaí, MG. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semi estruturadas, sendo entrevistadas no total 23 pessoas consideradas nas comunidades como detentoras dos conhecimentos tradicionais sobre plantas. As plantas citadas pelos participantes e encontradas na região, foram coletadas para identificação botânica. Dentre os entrevistados houve um predomínio de mulheres e a faixa etária variou entre 20 e 91 anos. A principal forma de transmissão dos conhecimentos tradicionais nas comunidades é a oral, sendo as mães a fonte mais citada de transmissão desses conhecimentos. Foram registradas um total de 185 plantas, segundo o nome popular, 98 foram identificadas até nível de espécie, 36 ao nível de gênero e 1 ao nível de família pelo Herbário Dendrológico Jeanine Felfilli da UFVJM. As espécies nativas corresponderam a 55,22% das plantas identificadas. Obteve-se *Senna occidentalis* (espécie nativa) como a espécie de maior índice de importância relativa e *Plectranthus barbatus* (espécie exótica naturalizada) a de maior índice de concordância de uso corrigida. Esse trabalho foi importante para registrar os conhecimentos tradicionais nas comunidades de Araçuaí, possuindo papel significativo para a manutenção deles. Cientificamente esse estudo pode servir como fonte para pesquisas futuras em farmacologia, na busca por novos fármacos ou fitoterápicos como também, em pesquisas de validação do uso popular das plantas, que promovem o uso seguro delas pela população.

Palavras-chave: Etnobotânica. Comunidades Tradicionais. Plantas Medicinais.

ABSTRACT

Brazil is renowned for its high biodiversity, being one of the countries with the greatest vegetal biodiversity in the world. But this wealth goes beyond biological, its culture is also very rich, due to the various ethnicities that make up its population. Some of these peoples hold knowledge passed down through the generations, among them there is knowledge associated with biodiversity that can serve as a source for the discovery of toxic and medicinal substances. Ethnobotany rescues and registers traditional knowledge and can serve as a basis for the definition of strategies for the rational use of native species; in this way, it contributes to the maintenance of traditional knowledge and natural resources. The main objective of this work was to recover and register the traditional knowledge about the use of plants as therapeutic and cosmetic agents in the Arraial dos Crioulos and Baú communities and in the Cinta Vermelha-Jundiba indigenous community in Araçuaí, MG. Data were collected through semi-structured interviews, with a total of 23 people interviewed in the communities as having the traditional knowledge about plants. The plants cited by the participants and found in the region were collected for botanical identification. Among the interviewees there was a predominance of women and the age range varied between 20 and 91 years. The main form of transmission of traditional knowledge in the communities is oral, with mothers being the most cited source of transmission of this knowledge. A total of 185 plants were registered, according to the popular name, 98 were identified to the species level, 36 at the genus level and 1 at the family level by the Jeanine Felfilli Dendrological Herbarium at UFVJM. The native species corresponded to 55.22% of the identified plants. *Senna occidentalis* (native species) was obtained as the species of highest index of relative importance and *Plectranthus barbatus* (exotic naturalized species) with the highest agreement index of corrected use. This work was important to register the traditional knowledge in the communities of Araçuaí, possessing significant role for the maintenance of them. Scientifically, this study can serve as a source for future research in pharmacology, in the search for new drugs or phytotherapies, as well as in validation studies of the popular use of plants, which promote the safe use of them by the population.

Keywords: Ethnobotany. Traditional Communities. Medicinal plants.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Esquema relação entre Etnobotânica e Etnofarmacologia	25
Figura 2 — Travessia do Rio Jequitinhonha no distrito de Itira, Araçuaí (MG)	31
Figura 3 — Batuque entre gerações na Comunidade Quilombola Baú	32
Figura 4 — Resquícios de forno que era utilizado para fabricação de artesanatos de barro no Quilombo Baú	32
Figura 5 — Forno utilizado atualmente para fabricação de artesanatos de barro na Comunidade Quilombola Baú	33
Figura 6 — Casa de pau a pique, Comunidade Quilombola Baú	33
Figura 7 — Apresentação do Grupo Folia de Reis da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos	36
Figura 8 — Quarto Encontro da Consciência Negra, Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos	36
Figura 9 — Crianças organizando mudas de plantas na Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba, Araçuaí (MG)	40
Figura 10 — Cabanas para o ritual de casamento da Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba, Araçuaí - MG	40
Figura 11 — Pintura a base de argila em uma construção na Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba, Araçuaí (MG)	41
Figura 12 — Dança dos povos indígenas, Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba	41
Figura 13 — Espécie classificada em grau de ameaça "Vulnerável", <i>Melanoxylon brauna</i> Schott (Braúna) – Família Fabaceae	79
Figura 14 — Espécies endêmicas do Brasil citadas pelos participantes da pesquisa	80
Figura 15 — Diagrama de Venn que relaciona as plantas citadas com as comunidades tradicionais estudadas	84
Figura 16 — Espécies e seus usos cosméticos citados pelas comunidades estudadas	123
Figura 17 — Espécie com maior Índice de Importância Relativa (IR) entre as comunidades estudadas	134
Figura 18 — Espécie com maior Índice de Concordância de Uso corrigido (CUPc) entre as comunidades estudadas	137

Gráfico 1— Frequência (%) de participantes da pesquisa segundo a faixa etária	55
Gráfico 2 — Frequência relativa (%) dos participantes da pesquisa segundo o grau de instrução	56
Gráfico 3 — Relação entre o uso de plantas cultivadas e silvestres e os gêneros masculino e feminino	66
Gráfico 4 — Relação entre o uso de plantas nativas e exóticas com o gênero masculino e feminino	67
Gráfico 5 — Relação entre o uso de plantas nativas e exóticas com a faixa etária	68
Gráfico 6 — Origem das espécies citadas para uso medicinal e/ou cosmético pelas comunidades quilombolas Baú e Arraial dos Crioulos e comunidade indígena Cinta Vermelha-Jundiba	78
Gráfico 7 — Famílias botânicas com maior número de espécies citadas pelos participantes das comunidades quilombolas Baú e Arraial dos Crioulos e comunidade indígena Cinta Vermelha-Jundiba	81
Gráfico 8 — Hábito das plantas utilizadas pelas comunidades tradicionais Arraial dos Crioulos, Baú e Cinta Vermelha-Jundiba, Araçuaí (MG)	82
Gráfico 9 — Principais partes das plantas utilizadas no preparo das formulações nas comunidades quilombolas Arraial dos Crioulos e Baú e na comunidade indígena Cinta Vermelha-Jundiba	119
Gráfico 10 — Principais formas de preparo das formulações populares nas comunidades quilombolas Arraial dos Crioulos e Baú e na comunidade indígena Cinta Vermelha-Jundiba	120
Gráfico 11 — Usos cosméticos das plantas nas comunidades quilombolas Baú e Arraial dos Crioulos e na comunidade indígena Cinta Vermelha-Jundiba	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Distribuição dos entrevistados entre as comunidades segundo o gênero	54
Tabela 2 — Opinião dos participantes sobre a pesquisa	58
Tabela 3 — Motivos pelos quais os integrantes das comunidades tradicionais do município de Araçuaí (MG) concordaram em participar da pesquisa	59
Tabela 4 — Expectativas dos participantes para as suas comunidades tradicionais com os resultados da pesquisa	61
Tabela 5 — Origem dos conhecimentos sobre o uso de plantas para fins medicinais e/ou cosméticos em comunidades tradicionais de Araçuaí-MG	62
Tabela 6 — Formas de aquisição dos conhecimentos tradicionais pelos participantes da pesquisa	63
Tabela 7 — Motivos pelos quais os participantes da pesquisa transmitem os conhecimentos tradicionais aos mais jovens	64
Tabela 8 — Formas de transmissão dos conhecimentos tradicionais utilizadas pelos participantes da pesquisa	64
Tabela 9 — Informações relativas ao Hábito, Ocorrência, Domínio Fitogeográfico, Origem, Endemismo e Integridade das plantas citadas pelas comunidades quilombolas Baú e Arraial dos Crioulos e Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba	70
Tabela 10 — Uso popular das plantas nas comunidades quilombolas Arraial dos Crioulos e Baú e na comunidade indígena Cinta Vermelha-Jundiba	86
Tabela 11 — Uso popular de plantas em associação nas comunidades quilombolas Arraial dos Crioulos e Baú e na comunidade indígena Cinta Vermelha-Jundiba	111
Tabela 12 — Categorias de doenças ou problemas citados pelas comunidades quilombolas Arraial dos Crioulos e Baú e pela comunidade indígena Cinta Vermelha-Jundiba para tratamento com plantas medicinais	124
Tabela 13 — Índice de importância relativa (IR), Índice de concordância de uso (CUP), Índice de concordância de uso corrigido (CUPc) e Fator de correção (FC) das espécies identificadas	128
Tabela 14 — Categorias de uso e indicações terapêuticas das espécies de maior Índice de Importância Relativa (IR) nas comunidades tradicionais estudadas	135
Tabela 15 — Espécies com maior Índice de Concordância de Uso corrigido (CUPc) entre as comunidades e estudos científicos publicados sobre o seu uso principal	138

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 OBJETIVOS	21
2.1 Objetivo Geral	21
2.2 Objetivos Específicos	21
3 REFERENCIAL TEÓRICO	21
3.1 Etnociência e Etnobiologia	21
3.2 Etnobotânica e Etnofarmacologia	23
3.3 Plantas Medicinais	26
3.4 Comunidades Tradicionais	28
3.4.1 Comunidades Quilombolas	29
3.4.1.1 Comunidade Quilombola Baú (Araçuaí, MG)	30
3.4.1.2 Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos, Araçuaí (MG)	34
3.4.2 Comunidades Indígenas	37
3.4.2.1 Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba, Araçuaí (MG)	38
3.5 Biodiversidade em Araçuaí, MG	42
3.5.1 Mata Atlântica	43
3.5.2 Cerrado	44
3.5.3 Caatinga	45
4 MÉTODOS	47
4.1 Área de Estudo	47
4.2 Procedimentos para coleta de dados	47
4.3 Participantes da pesquisa	48
4.4 Coleta de Dados	49
4.4.1 Entrevista	49
4.4.2 Coleta e identificação botânica das espécies vegetais	49
4.5 Análise dos dados coletados	50
4.5.1 Análise quantitativa de dados	51
4.6 Benefícios aos informantes-chaves e suas localidades	53

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	53
5.1 Perfil dos participantes da pesquisa	53
5.2 Opinião, anseios e expectativas das comunidades sobre a pesquisa	57
5.3 Dados sobre os conhecimentos tradicionais	61
5.4 Levantamento etnobotânico	65
5.5 Plantas e seus usos medicinais e/ou cosméticos	84
5.6 Análise quantitativa de dados etnobotânicos	127
6 CONCLUSÃO	139
REFERÊNCIAS	141
ANEXOS	159

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Convenção sobre Diversidade Biológica:

A diversidade biológica é a variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas. (BRASIL, 2000, p.9).

O Brasil é reconhecido pela sua alta biodiversidade, sendo um dos países que apresenta a maior biodiversidade vegetativa do mundo (ASSIS JUNIOR, 2012). Essa riqueza e variabilidade da flora brasileira se devem, especialmente, à vasta extensão territorial do país, que abrange diversas condições geográficas e climáticas que delimitam os diferentes biomas encontrados (SILVA, 2013).

O Brasil possui seis biomas, além da zona costeira e marinha, que apresentam um número expressivo de espécies diferentes (FERREIRA; SAMPAIO, 2013). Mas a riqueza e diversidade no Brasil vai além da biológica. A cultura brasileira é riquíssima, proveniente das várias etnias que compõem a sua população. De maneira geral, etnia é a identificação de grupos humanos que possuem características biológicas e culturais semelhantes, além de possuir vínculo a um território ou terra de origem (OLIVEIRA, 2002). Entre as várias etnias que compõem a população brasileira pode-se destacar as etnias de origem indígena, ocupantes do território brasileiro no período pré colonial, as etnias de origem europeia que colonizaram esse território e as etnias de origem africana que chegaram no Brasil durante o período da escravidão.

Alguns desses povos que formam a população brasileira ainda mantêm seus conhecimentos tradicionais, linguagem própria, hábitos, rituais religiosos e vivem em comunidades isoladas. A grande maioria desses povos guarda também conhecimentos passados de geração para geração sobre a biodiversidade e seus mais diversos usos.

Quanto a esses conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade, pode-se dizer que há mais de 220 etnias indígenas e outras diferentes comunidades que mantêm esses conhecimentos; e com eles, se demonstra o grande potencial de uso dos recursos naturais (FERREIRA; SAMPAIO, 2013). Esse conhecimento sobre a natureza preservado pelas comunidades tradicionais é um fator importante para a descoberta de substâncias tóxicas e medicamentosas. Os grandes avanços obtidos nas pesquisas com produtos naturais ocorreram

a partir de estudos e observações dos hábitos de povos tradicionais (VIEGAS JR; BOLZANI; BARREIRO, 2006).

Sob o ponto de vista terapêutico, pode-se dizer que a saúde é dependente da biodiversidade, pois a grande maioria dos princípios ativos que são utilizados hoje na medicina é proveniente de recursos naturais (FERREIRA; SAMPAIO, 2013). Esses princípios ativos quando não isolados diretamente dos recursos naturais (fármacos naturais), são substâncias provenientes de recursos naturais que sofreram modificação laboratorial na estrutura molecular (fármacos semi-sintéticos) ou são substâncias totalmente sintetizadas em laboratório (fármacos sintéticos), com estruturas baseadas em compostos naturais, como por exemplo, o ácido acetilsalicílico, princípio ativo da Aspirina[®]; sua estrutura molecular sintetizada em laboratório foi baseada na salicina, substância natural isolada da casca do caule de *Salix alba* L. (salgueiro).

Observando todos os fármacos aprovados entre 1981 e 2014, com exceção de vacinas e produtos biológicos, aproximadamente 33% eram fármacos naturais inalterados, misturas botânicas definidas ou derivados de fármacos naturais e cerca de 18% eram fármacos sintéticos com grupo farmacofórico, grupo funcional responsável pelo efeito farmacológico, baseado em produtos naturais. Mais de 50% dos fármacos aprovados nesse período tiveram contribuição dos produtos naturais. Além disso, aproximadamente 14% dos fármacos sintéticos aprovados nesse intervalo de tempo eram imitadores de produtos naturais, ou seja, atuam competindo com o substrato natural pelo mesmo sítio receptor. Esses dados demonstram o papel cada vez maior que os produtos naturais e/ou estruturas dos produtos naturais têm desenvolvido na área da saúde, especificamente na área de descoberta e desenvolvimento de fármacos (NEWMAN; CRAGG, 2016).

Há ainda uma infinidade de possíveis medicamentos a serem descobertos. Porém, para garantir a existência desses recursos vegetais em pesquisas futuras é necessário implantar hoje políticas que garantam a sua preservação, pois, apesar da crescente e expressiva utilização dos recursos naturais em medicamentos, há centenas de plantas medicinais correndo risco de extinção (FERREIRA; SAMPAIO, 2013).

A etnobotânica é uma ferramenta que pode ajudar nesse sentido. Através de estudos etnobotânicos é possível conhecer a relação do ser humano com os recursos vegetais presentes no ambiente em que vive. Esses estudos desempenham um importante papel no resgate dos conhecimentos populares pois promovem a valorização desses conhecimentos e, através do registro, contribuem para que não se percam com o tempo. Além disso, ainda podem proporcionar novos conhecimentos sobre as plantas e servir como base para a

definição de estratégias de uso racional e de preservação das espécies nativas, assumindo, dessa forma, outro importante papel que é a conservação do ambiente local (OLIVEIRA, 2012; PERUCCHI, 2009).

É notável a importância dos estudos etnobotânicos a nível mundial. No Brasil em particular, esses estudos são necessários, já que o país apresenta uma das floras mais ricas do mundo em que grande porcentagem dela ainda é desconhecida quimicamente. Além disso, como já exposto, o Brasil possui uma grande diversidade cultural e conseqüentemente, muitos conhecimentos tradicionais, que podem ser perdidos ou alterados com o tempo e que poderiam contribuir na descoberta de novos agentes terapêuticos (OLIVEIRA, 2007).

Há um risco real de perda desses conhecimentos tradicionais já que estão sob ameaças constantes, influenciadas pela medicina ocidental moderna ou pelo desinteresse dos mais jovens, o que interrompe a transmissão desse saber entre as gerações (FRANCO; BARROS, 2006). Há dois tipos de mudança cultural, uma é resultante do dinamismo dentro da própria cultura, através de processos de descobertas e invenções e sem interferências externas; a outra ocorre através da comunicação entre culturas por meio da globalização e da inserção de tecnologias nas sociedades. Esse segundo tipo de mudança é mais rápido e é perceptível. (LARAIA, 2001).

A globalização e os avanços tecnológicos levam às mais diversas mudanças nos hábitos das culturas locais, sejam elas em relação à alimentação, à vestimenta, à linguagem ou ao cuidado com a saúde (LIMA; NASCIMENTO; FARIAS, 2016). Uma das mudanças advindas da era tecnológica e que interfere diretamente na transmissão dos conhecimentos tradicionais é o papel do idoso em algumas sociedades. Antes o idoso era visto, em suas comunidades, como o guardião dos conhecimentos, aquele que repassava todo o aprendizado e experiências aos mais jovens. Após a inserção tecnológica, a atenção dos mais jovens foi atraída pelos meios de comunicação, fazendo com que o idoso perdesse um pouco seu espaço e papel de transmissor oral dos conhecimentos tradicionais (DIAS, 2014).

Outro fator que pode ser citado como responsável pela perda dos conhecimentos tradicionais é a alteração do ambiente natural, com diminuição da biodiversidade. A urbanização acelerada e o crescimento da população humana altera o meio ambiente, incluindo desmatamentos, poluição, queimadas e, com isso, aumenta o risco de extinção de espécies vegetais medicinais. O registro do conhecimento tradicional é a solução para evitar que ele continue se perdendo com o passar do tempo (ALBUQUERQUE, 2005; AMOROZO, 2002; BRANDÃO *et al.*, 2008).

Estudos sobre os recursos medicinais em comunidades tradicionais são muito importantes e se tornaram necessários, já que se corre o risco de perder não somente as espécies nativas potencialmente úteis, mas também o conhecimento que orienta seu uso (BRITO; SENNA-VALLE, 2011).

A região da pesquisa foi escolhida observando sua riqueza cultural e presença de várias comunidades tradicionais que carregam conhecimentos únicos, característicos da região em que vivem e repassados entre as gerações. Além disso, é uma região com grande variedade biológica, por se tratar de uma região de ecótono entre os biomas Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga. Mesmo apresentando toda essa riqueza da flora e cultura, não foram encontrados na literatura pesquisada, registros de estudos dessa natureza na região. Esse tipo de estudo nessa região é necessário, pois há várias plantas nativas que eram encontradas facilmente no passado e hoje são raras, sendo encontradas apenas em pontos específicos. Além da importância que o trabalho teve em resgatar e registrar os conhecimentos tradicionais de comunidades indígena e quilombolas do município de Araçuaí (MG) e promover, de maneira indireta, a valorização das espécies úteis, ele também poderá servir de base para pesquisas futuras, podendo contribuir com a descoberta de novas substâncias ou produtos terapêuticos.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Resgatar e registrar os conhecimentos tradicionais sobre o uso de plantas como agentes terapêuticos e cosméticos em comunidades tradicionais indígena e quilombolas do município de Araçuaí, Minas Gerais.

2.2 Objetivos Específicos

Obter o grau de importância das plantas citadas pelas comunidades através de tratamento matemático dos dados coletados com emprego de cálculos comuns em etnobotânica.

Perceber, de modo geral, como os conhecimentos tradicionais vêm se mantendo entre as pessoas das comunidades com o passar do tempo.

Traçar um perfil da média de idade e do nível médio de escolaridade dos detentores dos conhecimentos tradicionais (informantes-chaves).

Verificar a opinião, anseios e expectativas da comunidade sobre essa pesquisa.

Coletar, obter as coordenadas geográficas e identificar botanicamente as plantas medicinais citadas pelos informantes-chaves.

Correlacionar as espécies de maior importância dentro das comunidades e seus usos medicinais e/ou cosméticos com estudos científicos publicados sobre essas espécies.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Etnociência e Etnobiologia

A Etnociência é o campo de estudo que tem como foco os conhecimentos mantidos por diferentes populações sobre os processos naturais, sejam eles conhecimentos simbólicos ou práticos (COSTA, 2008). Esses estudos etnocientíficos são bastante amplos, abrangendo desde a análise sobre a definição do ambiente até a utilização e aproveitamento dos recursos naturais pelos diferentes povos e suas culturas. É a ciência que interliga as ciências humanas e sociais às ciências naturais (BAPTISTA, 2007).

Essa área do conhecimento surgiu a partir de propostas científicas realizadas no final do século XIX que buscavam registrar o uso do ambiente, animais e plantas, por diferentes culturas. Mas foi somente entre os anos 50 e 60 (séc. XX) que ela se concretizou e desenvolveu como ciência (ROSA; OREY, 2014). A partir desse momento a Etnociência foi adquirindo o seu espaço e mostrando a sua importância, especialmente em relação ao meio ambiente e seus problemas atuais tão preocupantes.

Ao resgatar os conhecimentos preservados por uma determinada cultura sobre suas relações com a natureza e com o local em que vive, a Etnociência pode servir como base para o desenvolvimento de ações que visem à conservação do meio ambiente. Uma vez que esses conhecimentos são resultantes de anos de prática e de experimentação em busca das formas mais sustentáveis de uso dos recursos naturais (RIBEIRO, 2012).

As relações das populações com o ambiente natural em que vivem são muito diversificadas, o que impossibilita o estudo completo e aprofundado de cada relação por apenas uma ciência, dessa forma, para se obter estudos especializados foi necessário ramificar a Etnociência (PEREIRA; DIEGUES, 2010). Dessa ramificação originou-se campos como a Etnoecologia e Etnobiologia (OLIVEIRA JUNIOR; SATO, 2008). Apesar de cada campo ter um foco de estudo diferente, todas as subdivisões da Etnociência têm como base estudar, resgatar e registrar os conhecimentos e experiências dos povos tradicionais (RIBEIRO, 2012).

Segundo o antropólogo norte-americano Darrell Posey:

A etnobiologia é essencialmente o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da Biologia. Em outras palavras, é o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes. Neste sentido, a Etnobiologia relaciona-se com a Ecologia humana, mas enfatiza as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudos. (POSEY, 1987).

Um importante papel desempenhado, indiretamente, pela Etnobiologia é o de mediador intercultural. Essa ciência faz a junção entre a cultura do pesquisador com a cultura dos povos pesquisados, desenvolvendo em ambos a compreensão e o respeito pela diferença ao mesmo tempo em que promove a troca de conhecimentos entre eles (PERUCCHI, 2009).

É notável a importância dos estudos etnobiológicos, seja para a manutenção dos recursos naturais, para a preservação das sociedades e dos seus conhecimentos tradicionais ou para a aproximação intercultural. Porém, a valorização e o volume de estudos científicos sobre essa área, se comparada às outras linhas da Biologia, ainda são escassos. Esse crescimento lento dos estudos etnobiológicos pode ser justificado pelo seu caráter

multidisciplinar, o que exige uma nova metodologia de pesquisa que, por se tratar de uma ciência nova, ainda está em desenvolvimento (COSTA, 2008). Além disso, os estudos etnobiológicos ainda não possuem um espaço e estrutura sólida nas instituições de ensino (SENNA-VALLE, 2010).

A Etnobiologia, a nível mundial, é dividida em subáreas como Etnozoologia, Enotaxonomia, Etnofarmacologia e Etnobotânica (LOSS, 2013). A Etnobotânica, ciência voltada para o resgate dos conhecimentos tradicionais relacionados à flora, tem se destacado em número de pesquisas de Etnociências (BORGES, 2007).

3.2 Etnobotânica e Etnofarmacologia

A Etnobotânica surgiu no final do século XIX como uma ciência interdisciplinar, conciliando os conhecimentos da Botânica aos conhecimentos da Antropologia. O termo "Etnobotânica" tem seu primeiro registro datado em 1896 no artigo *The purposes of ethnobotany* do norte-americano John W. Harshberger (ALBUQUERQUE *apud* MAMEDE, 2015).

O principal objetivo dessa ciência é resgatar e registrar as formas de uso e de manuseio das plantas pelos diferentes povos (ALCORN *apud* SOUSA, 2010). Outro objetivo que pode ser citado é o retorno dos conhecimentos registrados aos povos estudados, promovendo a valorização desses conhecimentos e dos recursos vegetais nas comunidades e, conseqüentemente, melhorando a qualidade de vida dessas pessoas (MARTIN *apud* LIMA, 1996).

Pesquisas científicas no geral devem sempre desencadear um retorno às pessoas, participantes da pesquisa, e às comunidades onde o conhecimento foi gerado. Em pesquisas etnobotânicas o retorno deve ser planejado visando o desenvolvimento das comunidades, observando o que elas necessitam e o que elas, em prol do bem comum, desejam. Além disso, devem estar incluídas nas atividades de retorno, informações que promovam a valorização dos conhecimentos provenientes dessas comunidades. São consideradas como forma de retorno, a devolução dos dados coletados e sistematizados como documento impresso aos participantes da pesquisa e às comunidades envolvidas; reuniões e apresentações orais dos resultados; reconhecimentos através de agradecimentos em publicações e projetos de extensão desenvolvidos nas comunidades (OLIVEIRA, 2012).

A obtenção dos dados em pesquisas etnobotânicas pode ser realizada através de entrevistas, aplicação de questionários, conversas informais, coleta de amostras vegetais, depoimentos, fotografias. Em todas essas formas de coleta de dados o que se quer obter são

informações a respeito das relações das comunidades com a flora (MARTIN *apud* BORGES, 2007). Essas relações podem ser de vários tipos, fazendo com que os estudos etnobotânicos sigam várias vertentes e apresentem resultados diversos como, por exemplo, a descoberta de novas substâncias naturais com funções terapêuticas, substâncias para uso industrial, produtos para construção, compostos inseticidas, produtos com função cosmética ou como fonte alimentícia. Podem apresentar também novas aplicações ou novas formas de uso para substâncias ou produtos vegetais que já eram conhecidas e utilizadas (ALBUQUERQUE *apud* MAMEDE, 2015).

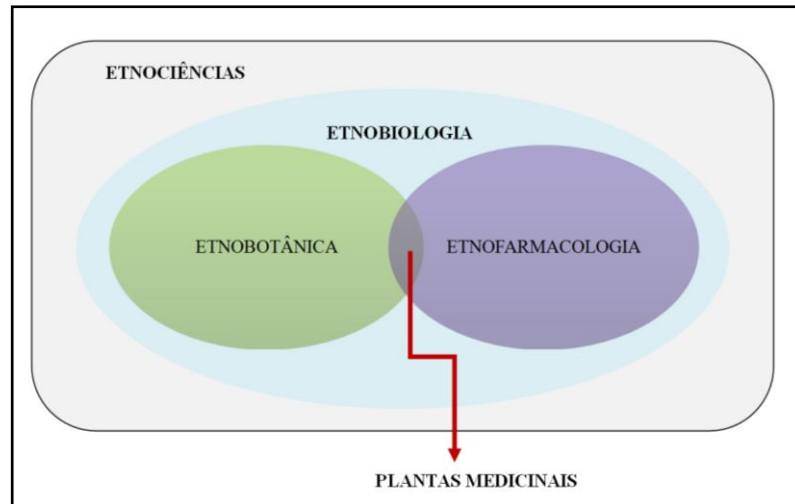
Independente de qual vertente a pesquisa etnobotânica siga, ela sempre desempenhará um importante papel na conservação da biodiversidade, por fornecer embasamento para o desenvolvimento de estratégias de uso sustentável dos recursos naturais (ALBUQUERQUE, 2008) e também por promover o interesse por esses recursos ao propagar suas utilidades e seus benefícios. Infelizmente essa exposição do conhecimento pode, por outro lado, trazer consequências negativas como por exemplo, atrair ações de biopirataria.

Outra importante função que esses estudos apresentam é a de resgatar e preservar os conhecimentos tradicionais ao mesmo tempo em que promovem a valorização cultural, especialmente dentro das comunidades estudadas. Esse fator é muito importante já que as comunidades tradicionais sofrem pressões culturais, o que faz com que vários grupos ou integrantes das comunidades, especialmente os mais jovens, passem pelo processo de aculturação, mudança de comportamentos e de valores tradicionais, o que pode resultar no esquecimento dos conhecimentos que perpetuaram entre várias gerações (SCHIAVON, 2015).

Nas últimas décadas as pesquisas etnobotânicas tiveram um grande crescimento, especialmente na América Latina, com destaque para o México, a Colômbia e o Brasil (HAMILTON *et al. apud* OLIVEIRA *et al.*, 2009). Entre as várias vertentes da Etnobotânica, a que tem se sobressaído é a voltada para o estudo de plantas com aplicações medicinais (PINTO; AMOROZO; FURLAN, 2006).

Ao se concentrar nesses estudos das relações das sociedades com a flora para aplicação medicinal, dois campos da Etnobiologia se comunicam (FIG. 1), tanto a Etnobotânica quanto a Etnofarmacologia possuem uma área de estudos voltada para as plantas medicinais.

Figura 1 — Esquema relação entre Etnobotânica e Etnofarmacologia



Fonte: Elaborado pelo autor.

O que diferencia essa área comum de uma ciência para outra é que na Etnobotânica os estudos são baseados no levantamento e registro de dados sobre o uso medicinal das plantas em comunidades tradicionais abrangendo também a coleta e identificação taxonômica dessas plantas (LEAL, 2008). Já na Etnofarmacologia, além de obter informações nas comunidades sobre o uso medicinal dos recursos da flora, ainda são realizados testes químicos e farmacológicos para verificar eficácia e toxicidade dos agentes biológicos (ELISABETSKY, 2003). Pode-se dizer, nesse caso, que o levantamento etnobotânico é o primeiro passo para a realização de pesquisa etnofarmacológica.

Os estudos etnofarmacológicos podem servir como base para selecionar espécies a serem utilizadas em pesquisas de substâncias bioativas. Estudos químicos e farmacológicos para descoberta de novos compostos terapêuticos realizados com base no uso tradicional tem apresentado resultados melhores do que os estudos que utilizam outras metodologias de seleção de espécies (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006). A Etnofarmacologia pode ser considerada um atalho para a descoberta e desenvolvimento de fármacos, beneficiando economicamente as pesquisas por substâncias bioativas (SILVA, 2010).

É importante ressaltar que a Etnofarmacologia não se concentra apenas nos estudos sobre o uso medicinal dos recursos vegetais por comunidades tradicionais, ela analisa o uso medicinal de todo e qualquer recurso natural, seja plantas, animais ou minerais, por essas comunidades (NUNES, 2016).

Há ainda um grande número de recursos naturais, utilizadas popularmente com finalidades terapêuticas, que precisam ser registrados e analisados quanto à sua composição

química e à sua ação fisiológica (CHAMILCO *apud* MATA, 2009). No Brasil, que apresenta uma das maiores diversidades biológicas do planeta aliada a uma alta diversidade cultural, esses estudos podem apresentar resultados que beneficiarão, especialmente, os países em desenvolvimento que sofrem com doenças negligenciadas e com o alto custo dos tratamentos ofertados atualmente (QUIRINO, 2015).

Dentre os recursos naturais utilizados com fins terapêuticos, as plantas apresentam maior frequência e diversidade de uso. Elas também tem se destacado, em relação aos outros recursos naturais, como tema em pesquisas recentes.

3.3 Plantas Medicinais

Planta medicinal pode ser definida como todo vegetal utilizado pelo homem com finalidades terapêuticas. Os conhecimentos sobre o uso das plantas pela humanidade se confundem com sua própria história. Pode-se dizer que as plantas foram essenciais para a sobrevivência do homem primitivo pois eram o principal recurso utilizado na cura de doenças. Todo esse conhecimento sobre o uso das plantas para atender as necessidades básicas foi adquirido através de experimentações, tentativas e de observações dos comportamentos dos animais (ALMEIDA, 2011).

O primeiro documento escrito sobre o uso medicinal da flora é o Pen T'sao, datado em 2800 a.C.. Esse registro originou-se através de estudos do imperador chinês Sheng Nung sobre as plantas medicinais, e nele constava a descrição de 360 espécies. Esse número aumentou consideravelmente com o passar do tempo, pois a cada dinastia havia inclusão de novas espécies (CAVALLAZZI, 2006). Um dos documentos mais importantes para a história da Farmácia é o Papiro de Ebers, datado em 1550 a.C., ele foi encontrado no Egito e publicado pelo egiptólogo alemão Georg Ebers. Em seu conteúdo consta a descrição de 811 receitas (MENEZES, 2005).

No Brasil, o uso de plantas para fins medicinais se iniciou antes da colonização. Os povos indígenas que habitavam o território brasileiro possuíam muitos conhecimentos sobre as propriedades medicinais da flora e fauna nativas e faziam uso desses recursos. Infelizmente não há registros escritos pelos índios sobre esses conhecimentos, mas grande parte deles se mantém até os dias atuais devido à transmissão oral entre as gerações indígenas, à absorção pelos colonizadores e por outras etnias e aos registros escritos pelos colonizadores, aventureiros e naturalistas que estiveram no Brasil no século XIX (SANTOS, 2009).

Pode-se dizer que no Brasil os conhecimentos atuais sobre o uso da flora nativa para tratamento de doenças são provenientes da junção entre os conhecimentos da cultura indígena, europeia, africana e asiática. Todos os povos que chegavam ao Brasil absorviam os conhecimentos indígenas sobre as plantas medicinais e os utilizavam para suprir suas necessidades, mas ao mesmo tempo também repassavam seus hábitos e conhecimentos culturais aos índios e às outras etnias presentes. Na maioria das vezes, além dos conhecimentos, esses povos também introduziam no Brasil as espécies medicinais originárias de seus países (CONDE, 2012). Hoje muitas dessas espécies exóticas, como por exemplo a babosa e a hortelã, são mais conhecidas e mais utilizadas do que algumas espécies nativas (BRANDÃO; DINIZ; MONTE-MÓR, 2004 *apud* BRANDÃO *et al*, 2008).

Os conhecimentos populares sobre o uso de plantas com aplicação medicinal se perpetuaram entre as gerações e com isso despertaram o interesse de pesquisadores que têm investido em estudos na busca de substâncias biologicamente ativas. Muitos medicamentos utilizados hoje na medicina convencional se desenvolveram com os resultados dessas pesquisas. As plantas medicinais são muito importantes para a descoberta e desenvolvimento de fármacos, podendo ser fonte direta ou indireta de substâncias farmacologicamente ativas. Como fonte indireta, as substâncias presentes nos vegetais servem como material de partida para semissíntese ou como modelo para o desenvolvimento e síntese de agentes terapêuticos (WHO, 1998).

Estudos químicos e farmacológicos com plantas medicinais revelam também substâncias tóxicas. Dessa forma, esses estudos podem ser utilizados para orientar a população sobre o uso correto dessas plantas, evitando prejuízos à saúde. Um exemplo que pode ser citado é o do *Symphytum officinale* L., o confrei, planta originária da Europa e da Ásia, introduzida e utilizada no Brasil popularmente durante muito tempo, por via tópica como cicatrizante e por via oral para o tratamento de doenças gastrointestinais, como úlceras. A ação cicatrizante se deve à presença de alantoína. Porém, através de estudos sobre a planta foi descoberta a presença de alcalóides pirrolizidínicos, que são substâncias comprovadamente hepatotóxicas e cancerígenas. Atualmente, o uso do confrei por via oral não é recomendado e seu uso tópico deve ocorrer somente durante períodos curtos (DIAS *et al*, 2013).

É notável a importância de estudos sobre as plantas medicinais para a garantia do uso racional, seguro e eficaz desses recursos. Apesar do surgimento e expansão dos tratamentos modernos, os recursos naturais continuam sendo a única ou a principal alternativa para tratamento e prevenção de doenças em muitas comunidades, seja por falta de condições

financeiras das pessoas, pela distância que se encontram dos centros urbanos ou pela crença de que os tratamentos convencionais não são tão eficazes quanto os tradicionais.

A OMS reconhece que grande parte da população mundial faz uso de plantas medicinais para tratar ou prevenir doenças e que parcela significativa da população dos países em desenvolvimento depende da medicina tradicional para atenção primária (BRASIL, 2006a). Ela também reconhece que essas plantas são importantes para a manutenção da saúde e recomenda os estudos científicos sobre elas e a difusão dos conhecimentos necessários para promover o uso racional (BRASIL, 2006b).

Além desses estudos que verificam as substâncias ativas, a toxicidade e a eficácia das plantas medicinais, há também os estudos etnobotânicos que desempenham papel fundamental no resgate e registro dos conhecimentos populares sobre o uso de plantas, garantindo que eles não se percam com o tempo. A partir de levantamentos etnobotânicos uma série de pesquisas podem ser realizadas com as plantas medicinais, sob diversos aspectos, tais como farmacológico, químico, toxicológico, agrônômico, ecológico, antropológico, etc.

3.4 Comunidades Tradicionais

As comunidades ou sociedades tradicionais são grupos de pessoas que se diferenciam pela cultura que possuem e que mantêm preservada entre várias gerações através da transmissão oral. Esses povos vivem de maneira mais ou menos isolada, com características próprias de organização social e se relacionam intimamente com os recursos naturais. Essas relações são marcadas por formas particulares de manejo, prevalecendo o respeito aos ciclos naturais, o uso sustentável e a preservação dos ecossistemas (DIEGUES *et al*, 2000).

A organização econômica nessas comunidades visam prioritariamente o sustento, possuindo um reduzido acúmulo financeiro. As principais atividades são a agricultura, pecuária, pesca e artesanato (COSTA, 2013).

Além dessa maneira singular como vivem, um dos pontos mais relevantes para a caracterização de comunidades tradicionais é reconhecerem-se como parte de um grupo social específico, que possui particularidades e identidade própria (DIEGUES *et al*, 2000).

Esses povos detêm conhecimentos teóricos e práticos valiosos sobre o mundo natural e sobrenatural, que foram adquiridos através de experimentações ao longo do tempo como forma de adaptação ao ambiente. Esses conhecimentos são definidos como

conhecimentos tradicionais (DIEGUES *et al*, 2000, POSEY *apud* COSTA, 2013) e fazem parte da construção histórica de um povo, por isso, devem ser protegidos (COLAÇO; SPAREMBERGER, 2010).

Apesar da importância das comunidades e conhecimentos tradicionais, a urbanização e globalização tem sido uma ameaça a eles. Esses processos impõem padrões e crenças, levam à inversão de valores e à mudanças culturais e fazem com que os conhecimentos e os hábitos de uma cultura sejam vistos como ultrapassados. Isso é preocupante, já que uma das consequências dessa transformação imposta pela modernização é a perda dos conhecimentos tradicionais, podendo ainda, em situações mais extremas, levar à perda da identidade desses povos (HOEFFEL *et al*, 2011; LEAL, 2012).

Entre as várias populações tradicionais existentes pode-se citar como exemplos, comunidades caiçaras, comunidades quilombolas, comunidades ribeirinhas, pescadores artesanais e povos indígenas (DIEGUES *et al*, 2000).

3.4.1 Comunidades Quilombolas

Os quilombos se originaram no Brasil principalmente a partir da resistência dos escravos contra as formas violentas de trabalho. Uma das maneiras encontradas para se libertarem desse sistema foi a fuga das senzalas de forma individual ou coletiva. Os escravos fugitivos se uniam em regiões de difícil acesso formando populações que receberam o nome de quilombos (ROSA, 2013). O quilombo não era restrito a determinada região geográfica, não tinha locais específicos, ele surgia onde havia a escravidão e possuía como características marcantes a organização e resistência (MOURA, 1981).

Outros fatores que levaram à formação dos quilombos foram heranças e doações de terras por fazendeiros, compras de terras pelos escravos, recebimento de terras em troca de serviços prestados em guerras ao Estado e a permanência nas terras ocupadas e cultivadas no interior dos latifúndios (PADILHA; NASCIMENTO, 2013).

É importante ressaltar que a formação dos quilombos não se restringiu ao período da escravidão. Com a abolição da escravatura os quilombos eram formados devido à exclusão e preconceito sofrido pelos negros que não tinham acesso às terras e ao trabalho. Dessa forma, a única possibilidade que muitos negros tinham de liberdade eram os quilombos, onde podiam falar sua língua padrão, praticar seus hábitos culturais e expor suas crenças sem sofrerem desprezo e censura (SILVA, 2009). Nesses territórios eles implantaram seu próprio sistema,

onde as atividades eram realizadas em conjunto, visando solidariedade, coletividade e o bem comum (SANTOS, 2014).

A história da maioria desses quilombos ainda permanece viva no Brasil, assim como seus hábitos, costumes e conhecimentos. Essas histórias e culturas podem ser estudadas através de relatos orais e práticas diárias de seus descendentes, que fazem parte das comunidades denominadas remanescentes de quilombos ou comunidades tradicionais quilombolas (REIS; GOMES *apud* PERUCCHI, 2009).

O artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Federal de 1988 foi um marco vitorioso para os remanescentes de quilombos, que após anos de luta e sofrimento conseguiram ser proprietários das terras em que vivem. Segundo o artigo 68 do ADCT da Constituição Federal, "aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos." (BRASIL, 1988).

No Brasil há mais de 2600 comunidades remanescentes de quilombos certificadas pela Fundação Cultural Palmares (FCP), que é o órgão responsável por formalizar a existência destas comunidades. Em Minas Gerais há 289 comunidades certificadas por esse órgão e em Araçuaí, no estado de Minas Gerais, há 3 comunidades certificadas, sendo elas, a Comunidade Quilombola Baú, Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos e Comunidade Quilombola Córrego do Narciso do Meio (FCP, 2017).

3.4.1.1 Comunidade Quilombola Baú (Araçuaí, MG)

A Comunidade Quilombola Baú, localizada na Fazenda Santana em Araçuaí (MG), representa apenas uma parte dos remanescentes Quilombolas Baú. Segundo informações dos integrantes da comunidade, há diversas famílias pertencentes aos Baú espalhadas em outras zonas rurais, na zona urbana de Araçuaí e em outras cidades.

O acesso à Fazenda Santana é bastante difícil. Situada a 28 quilômetros da cidade de Araçuaí, o percurso conta com três quilômetros de estrada de terra da rodovia até o distrito de Itira, travessia do Rio Jequitinhonha em canoas (FIG. 2) e mais nove quilômetros de estrada de terra até a comunidade. Essa dificuldade no deslocamento para a zona urbana fez com que muitas famílias se mudassem para a cidade. A grande maioria das famílias que saíram da Fazenda Santana se instalaram no bairro urbano Sagrado Coração de Jesus, onde também está localizada a sede da Associação Quilombola Baú.

Figura 2 — Travessia do Rio Jequitinhonha no distrito de Itira, Araçuaí (MG)



Fonte: Portal Férias.

Segundo relatos da comunidade, a história dos Baú se iniciou no século XIX com a chegada do escravo africano Antônio no município de Serro, MG. Antônio, hoje conhecido como Antônio Baú, não suportou o sofrimento e a humilhação que passava com a escravidão e, dessa forma, decidiu fugir de Serro. A busca pela liberdade não foi fácil, era preciso se manter escondido durante o dia e sair a noite por entre as matas até encontrar um local seguro. O caminho, de forma consciente ou não, seguia o fluxo do Rio Jequitinhonha, que tem sua nascente no município de Serro. Nesse percurso ele conheceu e se apaixonou por uma índia, Generosa, com quem se casou. Juntos, Antônio e Generosa, continuaram em busca de um local onde pudessem viver livres, até encontrarem a Fazenda Santana, onde se instalaram e deram início ao Quilombo Baú. Durante uma luta entre negros e índios contra os grandes fazendeiros que queriam tomar posse das terras, Antônio foi pego e novamente escravizado.

No Quilombo Baú, a língua falada era a iorubá, idioma da família linguística nígero-congolesa; a cura das enfermidades era através de orações e plantas; as roupas, utilizadas apenas pelos mais velhos, eram feitas de sacos de açúcar tingidos com lama ou extrato de aroeira. A alimentação vinha como recompensa do trabalho da semana e se restringia a farinha, rapadura e milho. As danças de roda, capoeira e batuques eram constantes e ainda estão presentes na comunidade, sendo repassados entre as gerações (FIG. 3).

Figura 3 — Batuque entre gerações na Comunidade Quilombola Baú



Fonte: *Print screen* do vídeo Batuque da Comunidade Quilombola Baú, 2015 (Youtube).

Há duas versões sobre a origem do nome Baú, a primeira se relaciona com a fuga de Antônio e o local onde se refugiou que tinha o formato de Baú, eram duas serras cobertas e ele se escondia embaixo delas. A outra versão se relaciona com o fato de Antônio fabricar e vender baús, o nome teria se originado a partir de uma referência ao local e à família onde se comprava baús.

Essa arte foi repassada aos seus descendentes assim como a fabricação de panelas e artesanatos de barro, atividade ainda presente na comunidade. Recentemente foi construído um novo forno na comunidade para fabricação de panelas de barro (FIG. 4 e FIG. 5).

Figura 4 — Resquícios de forno que era utilizado para fabricação de artesanatos de barro no Quilombo Baú.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 5 — Forno utilizado atualmente para fabricação de artesanatos de barro na Comunidade Quilombola Baú.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A comunidade mantém muitas características da forma de vida simples dos quilombos. Vivem em coletividade prevalecendo a ajuda mútua, as casas onde moram são de pau a pique (FIG. 6) e as atividades de agricultura e pecuária visam apenas o sustento.

Figura 6 — Casa de pau a pique, Comunidade Quilombola Baú.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

O orgulho e a admiração pelas suas origens é notável em cada integrante da comunidade e isso faz com que eles lutem e se dediquem para que sua história e cultura prevaleçam vivas pelas próximas gerações.

3.4.1.2 Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos, Araçuaí (MG)

A Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos está localizada na zona urbana de Araçuaí, no bairro Arraial dos Crioulos, primeiro bairro a se constituir na cidade. A região da comunidade, apesar de estar localizada em uma área urbana, ainda mantém preservada parte da flora nativa. Essa flora em muitos pontos circunda o Córrego Calhauzinho que passa pelo bairro.

Segundo Geralda Chaves Soares¹, especialista em Gestão de Políticas Públicas em Gênero, Raça e Etnia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), há várias histórias sobre a origem dessa comunidade. Uma delas, a mais conhecida, Geralda teve conhecimento através de um senhor chamado popularmente de Tião Artesão. Nessa versão, um grupo de escravos que trabalhavam numa fazenda próxima à região do Girau, comunidade rural de Araçuaí, cansados do sofrimento a que eram submetidos e da violência constante com que seus donos os tratavam, se revoltaram, matando o dono da fazenda e sua esposa. Durante a fuga receberam ajuda e abrigo de uma aldeia indígena, mas alguns escravos foram capturados e sofreram punições, tais como tortura e morte. Os negros que conseguiram escapar fugiram até chegar em uma área rica em assa peixe, que é uma planta comum da região, essa área é chamada de assapexal. Com a permissão dos donos da terra, eles se instalaram no assapexal e iniciaram o Quilombo Arraial dos Crioulos.

Há registro dessa mesma versão sobre a história do Quilombo Arraial dos Crioulos, datado de 1976. Esse registro foi feito por estudantes do Campus Avançado do Vale do Jequitinhonha (Fundação Projeto Rondon) e se baseia no relato de um morador que foi muito importante para a comunidade durante a década de 70 (séc XX), Seu Juca Pequeno. Seu Juca era curador e possuía muitos conhecimentos sobre plantas, com as quais produzia remédios. Segundo as palavras de Seu Juca Pequeno², a história do Quilombo Arraial dos Crioulos se iniciou da seguinte forma:

¹ A comunidade sugeriu que a aluna de mestrado procurasse Geralda Chaves Soares para obter conhecimentos sobre a história da comunidade. Geralda relatou oralmente essa história.

² O documento original não foi encontrado, o acesso ao relato do Seu Juca Pequeno foi a partir de materiais sobre a Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos, tais como folhas impressas sem autoria e sem data e anotações pessoais.

Um dia os negro da Senzala resolveu matar o Sinhô e a Sinhá que era muito ruim para eles. Mas o Sinhô descobriu. Uma turma de negro foi castigada, a outra foi mandada trabaiaá no cafezal. Outra morreu de pancada. A outra turma era nós. Mesmo assim os negro revoltou e matou os dois.

Sobre a chegada dos negros fugitivos no assapexal, Seu Juca dizia:

Um dia o dono dessa terra aqui viu chegar um tanto de negros. As famílias foi chegando e ia cortando um assapexal que tinha ali embaixo. Ele foi lá e disse: 'ôces pode cortar até ali onde vai o assapexal. Fica sendo seus'.

O Quilombo Arraial dos Crioulos representou a libertação para essas pessoas, onde ganharam o direito de expor seus hábitos e culturas, de plantar e produzir o que queriam e o direito ao trabalho, sem serem escravizados. A cultura dos quilombolas ganhou espaço entre a população do município de Araçuaí, eles começaram a participar da Festa do Rosário, festa tradicional que ocorre anualmente, e a dançar o candombe em determinada época do ano próximo a Estação Ferroviária Bahia- Minas, em Araçuaí (SOUZA, 2012). O candombe é um ritual sagrado do tempo dos escravos, durante a dança eram usadas roupas de algodão tingidas com lama preta, sandálias de couro e chapéu.

Na Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos, por se tratar de um quilombo urbano, a maioria das pessoas vivem hoje a base de aposentadoria ou trabalho assalariado, exercendo as mais diversas funções. A cultura tradicional é bastante valorizada na comunidade, entre os vários exemplos em que ela se faz presente, pode-se citar: o grupo de Folia de Reis (FIG. 7); as festas tradicionais e em comemoração ao dia da consciência negra (FIG. 8) e as apresentações de danças em festas típicas no município de Araçuaí e região.

Figura 7 — Apresentação do Grupo Folia de Reis da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos.



Fonte: *Print screen* do vídeo Folia de Reis do Bairro Arraial dos Crioulos de Araçuaí, 2013 (Youtube).

Figura 8 — Quarto Encontro da Consciência Negra, Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos.



Fonte: Gazeta de Araçuaí (2014).

Os remanescentes quilombolas Arraial dos Crioulos se preocupam com a manutenção e preservação da sua cultura entre as próximas gerações. Há várias oficinas na comunidade ministradas pelos integrantes mais antigos para o ensino dos hábitos culturais aos mais jovens, como por exemplo oficina de artesanatos, de capoeira, de música. A comunidade também busca agregar novos saberes, está em constante aprendizado, participando de palestras, cursos, debates e qualquer evento que envolva comunidades tradicionais e seus conhecimentos. Hoje a Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos sonha em montar uma “farmacinha” de produtos naturais onde possam produzir, expor e vender os remédios que utilizam tradicionalmente.

3.4.2 Comunidades Indígenas

Segundo o Estatuto do Índio, "índio é todo indivíduo de origem e ascendência pré-colombiana que se identifica e é identificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional" (BRASIL, 1973). A origem do nome índio está relacionada com a chegada do navegador italiano Cristovão Colombo e sua expedição ao continente americano. A expedição tinha como destino as Índias, ao chegar em terra firme os tripulantes acreditaram ter chegado ao destino, assim, os povos ali encontrados foram chamados de índios. Não existia nenhuma tribo ou povo com essa denominação até esse momento (LUCIANO, 2006).

Havia nesse novo continente uma diversidade cultural muito grande devido às várias etnias que ali se encontravam, entre elas estavam os incas, tupi-guaranis e astecas, cada etnia carregava seus costumes, língua e tradições. Apesar dessa carga cultural diferente, fisicamente eram todos parecidos, sendo assim, todas as etnias encontradas na América foram chamadas genericamente de índios (GURGEL, 2009). Até hoje a população indígena brasileira é uma mistura de etnias, havendo segundo o IBGE, 305 etnias diferentes falando 274 línguas indígenas (IBGE, 2010b).

Entre os costumes presentes nas várias etnias, está o uso dos recursos naturais para tratar e prevenir doenças. A diversidade da fauna e flora brasileira é bem aproveitada pelos índios. Através de experimentações e observações eles adquiriram muitos conhecimentos sobre esses recursos, sabem diferenciar os que possuem propriedades medicinais dos que são tóxicos e em muitas situações, conseguem eliminar essa toxicidade para que possam utiliza-los (GURGEL, 2009).

Estudos sobre esses conhecimentos são de grande importância, pois garantem que eles sejam preservados com o passar do tempo e além disso, demonstram a esses povos o quanto esses conhecimentos, sua cultura, e seus hábitos são valiosos. Os índios, durante muitos anos, foram obrigados a negar sua cultura, sua identidade e abandonar seus hábitos para que pudessem sobreviver numa sociedade que os discriminava, desprezava e muitas vezes, os massacrava (LUCIANO, 2006). Estudar essa cultura é um pedido de desculpas, uma maneira de assumir que os padrões de sociedade ideal que os obrigava a esquecer suas origens, estavam errados.

Após muitos anos de sofrimento, repressão cultural e lutas, em 1988 com a promulgação da Constituição Federal, a realidade para os povos indígenas começou a mudar.

A partir desse momento eles puderam resgatar sua cultura, reaprender suas línguas, assumir sua identidade e ganharam força para lutar pelos seus direitos (LUCIANO, 2006). Segundo o artigo 231 da Constituição Federativa do Brasil de 1988:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (BRASIL, 1988).

Infelizmente para alcançar seus direitos, os índios no Brasil ainda enfrentam muitos obstáculos, a demarcação das terras indígenas que seria a libertação para esses povos se tornou uma ameaça. Os processos de demarcação nos últimos anos estão bastante lentos, ou mesmo paralisados, devido a pressões de grandes projetos ligados ao desenvolvimento econômico, a atividades agrícolas ou a mineradoras. Esses processos tem sido marcados por cenas de ataque, violência, racismo e até mesmo morte dos povos indígenas, que apesar de tudo permanecem firmes na defesa de seus territórios (TAULI-CORPUZ, 2016).

A Comunidade Indígena Cinta Vermelha- Jundiba em Araçuaí (MG), passou por um longo período de luta para a realização do sonho de ter seu próprio território, desesperançados com a demora no processo de demarcação e na ausência do órgão responsável, a comunidade através do programa Crédito Fundiário do Governo Federal, teve acesso a terra que hoje ocupa (SOARES, 2012). Atualmente a aldeia passa por grandes dificuldades para conseguir pagar esse financiamento.

3.4.2.1 Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba, Araçuaí (MG)

A Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba está localizada na zona rural do município de Araçuaí (MG), a aproximadamente 20 quilômetros do centro da cidade. A aldeia é composto por famílias pertencentes a duas etnias, o povo Pankararu, originário de Pernambuco, e o povo Pataxó, originário da Bahia.

A história de como a aldeia se instalou no município de Araçuaí foi relatada por Geralda Chaves Soares³. Segundo ela, a história se iniciou no período da Ditadura Militar, quando o índio Antônio Ventania Pankararu foi retirado da sua aldeia em Pernambuco e levado para o Reformatório Krenak. O Reformatório Krenak era uma prisão para onde os

³ A comunidade sugeriu que a aluna de mestrado procurasse Geralda Chaves Soares para obter conhecimentos sobre a história da comunidade. Geralda trabalhou durante anos no Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES) e através do seu trabalho, participou ativamente na implantação da Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba em Araçuaí (MG). Geralda relatou oralmente essa história.

índios considerados infratores eram levados, localizava-se na área pertencente ao povo Krenak do município de Resplendor (MG). Um tempo depois da prisão de Antônio, a aldeia dos Pankararu perdeu parte do seu território devido a construção da Usina Hidrelétrica de Itaparica, no Rio São Francisco. Isso fez com que alguns índios abandonassem a região, entre eles, estavam a filha de Antônio e seu marido que se deslocaram para Minas Gerais na esperança de encontrar seu pai. Durante esse percurso, que durou alguns anos, eles se instalaram em muitas aldeias, até serem levados pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para a Fazenda Guarany na cidade de Carmésia (MG). A Fazenda Guarany era também um presídio e lá se encontravam os presidiários do Krenak, transferidos para Fazenda Guarany em 1972, e o povo Pataxó.

O povo Pataxó, originário do Sul da Bahia, passou por vários conflitos com policiais por questões de território, nesses conflitos houve perda de muito território Pataxó, o que fez com que muitas aldeias se desagregassem e os índios se dispersassem. Uma parte se deslocou para Minas Gerais e através da FUNAI foram encaminhados a Fazenda Guarany. A convivência fez com que vários jovens Pankararu se casassem com jovens Pataxó.

No final dos anos 70 a prisão Guarany chegou ao fim, as várias etnias presentes ali começaram a voltar para seu lugar de origem, mas os Pataxó, e conseqüentemente os Pankararu que se casaram com eles, permaneceram na fazenda Guarany. Por volta de 1992 os casais formados entre Pataxó e Pankararu começaram a sonhar com o próprio território. Através do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES), esses povos conseguiram um pedaço de terra doado pela Diocese de Araçuaí. Esse território pertencia ao município de Coronel Murta, que limita com Araçuaí, e lá foi fundada a Aldeia Apukaré em 1994.

Em 2005 mais famílias formadas pelos povos Pankararu e Pataxó se deslocaram para a região de Araçuaí, surgindo a necessidade de obtenção de um território maior. Dessa forma, através do Programa Crédito Fundiário esses povos tiveram acesso a sua própria terra no município de Araçuaí, onde fundaram a Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba. No ano em que a aldeia foi fundada, ela tinha aproximadamente 30 pessoas, hoje ela tem por volta de 14. No final do ano de 2015, a maioria dos índios Pataxó voltaram pra Bahia, por não se adaptarem bem na região seca e também por conflitos de opiniões.

O nome Cinta Vermelha-Jundiba está relacionado com a defesa da vida. Cinta Vermelha é um dos protetores espirituais da cultura Pankararu, ele quem protege a aldeia. Jundiba é uma árvore sagrada para os índios de origem Pataxó, ela possui uma raiz muito grande onde esse povo se escondia, buscando proteção durante as fugas.

A aldeia preza pela preservação da cultura e dos recursos naturais. Ao adquirirem o território perceberam que parte da flora nativa tinha sido destruída pelos antigos proprietários e pelas atividades que desenvolviam, dessa forma, os índios começaram um projeto para reflorestamento do local. Os integrantes mais velhos da aldeia tem uma relação muito forte com os recursos naturais e isso é repassado para as crianças, que aprendem desde cedo a preservar e valorizar o meio ambiente (FIG. 9).

Figura 9 — Crianças organizando mudas de plantas na Aldeia Cinta Vermelha- Jundiba, Araçuaí (MG).



Fonte: *Print screen* do vídeo Aldeia Cinta Vermelha, 2012 (Youtube).

A cultura indígena está presente em toda a aldeia, na sua estrutura, nas cabanas para rituais (FIG. 10), nas pinturas em construções (FIG. 11), nas danças (FIG. 12), nas pinturas corporais, nos artesanatos, no estudo e na prática da língua indígena e nos rituais. Somente a escola da comunidade não segue o padrão de arquitetura tradicional indígena.

Figura 10 — Cabanas para o ritual de casamento da Aldeia Cinta Vermelha Jundiba, Araçuaí - MG.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 11 — Pintura a base de argila em uma construção na Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba, Araçuaí (MG).



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 12 — Dança dos povos indígenas, Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba.



Fonte: *Print screen* do vídeo Aldeia Cinta Vermelha - Araçuaí/MG, 2009 (Youtube).

A comunidade guarda muitos conhecimentos tradicionais dos quais tem muito orgulho, entre eles está o uso de plantas com fins medicinais e cosméticos. O uso das plantas para o tratamento e cura de doenças é muito comum na comunidade, a partir desse hábito e dos conhecimentos que o envolvem escreveram um projeto para o Prêmio Culturas Indígenas do Ministério da Cultura. Esse projeto foi aprovado em 2013 e através dos seus recursos está sendo finalizada a construção da Okhá Kahab: Casa de Saúde, Cura e Harmonia na aldeia. Okhá Kahab é um local para a manipulação de remédios tradicionais a base de recursos naturais e para realização de outras práticas de cura indígena. As plantas usadas popularmente

para fins medicinais e que servirão de base para os remédios da casa de saúde, são cultivadas em uma horta implantada ao lado dessa casa.

Os conhecimentos sobre o uso tradicional da flora brasileira detidos pela Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba são muito amplos e riquíssimos, pois nessa comunidade há a junção dos conhecimentos sobre os recursos do Cerrado e da Caatinga, ligados ao povo Pankararu, com os conhecimentos sobre os recursos da Mata Atlântica, carregados pelo povo Pataxó. Além desses conhecimentos provenientes de suas origens, esses povos agregaram em seus hábitos os conhecimentos de outras etnias com as quais conviveram ao longo de suas histórias (SOARES, 2012).

Araçuaí é o local ideal para que tanto o povo Pankararu quanto o povo Pataxó exerçam as práticas de uso tradicional dos recursos da flora, pois nesse município ocorre um ecótono, coexistindo os biomas Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica.

3.5 Biodiversidade em Araçuaí, MG

O município de Araçuaí foi fundado em 21 de setembro de 1871. O nome Araçuaí é de origem indígena e significa rio das araras grandes, a escolha desse nome está relacionada com o fato do município, que se iniciou as margens do Rio Araçuaí, apresentar uma fauna rica, onde se destacava a grande quantidade de araras (IFNMG, 2017). A riqueza do município não se restringe apenas à fauna, ele também apresenta uma flora bastante diversificada, que são características comuns em regiões de ecótono.

Uma região de ecótono pode ser considerada como uma área de transição que abrange dois ou mais biomas. Essas áreas se caracterizam por possuir uma alta biodiversidade, pois são constituídas por espécies dos biomas coexistentes, podendo ainda possuir espécies endêmicas, que só serão encontradas dentro dessa área de transição (OECO, 2017).

No ecótono que ocorre na cidade de Araçuaí, há transição entre os biomas Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga. Apesar dessa região ter passado por vários desmatamentos e queimadas, que até hoje ocorrem, ela ainda apresenta áreas onde a flora nativa se mantém preservada. Nessas áreas é possível identificar os locais de predominância de cada bioma, assim como as áreas de transição entre eles.

Estudos envolvendo esses três biomas são de grande importância, especialmente para promover a valorização deles, já que possuem um extenso histórico de degradação. Além disso, o volume de pesquisas envolvendo a flora brasileira ainda é pequeno em relação à sua

riqueza e no município de Araçuaí, até o momento, não foram encontradas na literatura científica consultada dados sobre o assunto.

3.5.1 Mata Atlântica

A Mata Atlântica é considerada uma das maiores florestas tropicais do planeta, que abriga um elevado índice de diversidade biológica da fauna e flora. A importância em preservar esse bioma, além da questão biológica, está relacionada com a história do Brasil, pois ele é guardião de um rico patrimônio histórico (BRASIL, 2002). A Mata Atlântica participa da história do Brasil desde a época do descobrimento, servindo na maioria das vezes como fonte inesgotável de recursos. Já passou pela exploração do pau-brasil, pela mineração, pelo desmatamento para ceder lugar a monoculturas e, no momento atual, compete o território com a alta densidade populacional e com o acelerado desenvolvimento industrial (BRASIL, 2010).

Infelizmente foram anos de exploração, que fizeram com que apenas 12,5% da cobertura original desse bioma se mantivesse nos dias atuais (SOSMA, 2015). A perda de uma grande parte da cobertura vegetal da Mata Atlântica resultou na extinção de algumas espécies e em várias outras espécies ameaçadas. Hoje esse bioma, entre os demais biomas brasileiros, é o que apresenta a maior quantidade de espécies de plantas ameaçadas (MARTINELLI; MORAES, 2013).

Apesar dessa alta redução da sua área, a Mata Atlântica ainda é detentora de uma das maiores e mais importantes biodiversidades do planeta (SCHÄFFER; PROCHNOW *apud* GIRALDI; HANAZAKI, 2010). Segundo o Relatório Anual 2015 da Fundação SOS Mata Atlântica (SOSMA), o bioma está presente em 17 estados, abriga mais de 15 mil espécies de plantas, sendo que 8 mil dessas espécies são endêmicas e possui mais de 2 mil espécies de animais vertebrados (SOSMA, 2015).

Todas essas questões fizeram com que a Mata Atlântica fosse considerada como um dos *hotspots* de biodiversidade do mundo (MARTINELLI; MORAES, 2013). *Hotspot* é o termo utilizado para designar áreas que apresentam grande biodiversidade, com altas taxas de endemismo e que, ao mesmo tempo, estão altamente ameaçadas, com espécies em risco de extinção (CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL, 2005).

É preciso implantar com urgência ações que levem à conservação e valorização desse bioma e que, acima de tudo, promovam a conscientização de que cada espécie extinta leva consigo um pedaço do bioma, que talvez ainda nem tenha sido conhecido. Da mesma

forma, essas perdas de biodiversidade levam também recursos que poderiam servir como fonte alimentícia, terapêutica ou cosmética (BRASIL, 2010).

3.5.2 Cerrado

O bioma Cerrado é detentor da formação savânica mais rica do mundo, apresentando pouco mais de 10 mil espécies de plantas, é também a maior região de savana tropical da América do Sul e o segundo maior bioma brasileiro, perdendo apenas para a Amazônia. Assim como a Mata Atlântica, o Cerrado apresenta uma diversidade biológica muito grande, abrigando cerca de 4.400 espécies endêmicas e, ao mesmo tempo, está também entre os biomas mais ameaçados. Devido a essas características o Cerrado é considerado como *hotspot* de biodiversidade do mundo (MARTINELLI; MORAES, 2013; CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL, 2005; BRASIL, 2009).

A velocidade com que a área original nativa do Cerrado tem sido degradada é muito maior do que a dos outros biomas. Os desmatamentos e incêndios juntamente com o avanço tecnológico em práticas agropecuárias e a modernização da agricultura são os grandes responsáveis pela exploração rápida e intensa desse território (BRASIL, 2009). As novas tecnologias empregadas na agropecuária otimizam a produção em larga escala visando a exportação, mas ao mesmo tempo elas podem levar à degradação ambiental. Entre essas técnicas estão o uso de fertilizantes, agrotóxicos e corretivos, irrigação sem controle e o uso abusivo dos solos através da mecanização intensiva. Todas essas técnicas químicas ou mecânicas comprometem a cobertura do solo, as bacias hidrográficas e demais ecossistemas, sendo, dessa forma, uma ameaça à biodiversidade (CUNHA *et al*, 2008).

Apesar de abrigar uma biodiversidade tão rica e ocupar uma extensa área do território brasileiro, esse bioma ainda é pouco estudado. A falta de pesquisas aliada às ameaças que esse ecossistema sofre, aumenta a possibilidade de se perder espécies potencialmente úteis ainda nem conhecidas. É necessário lembrar que os recursos naturais extintos não estarão disponíveis para as próximas gerações, que ficarão privadas de seus benefícios, entre eles, os benefícios terapêuticos que estão presentes em muitos desses recursos (GUARIM NETO; MORAIS, 2003).

As pesquisas voltados para a busca de espécies com propriedades medicinais no Cerrado tendem a apresentar resultados promissores, pois esse bioma é conhecido pelo potencial econômico e medicinal de suas espécies e além disso, por apresentar uma diversidade taxonômica muito grande, ele é também detentor de uma alta diversidade

química, podendo conter substâncias com as mais variadas atividades farmacológicas (GUARIM NETO; MORAIS, 2003; SILVA; MIRANDA; CONCEIÇÃO, 2010).

3.5.3 Caatinga

O nome "caatinga" é de origem indígena Tupi-Guarani e significa "floresta branca". Esse nome provavelmente foi escolhido para designar essa área devido às características que ela adquire durante o período da seca, em que perde as suas folhas, restando apenas os troncos brancos e brilhosos das árvores (ALBUQUERQUE; BANDEIRA 1995; LEAL; TABARELLI; SILVA, 2003).

A Caatinga é considerada um bioma único por sua heterogeneidade e apresenta um número expressivo de táxons raros e/ou endêmicos, estando listados 18 gêneros e 318 espécies endêmicas nesse bioma (GIULIETTI *et al.*, 2002 *apud* GIULIETTI *et al.*, 2003). Além disso, a Caatinga é o único ecossistema exclusivamente brasileiro (LEAL; TABARELLI; SILVA, 2003). Apesar de todos esses fatores que demonstram a sua grande importância, esse bioma é o mais desvalorizado e o menos conhecido botanicamente (GIULIETTI *et al.*, 2003).

A Caatinga, que é também o bioma menos protegido, corre sério risco de perder parte da sua riqueza biológica sem ao menos ela ser conhecida. Hoje, sua área encontra-se em um acentuado processo de degradação e a progressão desse processo tem sido difícil de impedir, pois não se tem muitos conhecimentos sobre a composição biológica desse bioma (LEAL; TABARELLI; SILVA, 2003). Outro problema também enfrentado pela Caatinga é a desertificação, causado pelo mau uso dos seus recursos em práticas ligadas a agricultura, pecuária, extração de madeira e mineração (MARTINELLI; MORAES, 2013).

A alternativa para evitar que esse bioma se perca é o incentivo a pesquisas em sua área. Pesquisas que envolvam comunidades e seus conhecimentos tradicionais podem trazer informações, relacionadas ao uso sustentável e à exploração racional, que ajudem na manutenção desse bioma. Nos últimos anos o número de estudos voltados para a aplicação medicinal dos recursos da flora da Caatinga tem aumentado, mas ainda estão concentrados em poucas regiões, principalmente no estado de Pernambuco. A partir desses estudos algumas espécies já tiveram sua atividade farmacológica comprovada cientificamente, entre elas estão a *Myracrodruon urundeuva* que revelou atividade cicatrizante e a *Amburana cearensis* que apresentou efeito broncodilatador (CARTAXO, 2009).

4 MÉTODOS

4.1 Área de Estudo

A pesquisa foi realizada em três comunidades tradicionais, duas comunidades quilombolas e uma comunidade indígena, situadas no município de Araçuaí (MG), localizado no Nordeste do Estado de Minas Gerais, na microrregião do Médio Jequitinhonha, centro do Vale do Jequitinhonha (Anexo A). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a população estimada em Araçuaí no ano de 2016 foi de 37.317 habitantes, distribuída numa área territorial de 2.236,279 Km² (IBGE, 2017). Esse território é marcado por uma grande diversidade biológica, representando uma área de transição, ecótono, entre os biomas Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica.

O clima varia do semi-árido ao úmido, atingindo temperaturas médias anuais em torno de 21°C a 35°C. As chuvas, bastante limitadas, se concentram entre os meses de outubro a março. O principal rio que abastece o município é o Rio Araçuaí, afluente da Bacia do Jequitinhonha, que também passa por esse município. O encontro entre os Rios Jequitinhonha e Araçuaí ocorre no distrito de Itira, local onde se iniciou a história do município (ARAÇUAÍ, 2017).

A valorização cultural é marcante no município, onde ocorre vários eventos e festas tradicionais que possibilitam a exposição e divulgação dos trabalhos, sejam eles, artesanatos, músicas, comidas típicas ou ervas medicinais.

A comunidade indígena envolvida neste estudo foi a Comunidade Indígena Cinta Vermelha Jundiba, situada na zona rural do município de Araçuaí (Anexo B).

As comunidades quilombolas que participaram da pesquisa foram a Comunidade Quilombola Baú, situada na zona rural do município de Araçuaí (Anexo C) e a Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos, localizada na zona urbana do município, Bairro Arraial dos Crioulos (Anexo D). Ambas são certificadas pela Fundação Cultural Palmares.

4.2 Procedimentos para coleta de dados

Antes de iniciar a coleta de dados foi necessário solicitar as seguintes autorizações:

- Termo de anuência prévia para realização da pesquisa assinado pelos representantes das comunidades (Anexos E, F, G).

- Autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (Anexo H).
- Autorização da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, para a pesquisa com povos indígenas (Anexo I).
- Assinaturas dos participantes da pesquisa nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo J, K)⁴
- Autorização concedida pelo Conselho Gestor da Área de Preservação Ambiental (APA) Chapada do Lagoão para coletas de material vegetal na área de abrangência da APA. (Anexo L)
- Autorização para Acesso ao Conhecimento Tradicional Associado ao Patrimônio Genético — as pesquisas com patrimônio genético brasileiro e conhecimento tradicional associado não necessitam de autorização prévia para o seu desenvolvimento. Será necessário um registro das atividades de acesso em um cadastro eletrônico, denominado Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético - SISGen. (BRASIL, 2015)

4.3 Participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada coletando informações das pessoas reconhecidas pela comunidade como principais detentores dos conhecimentos sobre uso medicinal e/ou cosmético das plantas. Esses participantes da pesquisa são denominados “informantes-chaves”, pois são as pessoas especialistas em plantas nativas com usos medicinais e cosméticos (ALBUQUERQUE *et al.*, 2008a; BRANDÃO *et al.*, 2008).

Os critérios de inclusão para participar da pesquisa foram ter conhecimentos sobre o uso medicinal e/ou cosmético da flora local, ser maior de 18 anos e aceitar participar do estudo; independente do sexo, da escolaridade ou de qualquer outro quesito.

A amostragem foi não-probabilística, ou seja, representou um subgrupo da população escolhido independente de probabilidade. Os informantes-chaves foram escolhidos devido às características da pesquisa, que centrava-se num grupo específico, com experiências ou conhecimentos sobre plantas medicinais e cosméticas. A amostra foi intencional, atendendo a essas características (COSTA, 2007; ALBUQUERQUE *et al.*, 2008a).

⁴ O sigilo da identidade dos participantes é garantido, por isso os TCLE assinados não são apresentados nesta dissertação

Houve a participação de 23 informantes-chaves, sendo 05 da Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba, 09 da Comunidade Quilombola Baú e 09 da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos.

4.4 Coleta de Dados

4.4.1 Entrevista

Os informantes-chaves foram apresentados ao pesquisador pelos representantes/líderes das comunidades. Os convites para participarem da pesquisa foram realizados em visitas às comunidades. Nesses encontros, o pesquisador expôs informações sobre a pesquisa e seus objetivos, esclareceu dúvidas e realizou a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ao final da leitura os informantes-chaves que aceitavam participar da pesquisa, assinavam ou colocavam a impressão digital no TCLE.

A data, horário e local das entrevistas e das coletas do material vegetal ficavam a critério do participante; de forma que não atrapalhasse a execução de suas atividades diárias. As entrevistas sempre aconteceram nos primeiros encontros, após a leitura e assinatura do TCLE e as coletas variavam de acordo com a disponibilidade dos participantes ou com o período de floração das espécies.

As entrevistas eram do tipo semi estruturadas, baseadas em dois roteiros. Um roteiro abrangia questões sobre os conhecimentos tradicionais a respeito da flora local (Anexo M) e o outro apresentava questões sobre a opinião, anseios e expectativas dos participantes em relação à pesquisa (Anexo N).

Durante as entrevistas, as perguntas contidas nos questionários foram feitas oralmente aos informantes-chaves pelos pesquisadores e suas respostas foram anotadas por escrito pelos pesquisadores. Dados como idade, naturalidade e nível de escolaridade dos participantes também foram obtidos, essas questões constam nos cabeçalhos dos roteiros.

4.4.2 Coleta e identificação botânica das espécies vegetais

As plantas que foram citadas pelos participantes pelo seu uso medicinal e/ou cosmético, encontradas na região, foram coletadas em triplicata. As coletas foram realizadas em visitas acompanhadas pelos informantes-chaves *in loco*, sendo em quintais ou em matas. Algumas plantas citadas não eram comuns nas regiões das comunidades, dessa forma, através

de instruções dos informantes-chaves, o pesquisador se deslocou até os locais em que elas poderiam ser encontradas e com o auxílio de raizeiros dessas regiões muitas amostras foram coletadas. As plantas que não foram encontradas para a coleta não puderam ser identificadas botanicamente mas foram citadas no trabalho utilizando seus nomes populares.

As amostras continham as partes aéreas das plantas e a grande maioria incluía suas estruturas reprodutoras para a realização da identificação taxonômica. Durante as coletas, o pesquisador observava o ambiente que circundava a espécie, anotava informações relevantes sobre esse ambiente, obtia as coordenadas geográficas através do aparelho eTrex[®] 10 (Garmin) e fotografava a região e as estruturas do material vegetal tais como caule, flores, folhas.

Após a coleta do material vegetal, a herborização do mesmo e a confecção das exsicatas foram realizadas no Herbário Dendrológico Jeanine Felfilli da Faculdade de Ciências Agrárias (FCA) da UFVJM, para a identificação das espécies. Um exemplar de cada exsicata será depositado no Herbário DIAM/UFVJM, credenciado como instituição fiel depositária de amostras do patrimônio genético nacional pelo Ministério do Meio Ambiente (credenciamento no088/2013/SECEX/CGEN publicado no D.O.U. no103, de 31/05/2013, seção 3, página 153).

4.5 Análise dos dados coletados

Os dados coletados foram organizados em tabelas, sendo eles: nomes populares das plantas citadas e suas respectivas identificações taxonômicas, indicações terapêuticas, parte utilizada (raiz, caule, folhas, etc), modo de preparo (infusão, planta fresca, maceração, etc), forma de uso (uso oral, tópico, oftálmico etc), posologia (frequência de uso, duração do tratamento, quantidade utilizada, etc) e coordenadas geográficas das amostras coletadas.

Além dos dados relativos às plantas, foram coletados dados sobre os entrevistados, tais como idade, sexo, grau de instrução e as opiniões, anseios e expectativas sobre a presente pesquisa. Outros dados também obtidos durante as entrevistas foram a respeito dos conhecimentos tradicionais sobre o uso das plantas, a maneira como esses conhecimentos foram obtidos e se o saber está sendo repassado para as novas gerações. Todos esses dados foram organizados em tabelas e gráficos.

4.5.1 Análise quantitativa de dados

Entre os inúmeros índices de análise quantitativa de dados utilizados na área de etnobotânica, foram selecionados, nesse estudo, aqueles que são mais aplicados em pesquisas abrangendo plantas medicinais. Essas técnicas de análise quantitativa foram aplicadas apenas em plantas identificadas taxonomicamente, sendo elas

(PINTO *et al.*, 2006; ALBUQUERQUE *et al.*, 2007; SILVA; ALBUQUERQUE; NASCIMENTO, 2008; SOUZA, 2010; OLIVEIRA; COSTA, 2017)

1. Índice de importância relativa (IR) – desenvolvido para medir a importância do uso de planta que possui uma ou mais indicações terapêuticas e/ou cosméticas. O uso deste índice indica o potencial utilitário de cada planta, incluindo sua capacidade para tratar mais do que um problema de saúde ou estético. O valor máximo de IR para cada espécie é 2 e pode ser calculado com a seguinte fórmula:

$$\boxed{IR = NSC + NP}$$

Em que: NSC = NSCE/NSCEV e NP = NPE/NPEV

Sendo que:

NSC é o número de sistemas corporais (fígado, estômago, pele, cabelo, etc – citados na pesquisa).

NSCE é o número de sistemas corporais tratados por uma dada espécie.

NSCEV é o número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil (espécie que teve o maior número de propriedades medicinais ou cosméticas).

Nesse trabalho os sistemas corporais foram divididos baseando-se na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (WHO, 2016).

NP é o número de propriedades.

NPE é o número de propriedades atribuídas a uma determinada espécie.

NPEV é o número total de propriedades atribuídas à espécie mais versátil.

2. Índice de concordância de uso (CUP) – fornece a porcentagem de concordância quanto aos principais usos para cada espécie citada. Mostra a importância relativa das plantas utilizadas quanto ao número de informantes-chaves que as citaram e à concordância dos usos citados. Esse índice, assim como as demais técnicas de análise quantitativa de dados em etnobotânica, foi calculado para todas as plantas identificadas a nível de espécie. Segundo a seguinte fórmula:

$$\boxed{CUP = (ICUP/ ICUE) \times 100}$$

Sendo que:

ICUP = número de informantes-chaves citando o uso principal da espécie.

ICUE = número total de informantes-chaves citando os usos da espécie.

3. Índice de concordância de uso corrigido (CUP_c): Esse índice analisa a concordância de uso de uma espécie segundo a espécie mais citada. Essa correção, feita no índice de concordância de uso, se deve às diferenças no número de informantes que citaram usos para cada espécie. O cálculo é feito utilizando a fórmula:

$$\text{CUP}_c = \text{CUP} \times \text{FC}$$

Em que:

CUP: índice de concordância de uso;

FC: Fator de correção.

Fator de correção (FC) – o FC para cada espécie permite a extração de valores de importância relativos à espécie mais citada pelos informantes-chaves. Ele considera a frequência de citação de cada espécie em relação à da espécie mais citada

$$\text{FC} = \text{ICUE}/\text{ICEMC}$$

Onde:

ICUE = número total de informantes-chaves citando os usos da espécie;

ICEMC = número de informantes que citaram a espécie mais citada;

Foi calculada a média de idade dos informantes-chaves, fator que indica se nas localidades estudadas o conhecimento tradicional sobre plantas úteis à saúde é um saber preservado somente pelos mais velhos ou se os mais jovens estão recebendo e mantendo esse saber em suas comunidades. Outro dado que foi analisado é se há ou não um equilíbrio entre os sexos com relação aos conhecimentos populares sobre plantas nativas. Também foi observada qual a forma de transmissão do saber popular tem sido mais importante para manter os conhecimentos nas comunidades.

As espécies vegetais de maior importância nas comunidades foram selecionadas para um levantamento bibliográfico, verificando se há ou não concordância entre o seu uso popular e os estudos farmacológicos e químicos já publicados sobre elas.

4.6 Benefícios aos informantes-chaves e suas localidades

Seguindo as orientações de serão realizadas algumas atividades que caracterizam o “retorno” da pesquisa para os informantes-chaves e para as localidades em que vivem (ALBUQUERQUE *et al.* (2008b); PATZLAFF; PEIXOTO (2009)):

- a) Apresentação oral dos resultados: a apresentação dos resultados será feita em linguagem simples e acessível para pessoas leigas; será dirigida aos informantes-chaves e às comunidades locais. O local para as apresentações será decidido juntamente com as comunidades. Durante a apresentação as comunidades terão liberdade para expor suas experiências e vivências com as plantas nativas úteis e os informantes-chaves poderão participar (se desejarem) e expor suas ideias. Esse será um momento de valorização pública do conhecimento popular;
- b) Os informantes-chaves e líderes das localidades receberão os resultados impressos em forma de cartilha ou em forma de pôsteres contendo as principais plantas citadas e seus usos populares. Esses pôsteres deverão ser afixados em locais de uso comum nas comunidades para que todos os moradores tenham acesso às informações. Será um registro por escrito que cada comunidade terá sobre seus conhecimentos populares;
- c) Será incluído, em publicações, um agradecimento especial aos informantes-chaves e às comunidades, sem revelar identidades, como uma forma de reconhecer e valorizar o saber popular.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Perfil dos participantes da pesquisa

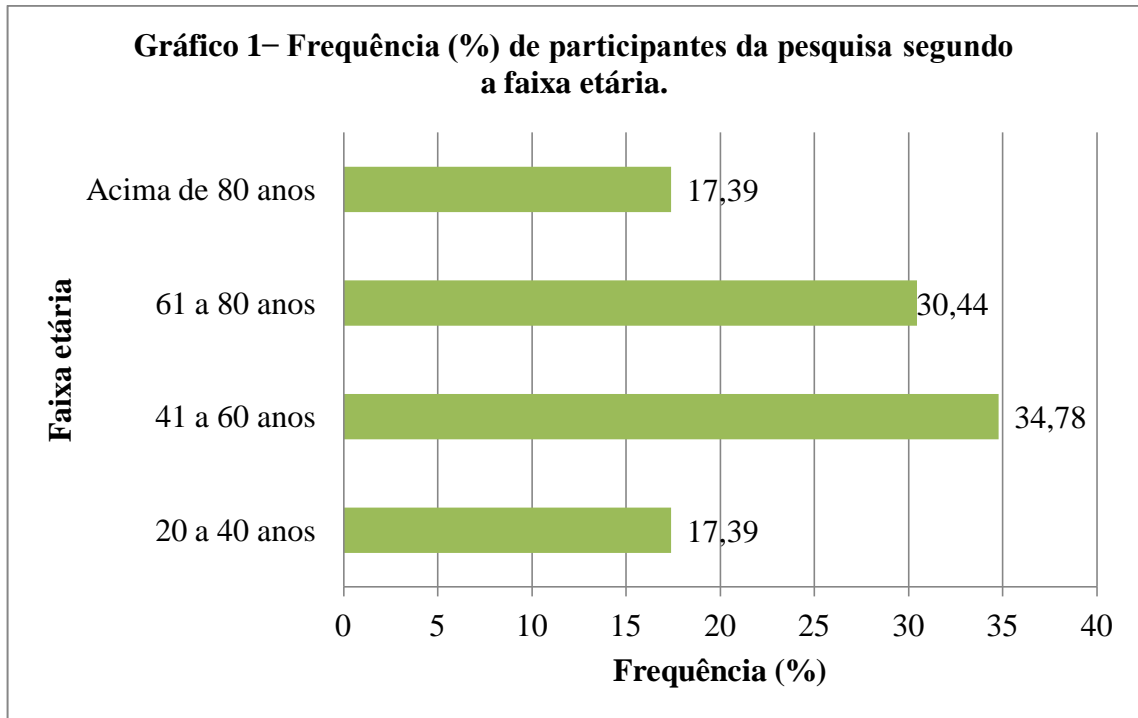
A pesquisa contou com a participação de 23 pessoas, sendo 05 pessoas da Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba, 09 da Comunidade Quilombola Baú e 09 da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos. Dessas 23 pessoas, 19 eram do gênero feminino, gênero predominante entre os entrevistados de todas as comunidades (TAB. 1).

Tabela 1 — Distribuição dos entrevistados entre as comunidades segundo o gênero

Gênero	Número de entrevistados na Comunidade Índigena Cinta Vermelha-Jundiba	Número de entrevistados na Comunidade Quilombola Baús	Número de entrevistados na Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos	Número total de entrevistados	Porcentagem de entrevistados (%)
Feminino	4	6	9	19	82,61
Masculino	1	3	0	4	17,39
Total	5	9	9	23	100

Resultados semelhantes foram encontrados nos trabalhos de Oliveira (2012), Bieski *et al.* (2015) e Mamede (2015). Löbler *et al.* (2014) consideram que essa predominância feminina nesse tipo de estudo, se deve ao fato das mulheres permanecerem grande parte do seu tempo no lar, devido às atividades domésticas e aos cuidados com os filhos. Dessa forma, as mulheres buscam sempre ter conhecimentos sobre plantas medicinais para a cura e prevenção dos problemas que acometem sua família. Vasconcelos (2001) *apud* Viu, Viu, Campos (2010) também acredita que a predominância de mulheres nos trabalhos de etnobotânica se deve às funções, designadas a elas, relacionadas às tarefas domésticas e aos cuidados com os filhos. Sendo assim, elas são as principais responsáveis pela medicação caseira através das plantas. Em comunidades tradicionais, em especial as rurais, as mulheres desempenham as mais diversas atividades como, por exemplo, buscar lenha, cuidar da lavoura, cuidar dos animais, não se restringindo apenas aos cuidados com o lar e com os filhos. Mas, nota-se, que além dos afazeres externos, ainda são as mulheres as principais responsáveis pelo cuidado com a família e com a casa, entre esses, há os cuidados relacionados à saúde. Dessa forma, os conhecimentos sobre uso de plantas para fins medicinais acabam sendo mais comuns entre as mulheres do que entre os homens.

Os participantes da pesquisa apresentaram uma faixa etária bastante ampla, de 20 a 91 anos, com idade média de 60 anos. A faixa etária entre 41 a 60 anos foi a que apresentou maior número de participantes (GRAF. 1).



Dentre as três comunidades estudadas, a comunidade indígena foi a que apresentou os informantes mais jovens, de 20 e 21 anos; isso ocorre porque esta comunidade, em especial, parece incentivar a manutenção de suas tradições entre os jovens. A menor quantidade de participantes da pesquisa na faixa etária entre 20 a 40 anos pode ser justificada pelo fato de que não são todos os jovens que se interessam em aprender os conhecimentos tradicionais, seja devido à modernização ou por considerarem que esses conhecimentos são características dos mais velhos. Segundo Freitas *et al.* (2012) a perda do conhecimento tradicional associado às plantas tem como uma das causas a falta de interesse dos mais jovens. O estudo de Santos L. (2014) também encontrou relação entre a perda dos conhecimentos tradicionais e a falta de interesse dos jovens em aprendê-los, pois consideram esses conhecimentos ultrapassados.

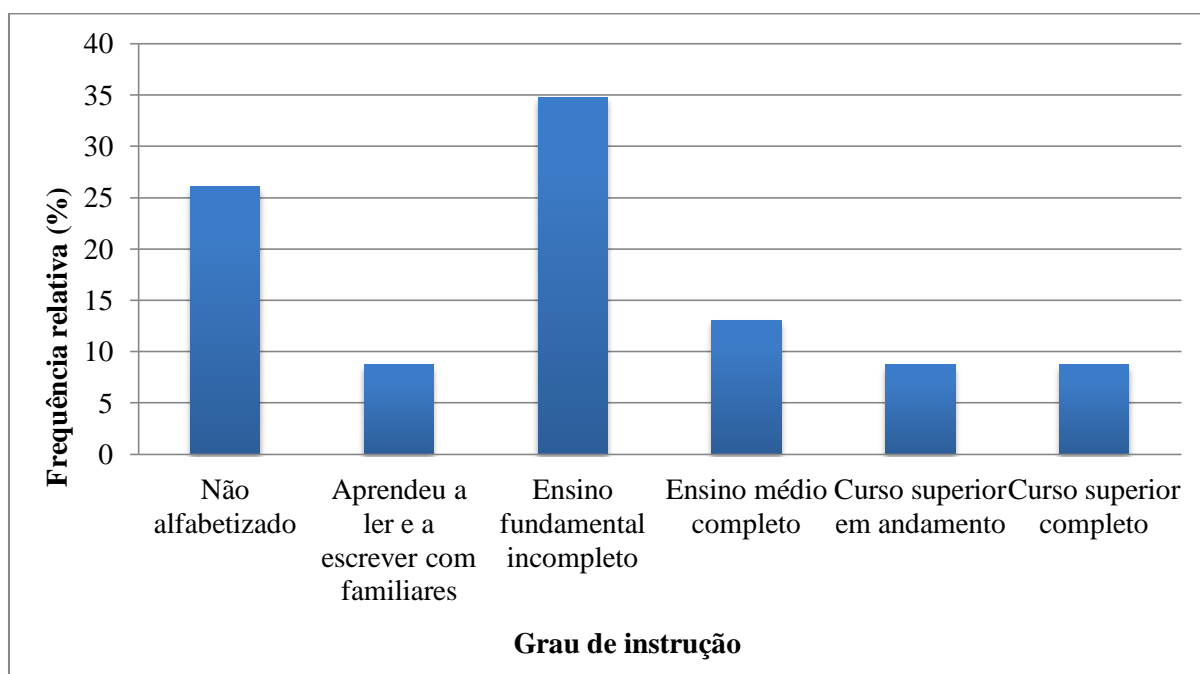
Já a menor concentração em participantes na faixa etária acima de 80 anos, segundo a percepção do pesquisador, se deve ao fato dessa faixa etária normalmente apresentar um número menor de pessoas, o que é justificado pela expectativa de vida ao nascer no Brasil, que é de 75,5 anos (IBGE, 2016). Além disso, se deve também aos problemas de saúde que acometem as pessoas mais idosas, deixando-as debilitadas, o que impossibilita a participação nesse tipo de trabalho.

Ao observar o Gráfico 1 nota-se que a distribuição de participantes da pesquisa segundo a faixa etária reflete as mudanças que vêm ocorrendo no perfil demográfico do Brasil

em que há um predomínio da população adulta em relação à população jovem e idosa. Isso vêm ocorrendo nos últimos anos como consequência da redução na taxa de natalidade e do aumento da expectativa de vida. Além disso, na Comunidade Quilombola Baú, uma comunidade rural, há migração de jovens tanto para zona urbana de Araçuaí quanto para outros municípios em busca de estudos e trabalhos. Esse deslocamento para a zona urbana também ocorreu em uma parte do público idoso da Comunidade Baú, com a justificativa de que na zona urbana seria mais fácil o acesso aos tratamentos de saúde.

Quanto ao grau de escolaridade, houve desde participantes não alfabetizados até participantes com nível superior completo, sendo o ensino fundamental incompleto, o grau de instrução predominante, com 34,78% dos participantes (GRAF. 2).

Gráfico 2 — Frequência relativa (%) dos participantes da pesquisa segundo o grau de instrução.



O grande número de participantes que não concluíram o ensino fundamental pode ser justificado pela falta de oferta dos demais anos desse nível escolar pelas escolas das comunidades. As escolas das comunidades envolvidas neste estudo, assim como acontece na maioria das escolas em comunidades rurais, ofertam apenas os anos iniciais do ensino fundamental. Nessas escolas geralmente há o I Ciclo do Ensino Fundamental que corresponde ao 1º, 2º e 3º ano e o II Ciclo do Ensino Fundamental que equivale ao 4º e 5º ano. Outro fator que justifica essa interrupção e até mesmo a ausência de estudos é que nessas comunidades as

crianças tinham o hábito de ajudar os pais desde cedo, seja em casa, em plantações, no cuidado dos irmãos mais novos ou no cuidado dos animais. Dessa forma, não possuíam tempo suficiente para se dedicarem aos estudos.

Resultados semelhantes foram encontrados nos trabalhos de Alves; Povh (2013), Löbner *et al.* (2014) e Mamede (2015), em todos eles o grau de instrução mais frequente entre os participantes foi o ensino fundamental incompleto.

Em relação à cidade de origem dos participantes da pesquisa, apenas os 5 participantes indígenas, que corresponde a 21,74% dos participantes, não são naturais de Araçuaí. Dois deles nasceram no estado do Espírito Santo, um nasceu em Pernambuco e outros dois na Bahia.

5.2 Opinião, anseios e expectativas das comunidades sobre a pesquisa

O questionário contendo a opinião, os anseios e as expectativas das comunidades sobre a presente pesquisa apresentou respostas bastante diversificadas. A partir dessas respostas e, conseqüentemente, dos dados que elas continham, foi feita a análise qualitativa do conteúdo.

Em relação à opinião que tinham sobre a pesquisa, a maioria dos informantes afirmaram que a pesquisa era uma forma de gerar contatos em que haveria uma troca de experiências, informações, conhecimentos. Ou seja, eles contribuíam com a pesquisa ao divulgar seus conhecimentos ao pesquisador mas ao mesmo tempo eles adquiririam novos conhecimentos, além de criar novos laços de amizade, novos contatos com quem poderiam sempre se apoiar. Isso pode ser identificado através das falas:

"Eu acho bom, porque ao mesmo tempo em que estamos ensinando, estamos aprendendo..." (Participante da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos)

"Eu acho muito boa, porque nós conhecemos as pessoas e as pessoas ficam nos conhecendo. É um ajudando o outro..." (Participante da Comunidade Quilombola Baú)

"Eu acho boa, porque tem muitas coisas que a gente não sabe e vai ficar sabendo..." (Participante da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos)

"Eu estou achando muito boa, vai ser boa pra nós e pra você. Nós ficamos conhecendo você e se um dia precisar você vai nos ajudar..." (Participante da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos)

Houve participantes que responderam apenas de forma generalizada sobre a opinião que tinham em relação à pesquisa, como por exemplo, "boa" ou "importante". Alguns

participantes complementavam a resposta com a justificativa do porquê consideravam a pesquisa boa ou importante, dando, dessa forma mais de uma opinião sobre a pesquisa. Isso pode ser constatado na seguinte fala:

"Eu acho essas pesquisas muito importantes, elas contribuem para a divulgação dos conhecimentos, práticas tradicionais. São plantas que vêm desde nossos ancestrais, avós, pais e que nós utilizamos..." (Participante da Comunidade Indígena Cinta Vermelha Jundiba).

As opiniões foram organizadas segundo o significado padrão, ou seja, todas as opiniões que levavam a uma mesma interpretação foram agrupadas, independente se as palavras utilizadas por cada informante foram diferentes. Na tabela 2 pode-se verificar a porcentagem que cada resposta padrão teve entre as comunidades estudadas.

Tabela 2 — Opinião dos participantes sobre a pesquisa

Opiniões	Número de citações	Frequência relativa (%)
Boa/Muito boa/Ótima	16	37,21
Gera contatos e aprendizados/Troca de informações	8	18,60
Importante	5	11,63
Divulga os conhecimentos tradicionais e os trabalhos relacionados aos mesmos	4	9,30
Traz benefícios para a saúde	4	9,30
Mantém os conhecimentos sobre as plantas	2	4,65
Original, diferente, única	2	4,65
Leva à economia	1	2,33
Contribui com os estudos científicos	1	2,33

OBS: Alguns participantes manifestaram mais do que uma opinião.

O estudo de Albuquerque *et al.* (2010), que serviu como base para a elaboração desse questionário, apresenta resultados semelhantes aos encontrados nessa pesquisa, nele a maioria dos entrevistados também consideraram a pesquisa da qual participaram "boa". Outras opiniões dos participantes do trabalho de Albuquerque *et al.* (2010) que coincidiram com as da presente pesquisa foram, "importante", "divulga os conhecimentos", "troca de conhecimentos" e "ensina".

Ao serem questionados sobre os motivos pelos quais aceitaram participar desse trabalho, a maioria dos participantes demonstraram o quanto gostaram da pesquisa e do tema que ela abordava. Além da satisfação em poder participar de uma pesquisa que consideraram muito interessante, a maioria dos participantes ainda acreditavam que essa pesquisa agregaria

novos conhecimentos e informações. Isso pode ser observado através dos relatos dos participantes:

"Eu achei importante falar sobre esses assuntos". (Participante da Comunidade Quilombola Baú)

"Porque é uma pesquisa muito boa, pra gente acompanhar, ouvir, ter as explicações certas". (Participante da Comunidade Quilombola Baú)

"Porque eu achei interessante e é bom passar nossos conhecimentos para outras pessoas que muitas vezes tem as plantas em casa e não sabem como utilizar". (Participante da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos)

"Eu achei interessante, primeiro ficamos conhecendo as pessoas e segundo a gente aprende com vocês". (Participante da Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba)

Algumas razões citadas pelos informantes para participarem do trabalho, tais como "conhecer outras pessoas", "se sentiu valorizado/importante" ou "ajudar outras pessoas/o pesquisador" (TAB. 3), demonstram o quanto essas comunidades são acolhedoras, possuindo a generosidade como uma de suas características marcantes. Receber alguém em suas casas, falar o que sabem, ajudar a quem precisa são para eles uma grande honra, os fazem se sentir bem. Isso pode ser constatado pela resposta de um participante da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos: "Porque eu achei muito boa, ninguém nunca veio na minha casa para isso. Vocês tiveram consideração comigo...".

Tabela 3 — Motivos pelos quais os integrantes das comunidades tradicionais do município de Araçuaí (MG) concordaram em participar da pesquisa

Motivos	Número de citações	Frequência relativa (%)
Achou a pesquisa boa/interessante.	8	17,78
Adquirir novos conhecimentos.	7	15,56
Ajudar outras pessoas/o pesquisador.	7	15,56
Demonstrar/divulgar seus conhecimentos e práticas tradicionais.	6	13,34
Gosta de participar.	5	11,11
Adquirir novos contatos.	4	8,89
Para a valorização/preservação de seus conhecimentos e práticas	3	6,66
Pode ser útil/benéfico para a comunidade.	3	6,66
Levar à valorização das plantas medicinais.	1	2,22
Se sentiu valorizado/importante.	1	2,22

OBS: Alguns participantes indicaram mais do que um motivo.

Os motivos para os informantes participarem da pesquisa citados no trabalho de Albuquerque *et al.* (2010) e que coincidiram com os citados nessa pesquisa foram "ajudar os pesquisadores", "pensei que era interessante", "divulgar os conhecimentos" e "aprender".

Os participantes também foram questionados sobre o que esperam e/ou desejam para a sua comunidade com os resultados dessa pesquisa. A maioria dos participantes respondeu que desejava "melhorias para a comunidade", através das respostas foi possível notar que os participantes desejavam muito mais do que melhorias estruturais, eles também desejavam a valorização e reconhecimento dessas comunidades, além do apoio de outras pessoas para que as comunidades se fortalecessem. Esses anseios estão representados nas seguintes respostas dos participantes:

"Melhoras pra nós. Somos pouca gente. Precisamos de outras pessoas, vocês são estudantes e vêm ensinar as coisas pra gente. A gente não nasce sabendo de tudo. Pra nós, você vir aqui, conversar, trazer conhecimento pra nós, é muito bom. Nós precisamos melhorar isso aqui." (Participante da Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba)

"Eu espero tudo de bom, só coisas boas, porque nunca veio pesquisa desse tipo aqui. Espero só coisas boas se Deus quiser." (Participante da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos)

"Nós temos esperança de que realize muitas coisas boas, porque nós precisa." (Participante da Comunidade Quilombola Baú)

"Eu desejo melhorias para a comunidade" (Participante da Comunidade Quilombola Baú)

"Que haja uma ajuda, um apoio a mais para ajudar a fortalecer a atividade da Aldeia." (Participante da Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba)

"Visibilidade, reconhecimento de nossas tradições..." (Participante da Comunidade Quilombola Baú)

Tabela 4 — Expectativas dos participantes para as suas comunidades tradicionais com os resultados da pesquisa

Expectativas	Número de citações	Frequência relativa (%)
Melhorias para a comunidade.	15	41,67
Reconhecimento/Valorização/Disseminação dos conhecimentos e práticas tradicionais	6	16,67
Valorização das plantas.	3	8,33
Novos conhecimentos.	3	8,33
Bons resultados para a pesquisa.	2	5,55
Valorização de pesquisas desse tipo.	2	5,55
Autorreconhecimento	1	2,78
Realização pessoal do pesquisador.	1	2,78
Distribuição de cartilha na comunidade contendo conhecimentos científicos.	1	2,78
Registro dos conhecimentos tradicionais.	1	2,78
Gerar fonte de renda	1	2,78

OBS: Alguns participantes indicaram mais do que uma expectativa.

Um dos participantes citou como expectativa a "distribuição de cartilha contendo conhecimentos científicos" e outro participante citou "registro dos conhecimentos tradicionais". Um dos retornos previstos para as comunidades é a distribuição dos resultados impressos, que será um registro por escrito que cada comunidade terá sobre seus conhecimentos tradicionais. Esse retorno valoriza, reconhece e divulga esses conhecimentos, leva à valorização das plantas descritas pelas comunidades, ensina sobre elas, pode aumentar a prática dos conhecimentos sobre as plantas e pode melhorar a saúde nas comunidades. Pois a medicina popular, nos países em desenvolvimento como o Brasil, baseada em tradições, costumes e crenças locais, ainda é o suporte de cuidados e manutenção da saúde (BRASIL, 2006b). Dessa forma, esse tipo de retorno previsto no trabalho, atenderá a várias expectativas citadas pelos participantes da pesquisa. O conhecimento registrado por escrito e divulgado poderá se perpetuar por gerações vindouras.

5.3 Dados sobre os conhecimentos tradicionais

Os questionários aplicados nas comunidades continham também questões sobre a origem e transmissão dos conhecimentos tradicionais relacionados ao uso das plantas para fins medicinais e/ou cosméticos. A maioria dos entrevistados adquiriu esses conhecimentos a partir de familiares, especialmente a partir das mães, 65,22% dos entrevistados, e das avós, 39,13% dos entrevistados (TAB. 5). Nos estudos de Bieski *et al.* (2015) e Ribeiro *et al.*

(2017), foram também os familiares os principais responsáveis pela transmissão dos conhecimentos tradicionais aos entrevistados. Nesse estudo, nota-se o grande papel desempenhado pelas mulheres para que os conhecimentos tradicionais se perpetuassem entre as gerações.

Tabela 5 — Origem dos conhecimentos sobre o uso de plantas para fins medicinais e/ou cosméticos em comunidades tradicionais de Araçuaí-MG.

Origem	Número de citações	Frequência relativa (%)
Mãe/madrasta.	15	65,22
Avó.	9	39,13
Avô.	7	30,43
Pai.	6	26,09
Pessoas mais velhas da comunidade.	3	13,04
Outras pessoas.	3	13,04
Cursos sobre plantas medicinais.	3	13,04
Tios.	2	8,70
Dom natural.	2	8,70
Livros, informações.	2	8,70
Bisavó.	1	4,35
Primo.	1	4,35
Esposo.	1	4,35

OBS: Alguns participantes fizeram mais do que uma citação.

Um dos fatores que pode justificar essa maior participação das mulheres na transmissão dos conhecimentos aos filhos ou netos é a questão já mencionada anteriormente, de que apesar das mulheres exercerem atividades fora do lar, elas ainda são as principais responsáveis pelos cuidados com a família, especialmente os cuidados relacionados à cura e prevenção de doenças. O próprio preparo de remédios naturais para medicar os filhos é uma forma de transmissão dos conhecimentos tradicionais e foi apontada por uma participante da Comunidade Arraial dos Crioulos: "aprendi com a minha mãe e com outras pessoas mais idosas da comunidade. Vendo minha mãe fazer os preparos, também através de leituras e conversas...". Além disso, as mulheres, as mães em especial, são a referência familiar para os mais jovens, são elas que geralmente se dedicam em educar e ensinar os filhos, o que envolve ensinar os conhecimentos tradicionais.

A principal forma de aquisição desses conhecimentos pelos participantes da pesquisa foi a partir de explicações de familiares, sendo citada por 47,83 % dos participantes (TAB. 6).

Tabela 6 — Formas de aquisição dos conhecimentos tradicionais pelos participantes da pesquisa

Formas de aquisição	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Explicações orais dos familiares.	11	47,83
Observações.	8	34,78
Caminhadas nas matas acompanhando os familiares em coletas.	5	21,74
Conversas, troca de informações.	4	17,39
Cursos.	3	13,04
A própria mente.	2	8,70
Leitura.	2	8,70

OBS: Alguns participantes citaram mais do que uma forma de aquisição do conhecimento.

Todos os participantes da pesquisa afirmaram que repassam os conhecimentos tradicionais aos mais jovens. Entre eles, 82,61% afirmaram que sempre transmitem os saberes tradicionais a todos, 13,04% afirmaram que só transmitem esses conhecimentos quando são procurados e uma participante (4.35%) afirmou que não se trata de uma transmissão de conhecimentos e sim de uma troca de informações. Segundo essa participante: "Há na verdade uma troca, porque aqui ninguém sabe tudo. Ninguém está acima de ninguém, é tudo em coletivo. Tem sido transmitido das gerações passadas...". A questão apontada por essa participante, que pertence à Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba, pode ser justificada pelo fato de se tratar de uma participante jovem, com 21 anos, que ainda está adquirindo esses conhecimentos através de ensinamentos dos mais velhos, mas ao mesmo tempo já repassa para eles o que aprendeu sobre as plantas em outras fontes.

O principal motivo apontado pelos participantes para repassarem seus conhecimentos aos mais jovens foi "manter esses conhecimentos entre as gerações", motivo citado por 34,78% dos participantes. Todas as justificativas apontadas pelos informantes para a transmissão de seus conhecimentos estão listadas na tabela 7.

Tabela 7 — Motivos pelos quais os participantes da pesquisa transmitem os conhecimentos tradicionais aos mais jovens

Motivos	Número de citações	Frequência relativa (%)
Manter esses conhecimentos entre as gerações.	8	34,78
Risco de perder as pessoas mais velhas.	4	17,39
Ajudar as pessoas.	3	13,04
Ensinar às mães jovens a cuidarem dos filhos doentes.	3	13,04
Diminuir o risco de uso de plantas venenosas.	2	8,70
Atender aos pedidos das pessoas.	2	8,70
Ensinar às outras pessoas o que aprendeu.	1	4,35
Considera bom as pessoas adquirirem esses conhecimentos.	1	4,35
Diminuir os gastos através do tratamento com plantas.	1	4,35
Tudo é compartilhado na comunidade.	1	4,35
É uma tradição.	1	4,35

OBS: Alguns participantes citaram mais do que um motivo.

A principal forma de transmissão dos conhecimentos tradicionais utilizada pelos participantes da pesquisa é a explicação oral sobre as plantas, como utilizá-las e para qual finalidade utilizá-las. Isso pode ser exemplificado através da fala de um dos participantes da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos: "...vou mostrando as plantas, o modo de usar, como faz o chá, se é mais forte ou mais fraco." Essa forma de transmissão dos conhecimentos foi citada por 18 participantes, 78,26% (TAB. 8).

Tabela 8 — Formas de transmissão dos conhecimentos tradicionais utilizadas pelos participantes da pesquisa

Formas de transmissão	Número de citações	Frequência relativa (%)
Explicações orais.	18	78,26
Caminhadas na mata com coleta das plantas.	6	26,09
Através da prática desses conhecimentos.	3	13,04
Cópia de livro.	1	4,35
Palestras.	1	4,35
Projeto Okhá Kahab. – comunidade indígena	1	4,35
Troca de informações.	1	4,35

OBS: Alguns participantes citaram mais do que uma forma de transmissão do conhecimento.

Através desse resultado e do resultado encontrado para as formas de aquisição do conhecimento tradicional pelos participantes da pesquisa, pode-se afirmar que a principal forma de transmissão dos conhecimentos nas comunidades tradicionais estudadas é a transmissão oral entre as gerações. Essa forma de transmissão dos conhecimentos tradicionais foi a predominante entre os participantes do sexo feminino e do sexo masculino. Segundo Amorozo *apud* Meireles (2012),

Em sociedades tradicionais, a transmissão oral é o principal modo pelo qual o conhecimento é perpetuado. O conhecimento é transmitido em situações, o que faz que a transmissão entre gerações requeira contato prolongado dos membros mais velhos com os mais novos.

5.4 Levantamento etnobotânico

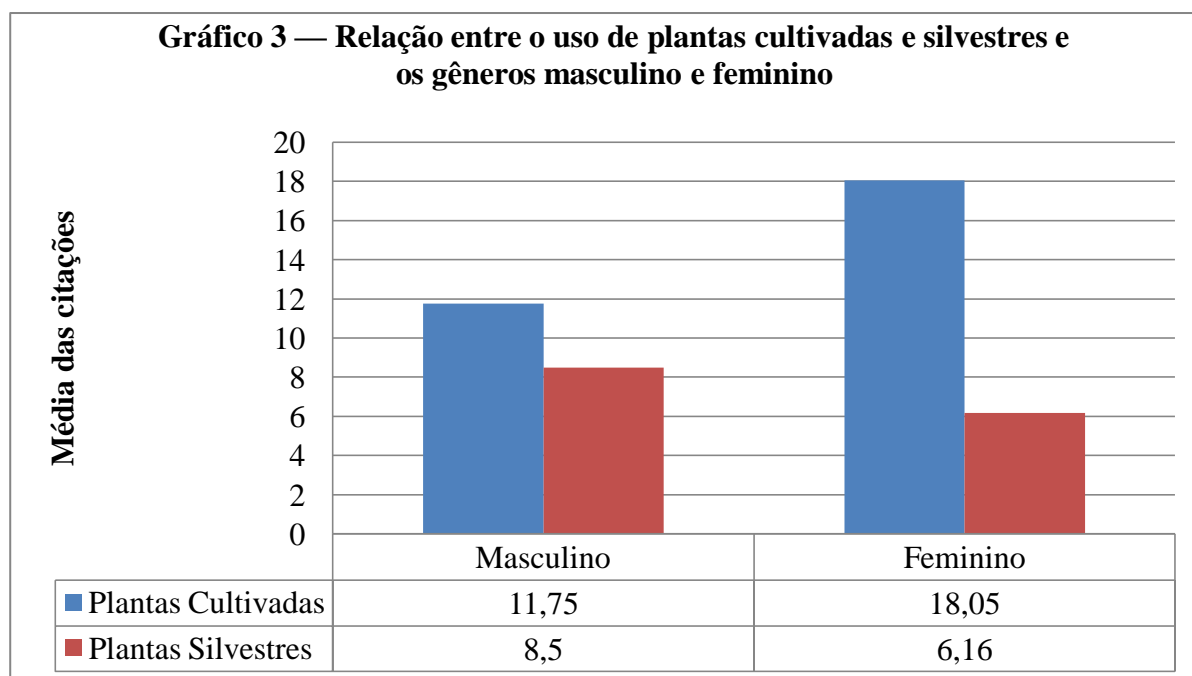
O uso de plantas para tratar e prevenir doenças ainda é um hábito comum nas comunidades estudadas, o que pôde ser constatado através do volume de plantas citadas para fins medicinais durante as entrevistas, como também, através da grande diversidade dos problemas de saúde para as quais elas são utilizadas. A pesquisa obteve, em média, a citação de 24,80 plantas por participante da Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba; 23,78 plantas por participante da Comunidade Quilombola Baú e 23,56 plantas por participante da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos. Isso demonstra que nas três comunidades tradicionais estudadas o conhecimento dos participantes sobre plantas medicinais é quantitativamente similar.

Dentre os participantes da pesquisa, tanto homens quanto mulheres demonstraram ter um amplo conhecimento sobre plantas para fins medicinais e/ou cosmético. As mulheres citaram, em média, 24,47 plantas enquanto os homens citaram, em média, 21,25 plantas. Ao observar os conhecimentos sobre plantas cultivadas e silvestres⁵, nota-se que tanto as mulheres quanto os homens das comunidades estudadas conhecem mais sobre plantas medicinais cultivadas, sendo que esses conhecimentos são maiores entre as mulheres. Já os conhecimentos sobre plantas medicinais silvestres predominam entre os homens nesse estudo (GRAF. 3). Amorozo; Gély (1988) relataram que há uma certa diferença entre os conhecimentos detidos pelos homens e mulheres em relação ao tipo de ambiente em que as plantas crescem. Segundo as autoras, as mulheres têm amplo conhecimento sobre as plantas

⁵ O termo silvestre, nesse trabalho, é utilizado para classificar plantas obtidas em matas, campos, pastos.

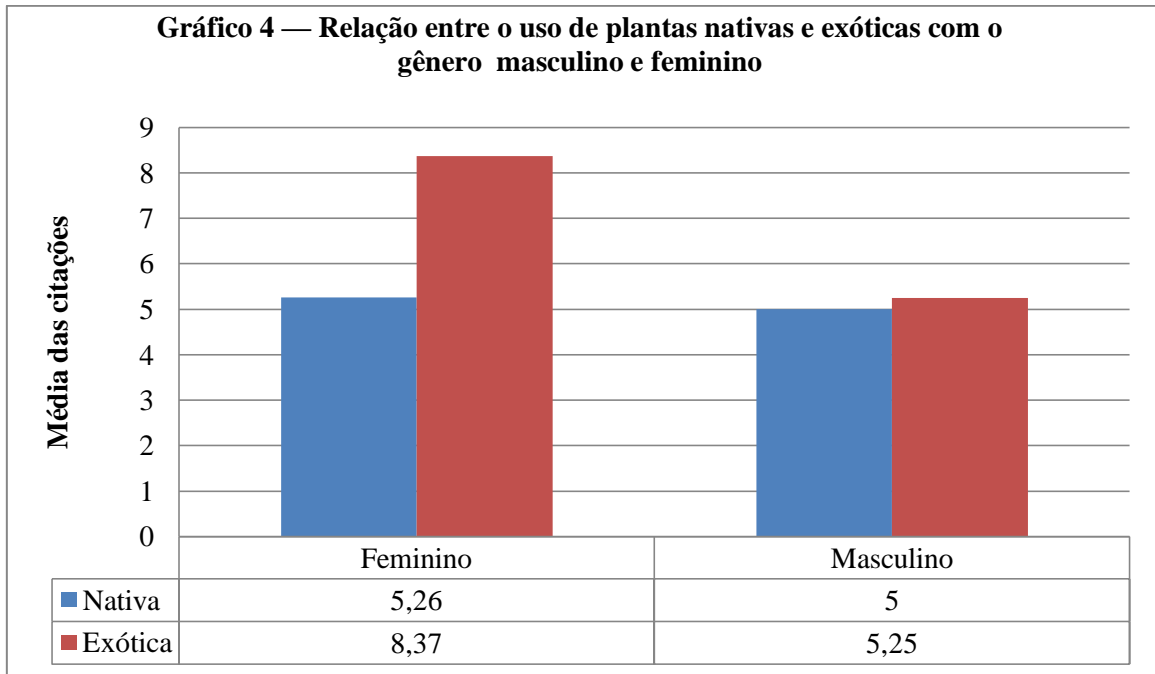
medicinais que se encontram próximas à casa, geralmente cultivadas, enquanto os homens, devido às suas ocupações, guardam conhecimentos sobre as plantas do mato.

Vale ressaltar que algumas plantas que não são cultivadas podem não ser nativas da região, mas, com o tempo, após sua introdução no ambiente, tornaram-se adaptadas e acabam se propagando sem a interferência humana.

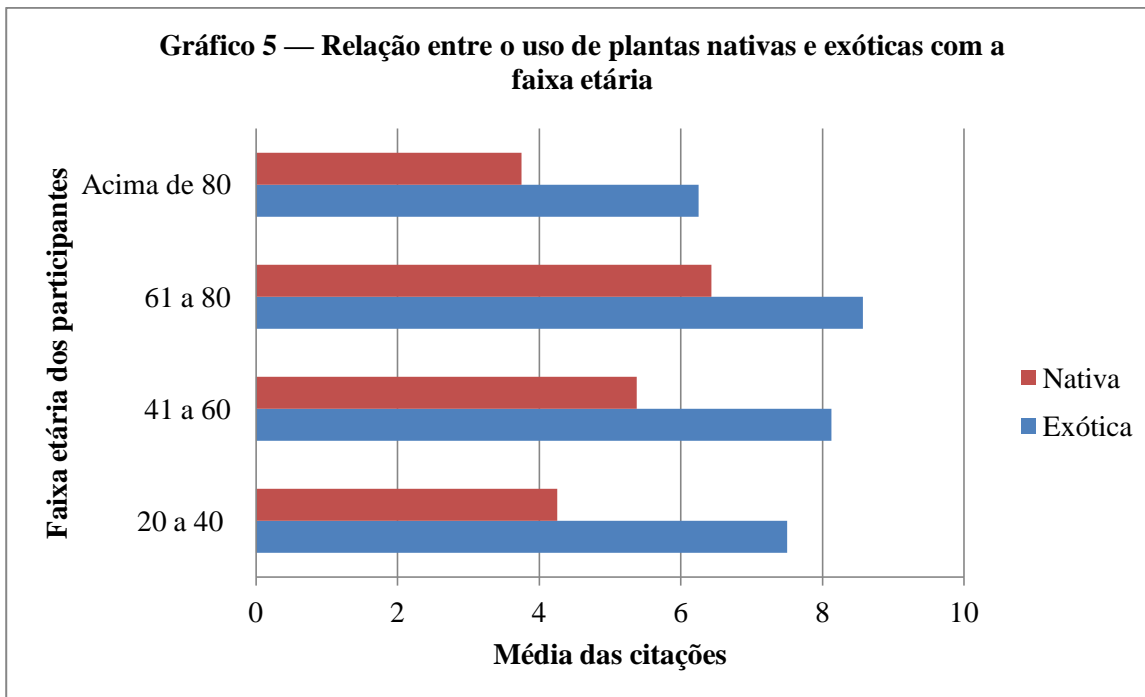


As plantas citadas durante a pesquisa e que foram identificadas botanicamente, foram classificadas quanto à origem como exóticas ou nativas, a partir dessa classificação observou-se a relação entre a faixa etária e o gênero dos participantes com seus conhecimentos sobre espécies exóticas e nativas. Entende-se por plantas exóticas aquelas que não ocorrem naturalmente em uma determinada região geográfica, necessitando de interferência humana (intencional ou acidental) para ocorrerem nessa região. Já as plantas nativas são aquelas que ocorrem naturalmente em um determinado local, sua presença nessa região se deve à sua própria capacidade dispersiva e competência ecológica. Em suma, são consideradas nativas de uma região, aquelas espécies que não foram levadas para lá por seres humanos (MORO *et al.*, 2012).

Em relação ao gênero, tanto no feminino quanto no masculino, as plantas exóticas foram as mais citadas (GRAF. 4). Observa-se que no gênero feminino há uma maior discrepância entre o número médio de espécies exóticas e de espécies nativas citadas.



Houve predominância de conhecimentos sobre plantas exóticas em relação às plantas nativas em todas as faixas etárias (GRAF. 5). A predominância de conhecimentos sobre plantas exóticas em relação às plantas nativas tanto entre os gêneros quanto entre as faixas etárias pode estar relacionado com o fato das plantas cultivadas serem na maioria das vezes plantas exóticas. A proximidade e facilidade de acesso faz com que as plantas cultivadas sejam lembradas e utilizadas com mais frequência para fins medicinais do que as plantas que se encontram nas matas, que na maioria das vezes são plantas nativas. Isso pode ser observado durante algumas entrevistas, em que o informante, ao visualizar alguma planta no quintal, se recordava de seu uso medicinal e/ou cosmético e a citava.



É importante relembrar que essas informações, relacionadas às espécies exóticas e nativas, se restringem apenas às plantas que foram identificadas botanicamente até o nível de espécie e gênero. Há diversas plantas que foram citadas pelos informantes que ainda estão sem identificação botânica, o que impossibilita classificá-las como plantas exóticas ou nativas.

A pesquisa etnobotânica registrou um total de 185 plantas segundo o nome popular, dentre essas, 98 foram identificadas ao nível de espécie, 36 ao nível de gênero e 1 ao nível de família pelo Herbário Dendrológico Jeanine Felfili (UFVJM). As espécies identificadas ao nível de gênero e de espécie foram classificadas quanto à origem em nativas, exóticas, exóticas naturalizadas e exóticas cultivadas (TAB. 9). As espécies nativas corresponderam a 55,22% das plantas identificadas e as espécies exóticas, a 44,78% dessas plantas, sendo que 20,15% delas são exóticas naturalizadas, 12,69% exóticas e 11,94% exóticas cultivadas (GRAF. 6). Espécies nativas são aquelas que ocorrem espontaneamente em um determinado local, devido à sua própria evolução naquele ambiente ou porque evoluíram em outros locais e se dispersaram de forma independente. De maneira geral, pode-se dizer que uma espécie é considerada nativa de determinado lugar caso não tenha sido introduzida lá pelos seres humanos. Outros sinônimos para espécies nativas são espécies indígenas ou autóctones. Já as espécies exóticas são aquelas que não ocorreriam espontaneamente em um determinado ambiente, elas dependem da ação humana, seja essa acidental ou intencional. São também conhecidas como alienígena, alóctone, introduzida, não

nativa e não indígena. As espécies exóticas são ainda classificadas em exóticas naturalizadas e exóticas cultivadas. Espécies exóticas naturalizadas são aquelas que se diferenciam das demais espécies exóticas por adquirirem certa autonomia quanto à reprodução no local onde foram inseridas. Dessa forma, elas estabelecem nesse local uma população autoperpetuante, sem que haja intervenção humana direta, mas, elas não se dispersam para longe do local de introdução. Já as espécies exóticas cultivadas são aquelas que necessitam de intervenção humana direta para manter uma população viável no ambiente em que foram introduzidas, se elas não forem continuamente cultivadas acabam se extinguindo do local de introdução, pois não são capazes de manter uma população autônoma por um longo período de tempo (MORO *et al.*, 2012).

Tabela 9 — Informações relativas ao Hábito, Ocorrência, Domínio Fitogeográfico, Origem, Endemismo e Integridade das plantas citadas pelas comunidades quilombolas Baú e Arraial dos Crioulos e Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba

Família	Espécie	Autor	Vernacular	Hábito*	Ocorrência	Dom. Fitogeográfico*	Origem*	Endêmica*	Integridade ¹
Acanthaceae	<i>Justicia gendarussa</i>	Burm. f.	Sete Junta (Sete Demanda)	Arbusto	C		Ex		NC
Adoxaceae	<i>Sambucus</i> sp.		Sabugueiro	Arbusto	C		Na		NC
Alismataceae	<i>Echinodorus</i> sp.		Chapéu de Couro	Arbusto	C		Na		NC
Amaranthaceae	<i>Amaranthus viridis</i>	L.	Caruru	Erva	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	Nt	N	NC
Amaryllidaceae	<i>Allium</i> sp.		Alho	Erva	C		C'		NC
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i>	L.	Caju	Árvore	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Na	N	NC
	<i>Mangifera indica</i>	L.	Manga	Árvore	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	C'	N	NC
	<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Allemão	Aroeira	Árvore	S	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
	<i>Schinus terebinthifolia</i>	Raddi	Aroeira Branca	Arbusto	S		Na	N	NC
	<i>Spondias tuberosa</i>	Arruda	Umbu	Arbusto	C	Caatinga, Cerrado	Na	E	NC
				Árvore	S	Caatinga, Cerrado	Na	E	NC
	<i>Spondias purpurea</i>	L.	Siriguela	Árvore	C		Nt	N	NC
Annonaceae	<i>Annona muricata</i>	L.	Graviola	Árvore	C		C'	N	NC
	<i>Annona squamosa</i>	L.	Pinha	Arbusto	C		C'	N	NC
Apiaceae	<i>Coriandrum sativum</i>	L.	Coentro	Erva	C	Pampa	Nt	N	NC
Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i>	Gomes	Mangaba	Arbusto	S	Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
	<i>Nerium oleander</i>	L.	Espirradeira de Flor Vermelha	Arbusto	C		C'	N	NC
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i>	L.	Coco	Erva	C	Amazônia, Mata Atlântica	Na	N	NC
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia gigantea</i>	Mart.	Milheme	Trepadeira	C	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	E	NC
Asteraceae	<i>Acanthospermum</i> sp.		Carrapicho Maroto	Erva	C		Na		NC
			Maroto	Erva	C		Na		NC
	<i>Ageratum conyzoides</i>	L.	Mentraz	Erva	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Na	N	NC
					S	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Na	N	NC

Família	Espécie	Autor	Vernacular	Hábito*	Ocorrência	Dom. Fitogeográfico*	Origem*	Endêmica*	Integridade ¹
	<i>Ambrosia sp.</i>		Losna	Arbusto	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	Na	N	NC
	<i>Baccharis myriocephala</i>	DC.	Carqueja	Erva	S	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	Na	N	NC
	<i>Bidens cf. pilosa</i>	L.	Picanço	Erva	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Nt	N	NC
					S		Na		NC
	<i>Chromolaena odorata</i>	(L.) R.M.King & H.Rob.	Desinchadeira	Arbusto	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Na	N	NC
			Desinchadeira	Arbusto	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Na	N	NC
	<i>Pluchea sp.</i>		Quitoco	Erva	S		Na	N	NC
	<i>Tagetes minuta</i>	L.	Anchota	Arbusto	C	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Nt	N	NC
	<i>Vernonanthura sp.</i>		Assa-peixe	Arbusto	S		Na		NC
Bignoniaceae	<i>Dolichandra unguis-cati</i>	(L.) L. G. Lohmann	Unha de gato	Trepadeira	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Na	N	NC
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i>	L.	Urucum	Árvore	C	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
Boraginaceae	<i>Cordia superba</i>	Cham.	Escorrega (Clara d'ovo)	Árvore	C	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	E	NC
	<i>Heliotropium elongatum</i>	(Lehm.) I.M.Johnst.	Crista de Galo	Erva	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	Na	N	NC
	<i>Symphytum officinale</i>	L.	Confrei	Arbusto	C		Ex		NC
	<i>Varronia sp.</i>		Mentraz ^A	Erva	S		Na		NC
Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i>	L.	Couve	Arbusto	C		Ex		NC
Burseraceae	<i>Protium sp.</i>		Mesca	Árvore	S		Na		NC
Cactaceae	<i>Cereus jamacaru</i>	DC.	Mandacaru	Árvore	C	Caatinga, Cerrado	Na	E	NC
	<i>Opuntia ficus-indica</i>	(L.) Mill	Palma	Árvore	C	Caatinga, Mata Atlântica	Nt	N	NC
	<i>Pereskia aculeata</i>	Mill.	Oropronobis de flor branca	Arbusto	C	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
	<i>Pereskia sp.1</i>		Oropronobis	Árvore	S		Na		NC
Cannabaceae	<i>Celtis iguanaea</i>	(Jacq.) Sarg.	Juá	Arbusto	S	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Na	N	NC

Família	Espécie	Autor	Vernacular	Hábito*	Ocorrência	Dom. Fitogeográfico*	Origem*	Endêmica*	Integridade ¹
Capparaceae	<i>Crateva tapia</i>	L.	Baquepari	Árvore	S	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
Caricaceae	<i>Carica papaya</i>	L.	Mamão	Árvore	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	Nt	N	NC
Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Mart. ex Reissek	Espinheira Santa	Arbusto	S	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	Na	N	NC
Commelinaceae	<i>Tradescantia pallida</i>	(Rose) D. R. Hunt	Vestido de Viúva	Erva	C		Ex		NC
Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas</i>	(L.) Lam.	Batata Doce	Erva	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Nt	N	NC
	<i>Operculina macrocarpa</i>	(L.) Urb.	Jalapa	Trepadeira	S	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
Costaceae	<i>Costus spiralis</i>	(Jacq.) Roscoe	Caninha	Arbusto	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
			Caninha do Brejo	Arbusto	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
Crassulaceae	<i>Kalanchoe</i> sp.		Saião	Arbusto	C		Na		NC
				Erva	C		Na		NC
Cucurbitaceae	<i>Citrullus lanatus</i>	(Thunb.) Matsum. & Nakai	Melancia	Erva	C	Amazônia, Caatinga	C'	N	NC
	<i>Fevillea trilobata</i>	L.	Gendiroba	Trepadeira	C	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	Na	N	NC
					S	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	Na	N	NC
	<i>Momordica charantia</i>	L.	São Caetano	Trepadeira	S	Amazônia, Cerrado	Nt	N	NC
	<i>Sechium edule</i>	(Jacq.) SW.	Chuchu	Trepadeira	C	Cerrado, Mata Atlântica	C'	N	NC
	<i>Cucurbita</i> sp.		Abóbora	Erva	C		Ex		NC
Cyperaceae	<i>Cyperus articulatus</i>	L.	Junça	Erva	C	Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica	Na	N	NC
	<i>Scleria hirtella</i>	Sw.	Carmo	Erva	S	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Na	N	NC
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia</i> sp.		Sete Sangrias	Erva	C		Na		NC
	<i>Euphorbia tirucalli</i>	L.	Pecado Pelado	Arbusto	C		Ex		NC
	<i>Manihot esculenta</i>	Crantz	Mandioca Mansa	Arbusto	C	Amazônia, Cerrado	Na	N	NC
	<i>Ricinus communis</i>	L.	Mamona	Arbusto	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	C'	N	NC

Família	Espécie	Autor	Vernacular	Hábito*	Ocorrência	Dom. Fitogeográfico*	Origem*	Endêmica*	Integridade ¹
			Mamona Vermelha	Arbusto	S	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	C'	N	NC
Fabaceae	<i>Albizia lebeck</i>	Benth.	Ovelha	Árvore	S		Ex		NC
	<i>Amburana cearensis</i>	(Allemao) A.C.Sm.	Umburana	Árvore	C	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
		(Allemao) A.C.Sm.	Umburana Macho	Árvore	S	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
	<i>Anadenanthera</i> sp.		Angico	Árvore	S		Na		NC
	<i>Bauhinia</i> sp.		Pataca de Vaca	Árvore	C		Na		NC
	<i>Cajanus cajan</i>	(L.) Millsp.	Andu	Arbusto	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	C'	N	NC
	<i>Copaifera langsdorffii</i>	Desf.	Pau d'óleo	Árvore	S	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
	<i>Desmodium</i> sp.		Carrapicho	Erva	S		Na		NC
	<i>Dioclea violacea</i>	Mart. ex Benth.	Olho de Boi	Trepadeira	S	Caatinga, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Na	N	NC
	<i>Erythrina</i> sp.		Mulungu	Árvore	C		Na		NC
	<i>Hymenaea martiana</i>	Hayne	Jatobá	Árvore	S	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
	<i>Indigofera</i> sp.		Anil	Erva	C		Na		NC
	<i>Leptolobium dasycarpum</i>	Vogel.	Unhadanta	Árvore	S	Amazônia, Cerrado	Na	N	NC
	<i>Melanoxylon brauna</i>	Schott	Braúna	Árvore	S	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	E	Vu
	<i>Senna occidentalis</i>	(L.) Link	Fedegoso	Arbusto	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	Na	N	NC
	<i>Stryphnodendron adstringens</i>	(Mart.) Coville	Barbatimão	Árvore	S	Caatinga, Cerrado	Na	E	NC
	<i>Stylosanthes</i> sp.		Peidorreira	Erva	C		Na		NC
	<i>Tamarindus indica</i>	L.	Tamarindo	Árvore	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	C'	N	NC
	Ni38		Sacatrapo	Árvore	C		NC		NC
Lamiaceae	<i>Leonotis nepetifolia</i>	(L.) R.Br.	Cordão de Frade	Erva	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	Nt	N	NC
	<i>Mentha arvensis</i>	L.	Menta	Erva	C		Nt	N	NC
	<i>Mentha spicata</i>	L.	Hortelãzinho	Erva	C	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica	Nt	N	NC

Família	Espécie	Autor	Vernacular	Hábito*	Ocorrência	Dom. Fitogeográfico*	Origem*	Endêmica*	Integridade ¹
	<i>Ocimum gratissimum</i>	L.	Alfavaca	Arbusto	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Nt	N	NC
			Alfavaca de Casa	Arbusto	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Nt	N	NC
	<i>Ocimum</i> sp.		Manjeriço	Erva	C		Na		NC
	<i>Plectranthus amboinicus</i>	(Lour.) Spreng.	Hortelã Pimenta	Erva	C		Nt	N	NC
	<i>Plectranthus barbatus</i>	Andrews	Hortelã Margoso	Arbusto	C		Nt	N	NC
				Erva	C		Nt	N	NC
	<i>Rosmarinus officinalis</i>	L.	Alecrim	Erva	C		Ex		NC
Lauraceae	<i>Cinnamomum verum</i>	J. Presl	Canela	Árvore	C		Na	N	NC
	<i>Persea americana</i>	Mill.	Abacate	Árvore	C		Nt	N	NC
Lythraceae	<i>Punica granatum</i>	L.	Romã	Arbusto	C		Ex		NC
				Árvore	C		Ex		NC
Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i>	L.	Acerola	Árvore	C		Ex		NC
Malvaceae	<i>Abelmoschus esculentus</i>	(L.) Moench.	Quiabo	Arbusto	C		Ex		NC
	<i>Gossypium ulmifolia</i>	Lam.	Algodão	Árvore	C		Ex		NC
	<i>Guazuma ulmifolia</i>	Lam.	Mutamba	Árvore	S	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
Meliaceae	<i>Azadirachta indica</i>	A.Juss.	Nim	Árvore	C		Na	N	NC
Moraceae	<i>Dorstenia brasiliensis</i>	Lam.	Garapiá	Erva	S	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Na	N	NC
	<i>Maclura tinctoria</i>	(L.)D.Don ex Steud	Moreira	Árvore	S		Na	N	NC
	<i>Morus nigra</i>	L.	Amora	Árvore	C		Ex		NC
Musaceae	<i>Musa</i> sp.		Banana Prata	Árvore	C		Nt		NC
Myristicaceae	<i>Myristica fragans</i>	Houtt	Noz moscada	Árvore	C		Ex		NC
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i>	L.	Pitanga	Arbusto	C	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	Na	N	NC
	<i>Psidium guajava</i>	L.	Goiaba	Árvore	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Nt	N	NC
Nyctaginaceae	<i>Boerhavia</i> sp.		Erva Tustão	Erva	S		Na		NC
	<i>Bougainvillea</i> sp.		Burguevilha do Campo	Árvore	S		Na		NC
			Roseira	Arbusto	S		Na		NC

Família	Espécie	Autor	Vernacular	Hábito*	Ocorrência	Dom. Fitogeográfico*	Origem*	Endêmica*	Integridade ¹
Oleaceae	<i>Jasminum</i> sp.		Jasmim do Mato	Trepadeira	C		Nt		NC
					S		Nt		NC
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i>	L.	Carambola	Árvore	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	C'	N	NC
Passifloraceae	<i>Passiflora</i> sp.		Maracujá	Trepadeira	C		Na		NC
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus tenellus</i>	Roxb.	Quebra Pedra	Erva	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i>	L.	Guiné	Erva	C	Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica, Pampa	Nt	E	NC
Piperaceae	<i>Piper nigrum</i>	L.	Pimenta do Reino	Trepadeira	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	C'	N	NC
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i>	L.	Transagem	Erva	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	Nt	N	NC
Poaceae	<i>Cymbopogon winterianus</i>	Jowitt ex Bor	Citronela	Erva	C		Ex		NC
	<i>Melinis minutiflora</i>	P. Beauv.	Capim Meloso	Erva	S	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Nt	N	NC
	<i>Oryza sativa</i>	L.	Arroz	Erva	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	C'	N	NC
	<i>Urochloa mutica</i>	(Forssk.) T. Q. Nguyen	Bengo	Erva	S	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Nt	N	NC
Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i>	L.	Café	Árvore	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	C'	N	NC
	<i>Genipa americana</i>	L.	Jenipapo	Árvore	S	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	Na	N	NC
	<i>Remijia ferruginea</i>	(A.St.-Hil.) DC.	Quina	Arbusto	S	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica	Na	E	NC
Rutaceae	<i>Citrus aurantiifolia</i>	(Christm.) Swingle	Laranja	Arbusto	C		Ex		NC
			Lima	Arbusto	C		Ex		NC
	<i>Citrus</i> sp.		Limão Galego	Arbusto	S		Nt		NC
	<i>Ruta graveolens</i>	L.	Arruda	Arbusto	C		Nt	N	NC
Salicaceae	<i>Casearia</i> sp.		Teiu	Arbusto	S		Na		NC
Simaroubaceae	<i>Simarouba</i> sp.		Paratudo	Árvore	C		Na		NC
					S		Na		NC

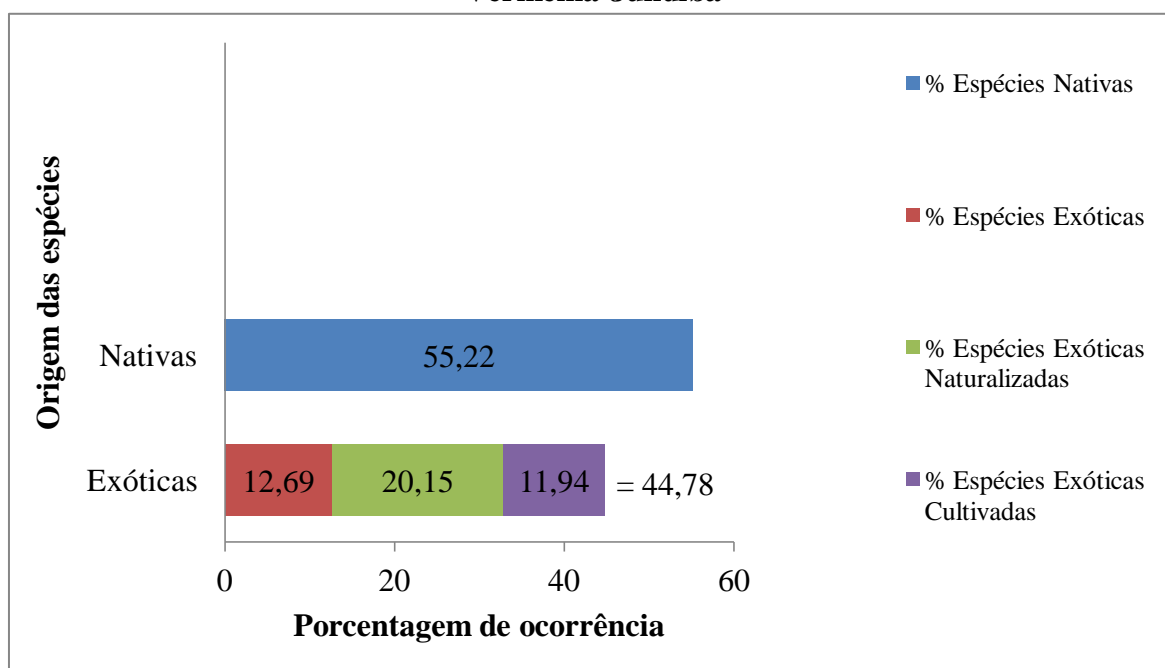
Família	Espécie	Autor	Vernacular	Hábito*	Ocorrência	Dom. Fitogeográfico*	Origem*	Endêmica*	Integridade ¹
Solanaceae	<i>Capsicum</i> sp.		Pimenta Malagueta	Arbusto	C		Na	NC	
	<i>Datura</i> sp.		Maxixe de Capeta	Erva	C		Nt	NC	
	<i>Solanum</i> sp.3		Melancia do Mato	Trepadeira	S		Na	NC	
	<i>Solanum</i> sp.2		Jurubeba	Arbusto	S		Na	NC	
	<i>Solanum</i> sp.1		Berinjela	Arbusto	C		Na	NC	
	<i>Solanum</i> sp.4		Tomatinho	Arbusto	C		Na	NC	
Urticaceae	<i>Cecropia</i> sp.		Embaúba	Árvore	S		Na	NC	
Verbenaceae	<i>Aloysia gratissima</i>	(Gillies & Hook) Tronc.	Alfazema	Arbusto	C	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	C'	N	NC
	<i>Lippia alba</i>	(Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	Cidreira de Folha Redonda	Erva	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
			Erva Cidreira de Folha	Erva	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
			Erva Cidreira de Folha Redonda	Erva	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Na	N	NC
	<i>Lippia</i> sp.1		Ministro	Erva	C		Na	NC	
	<i>Lippia</i> sp.2		Melissa	Erva	C		Na	NC	
Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i>	(L.) Burm.f.	Babosa	Arbusto	C		Ex	NC	
Zingiberaceae	<i>Hedychium coronarium</i>	J. Koenig	Água de Colônia	Arbusto	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	Nt	N	NC
				Erva	C	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	Nt	N	NC
	<i>Zingiber officinale</i>	Roscoe	Gengibre	Arbusto	C		C'	N	NC
Ni03	Ni03		Alfavaca do Mato	Erva	S		NC	NC	
Ni09	Ni09		Assa-peixe	Arbusto	S		NC	NC	
Ni23	Ni23		Manjerina	Arbusto	C		NC	NC	
Ni15	Ni15		Capim Cidreira	Erva	C		NC	NC	
Ni24	Ni24		Mastruz	Erva	C		NC	NC	
Ni35	Ni35		Santa Maria	Arbusto	C		NC	NC	
Ni21	Ni21		Guache (Guaco)	Trepadeira	C		NC	NC	
Ni12	Ni12		Caatinga de Mulata	Arbusto	C		NC	NC	
Ni18	Ni18		Erva Cidreira do Campo	Erva	C		NC	NC	

Família	Espécie	Autor	Vernacular	Hábito*	Ocorrência	Dom. Fitogeográfico*	Origem*	Endêmica*	Integridade ¹
Ni33	Ni33		Rosa Branca de Cacho	Arbusto	C		NC	NC	
Ni05	Ni05		Anador	Erva	C		NC	NC	
Ni17	Ni17		Erva Cidreira de Barragem	Erva	C		NC	NC	
Ni28	Ni28		Perpétua	Arbusto	C		NC	NC	
Ni31	Ni31		Pustemeira	Erva	C		NC	NC	
Ni07	Ni07		Artimisia	Erva	C		NC	NC	
Ni10	Ni10		Boldo	Arbusto	C		NC	NC	
Ni30	Ni30		Poejo	Erva	C		NC	NC	
Ni16	Ni16		Capueiraba	Erva	C		NC	NC	
Ni08	Ni08		Artimisia do Campo	Erva	C		NC	NC	
Ni37	Ni37		Vassourinha	Erva	C		NC	NC	
Ni29	Ni29		Pimenta da Costa	Árvore	C		NC	NC	
Ni02	Ni02		Alevante	Erva	C		NC	NC	
Ni22	Ni22		Japecanga	Trepadeira	S		NC	NC	
Ni04	Ni04		Amaranto	Erva	C		NC	NC	
Ni06	Ni06		Arnica	Erva	C		NC	NC	
Ni13	Ni13		Cafezinho do mato	Arbusto	S		NC	NC	
Ni19	Ni19		Erva Doce	Erva	C		NC	NC	
Ni34	Ni34		Salsão	Erva	C		NC	NC	
Ni14	Ni14		Capim açu	Erva	S		NC	NC	
Ni11	Ni11		Brasforte	Arbusto	S		NC	NC	
Ni36	Ni36		Tiozinho	Arbusto	C		NC	NC	

Legenda: * Flora do Brasil 2020 em construção; ¹ Portaria 443/2014, anexo Lista Nacional Oficial de Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção (MMA, 2014);

C- Cultivada; S- Silvestre; Ex- Exótica; Na- Nativa; Nt- Exótica Naturalizada; C'- Exótica Cultivada; N- Não endêmica; E- Endêmica; NC- Não classificada; Vu- Vulnerável

Gráfico 6 — Origem das espécies citadas para uso medicinal e/ou cosmético pelas comunidades quilombolas Baú e Arraial dos Crioulos e comunidade indígena Cinta Vermelha-Jundiba



Outras características importantes analisadas nos táxons identificados até nível de espécie e nível de gênero foram a integridade e o endemismo (TAB. 9). A integridade ou grau de ameaça aponta em qual grau de risco de extinção cada espécie se encontra, segundo as categorias "Extintas", "Criticamente em Perigo", "Em Perigo" e "Vulnerável". Nesse trabalho a análise da integridade das espécies encontradas foi realizada observando a Portaria 443/2014 e seu anexo, Lista Nacional Oficial de Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção (MMA, 2014). Segundo essa lista, apenas a espécie *Melanoxylon brauna* Schott (Fabaceae), conhecida popularmente como braúna (FIG. 13), encontra-se ameaçada de extinção, classificada como "Vulnerável".

**Figura 13: Espécie classificada em grau de ameaça "Vulnerável",
Melanoxylon brauna Schott (Braúna) – Família Fabaceae**



Coordenadas da coleta: Lat: 17°08.21' S Long: 41°53.38' W Alt: 866 m

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Quanto ao endemismo, 8,16% das plantas identificadas até nível de espécie são endêmicas do Brasil, segundo o site Flora do Brasil 2020 em construção (2017) (TAB.09). Uma espécie é endêmica quando ocorre exclusivamente em uma determinada região, dessa forma, a conservação dessas espécies no local onde ocorrem é de extrema importância e por isso, o endemismo tem sido utilizado frequentemente como um dos critérios para a escolha de áreas com intenção de conservação de espécies (CARVALHO, 2009). As espécies endêmicas do Brasil que foram citadas pelos participantes da pesquisa são *Aristolochia gigantea* Mart. & Zucc. (Aristolochiaceae), *Cereus jamacaru* DC. (Cactaceae), *Cordia superba* Cham. (Boraginaceae), *Melanoxylon brauna* Schott (Fabaceae), *Petiveria alliacea* L. (Phytolaccaceae), *Remijia ferruginea* DC. (Rubiaceae), *Spondias tuberosa* Arruda (Anacardiaceae) e *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville (Fabaceae) (FIG. 14). Nota-se que a espécie *M. brauna* Schott, além de estar ameaçada de extinção, também é uma espécie endêmica. Essas características fazem com que se torne necessário uma maior política de proteção e conservação dessa espécie, seja através do aumento da fiscalização sobre ela ou através da instrução da população quanto ao risco de sua perda caso não for utilizada de forma sustentável.

Figura 14: Espécies endêmicas do Brasil citadas pelos participantes da pesquisa



Aristolochia gigantea
(Milhome)
ARISTOLOCHIACEAE



Cereus jamacaru
(Mandacaru)
CACTACEAE



Cordia superba
(Escorrega)
BORAGINACEAE



Melanoxylon brauna
(Braúna)
FABACEAE



Petiveria alliacea
(Guiné)
PHYTOLACCACEAE



Remijia ferruginea
(Quina)
RUBIACEAE



Spondias tuberosa
(Umbu)
ANACARDIACEAE

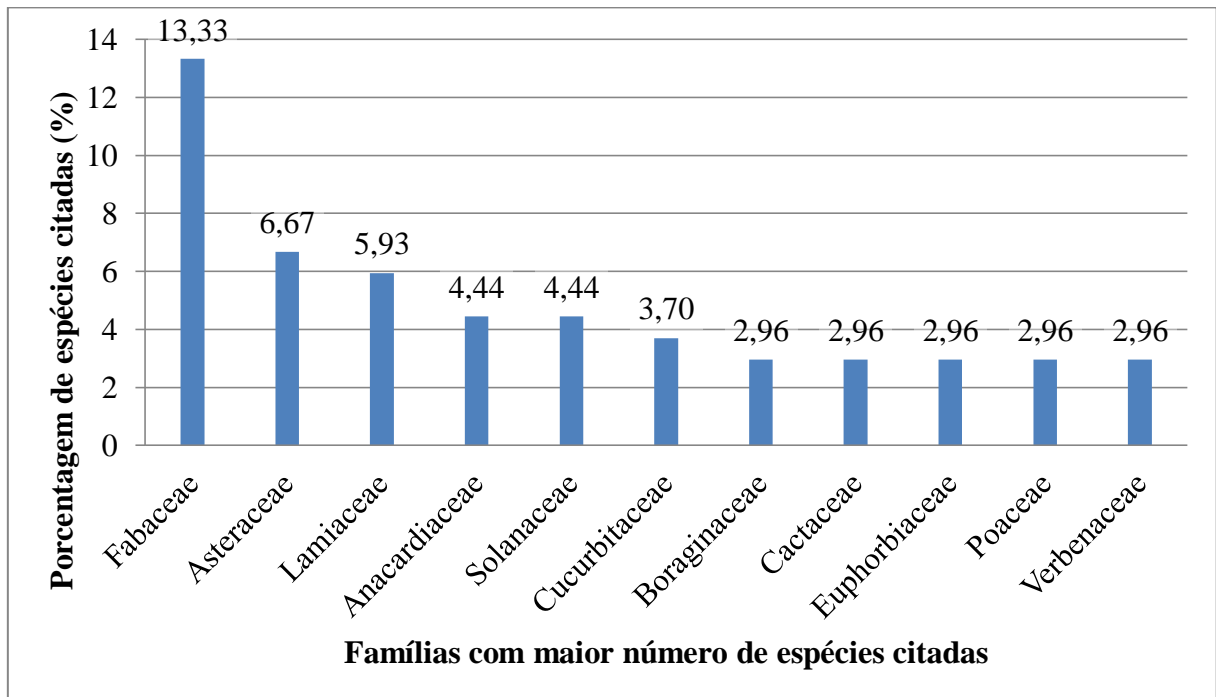


Stryphnodendron adstringens
(Barbatimão)
FABACEAE

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

As 135 plantas identificadas até o momento, ao nível de espécie, ao nível de gênero e ao nível de família estão distribuídas em 58 famílias botânicas. Entre essas famílias, as que tiveram maior representatividade nesse trabalho foram Fabaceae (13,33% das plantas), Asteraceae (6,67%), Lamiaceae (5,93%), Anacardiaceae (4,44%) e Solanaceae (4,44%) (GRAF.7). O estudo de Vieira; Sousa; Lemos (2015), desenvolvido numa região de Cerrado e Mata de Cocais do estado do Maranhão, também obteve Fabaceae como família mais representativa para fins medicinais. Isso pode indicar o importante potencial medicinal desta família para estudos nas áreas de Farmacologia e afins.

Gráfico 7 — Famílias botânicas com maior número de espécies citadas pelos participantes das comunidades quilombolas Baú e Arraial dos Crioulos e comunidade indígena Cinta Vermelha-Jundiba

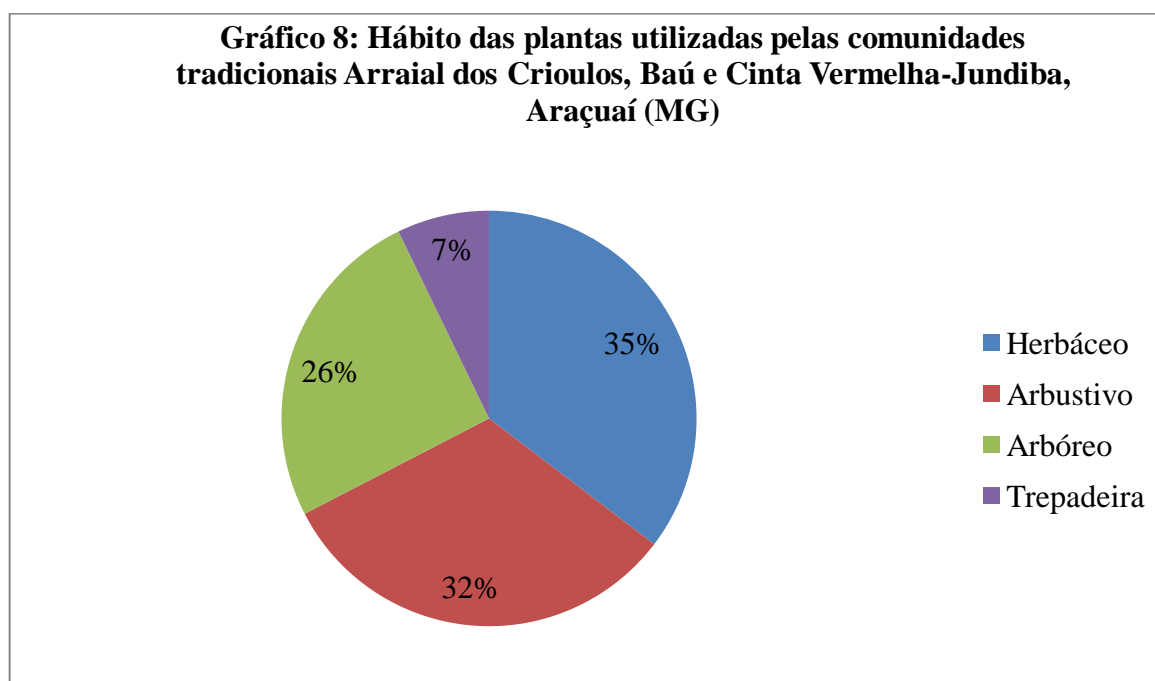


A predominância no uso de espécies da família Fabaceae para fins medicinais e/ou cosméticos pode estar relacionada com a grande diversidade de metabólitos secundários sintetizados por essa família, que se deve tanto à sua dimensão quanto a sua capacidade de fixar nitrogênio atmosférico, produzindo mais metabólitos secundários nitrogenados do que as demais famílias que não possuem essa característica. Os metabólitos secundários são substâncias produzidas pelas plantas como estratégia de defesa e atração (interação com o ambiente), a maioria desses metabólitos apresenta importância adaptativa para os vegetais, além de atividades farmacológicas ou atividades tóxicas, aproveitadas pelos seres humanos (WINK, 2013). A alta densidade e diversidade da família Fabaceae permitem a sua divisão em subfamílias, Caesalpinoideae, Faboideae e Mimosoideae, que abrangem uma grande variedade de espécies e gêneros. Isso contribui para que essa família produza metabólitos secundários distintos, tais como alcalóides, aminas, fenilpropanóides, antraquinonas, flavonóides. Essa última classe se destaca por estar presente, em várias estruturas diferentes, nas três subfamílias (SILVA, 2011).

A variedade de metabólitos secundários sintetizados pela família Fabaceae, podem ser responsáveis por atividades biológicas associadas às suas espécies, fazendo com que, conseqüentemente, ela seja citada com frequência em trabalhos de etnobotânica. Além

disso, a ampla distribuição e dimensão da família Fabaceae também contribuem para que ela seja citada nesses trabalhos. Ela é o terceiro maior grupo de angiospermas, e no Brasil, é considerada a maior família botânica, podendo ser encontrada em todos os biomas brasileiros (SOUSA, 2016).

A análise quanto ao hábito de crescimento foi realizada observando somente as plantas coletadas, e encontrou-se uma predominância das ervas (38,55%) como recurso vegetal mais utilizado para fins medicinais e/ou cosméticos pelas comunidades tradicionais estudadas (GRAF. 8).



Essa predominância de plantas herbáceas pode estar relacionada com o fato de que houve mais citações de plantas cultivadas, que geralmente são plantas herbáceas, do que citações de plantas silvestres, nesse trabalho. Resultado semelhante foi obtido no trabalho de Giraldi; Hanazaki (2010), em que houve uma predominância de ervas entre as plantas utilizadas popularmente para fins medicinais; as autoras relacionam essa predominância do uso de ervas ao fato de, frequentemente, se encontrarem mais próximas das casas, cultivadas em quintais.

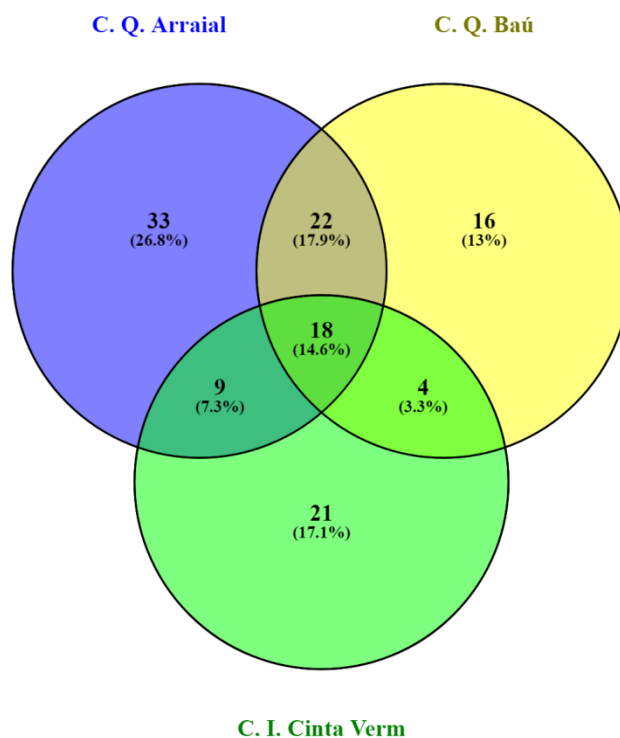
Ainda, segundo Stepp; Moerman (2001), plantas medicinais amplamente utilizadas precisam ser abundantes e acessíveis. Quando se está doente, as plantas que estão próximas são as preferidas e não aquelas de difícil acesso, que se pode levar dias para encontrar.

Entre as 185 plantas citadas no trabalho, há 19 que não foram coletadas (Anexo O), pois não foram encontradas nos locais de coleta. A relação das plantas coletadas e os dados referentes à localização da coleta, número de coleta e identificação botânica constam no Anexo P. Durante as coletas pôde-se perceber que havia um mesmo nome popular para plantas diferentes. Através das identificações botânicas realizadas pelo HDJF/UFVJM houve a confirmação de que eram realmente espécies diferentes com mesmo nome popular, a essa característica se dá o nome de homonímia. Nesse trabalho o nome popular Mentraz correspondeu a duas espécies diferentes, *Ageratum conyzoides* e *Varronia* sp. Apenas um informante da Comunidade Quilombola Baú designava *Varronia* sp. como Mentraz, todos os demais participantes que citaram o nome popular Mentraz estavam se referindo à espécie *Ageratum conyzoides*. A título de diferenciação, Mentraz relacionado a espécie *Varronia* sp. é chamado de Mentraz^A nesse trabalho.

Também ocorreram, nesse estudo, situações de sinonímia, em que há vários nomes populares para designar uma única espécie, como por exemplo Mamona Vermelha e Mamona se referindo à espécie *Ricinus communis*. Os nomes populares diferentes foram mantidos na tabela 09, com a especificação da (s) localidade (s) que o utiliza (VÁSQUEZ; MENDONÇA; NODA, 2014).

Observando as plantas identificadas a nível de gênero e a nível de espécie, elaborou-se o Diagrama de Venn (Figura 15), que demonstra a porcentagem de plantas citadas apenas por uma das comunidades, a porcentagem de plantas citadas em comum entre duas comunidades e a porcentagem de plantas que foram citadas pelas três comunidades (OLIVEROS, 2018).

Figura 15: Diagrama de Venn que relaciona as plantas citadas com as comunidades tradicionais estudadas



Fonte: Elaborado pelo autor através Venny 2.1 (OLIVEROS, 2018)

Legenda:

C.Q.Arraial = Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos

C.Q. Baú = Comunidade Quilombola Baú

C. I. Cinta Verm = Comunidade Indígena Cinta Vermelha Jundiba

Nota-se, através do Diagrama, que a Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos foi a que citou o maior número de plantas, sendo que entre as 82 plantas citadas, 33 foram citadas apenas por essa comunidade, correspondendo a 26,8% do total das plantas citadas pelas três comunidades, a maior porcentagem entre os grupos do Diagrama. A segunda maior porcentagem (17,9%) corresponde ao grupo das plantas citadas em comum pela Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos e Comunidade Quilombola Baú.

5.5 Plantas e seus usos medicinais e/ou cosméticos

Nas tabelas 10 e 11 constam todas as preparações de uso popular das plantas, citadas pelos participantes da pesquisa. Nessas tabelas, além do uso popular das plantas,

consta também a parte vegetal utilizada, a forma de administração, a forma de preparo e a quantidade de citações que cada uso teve nessa pesquisa. Na tabela 10 o uso popular está relacionado a cada planta utilizada isoladamente e na tabela 11 esse uso se refere a plantas utilizadas em associação.

Tabela 10: Uso popular das plantas nas comunidades quilombolas Arraial dos Crioulos e Baú e na comunidade indígena Cinta

Vermelha-Jundiba

Família/ Espécie	Nome Popular	Uso Popular	Parte Utilizada	Forma de administração	Forma de preparo	N C
Acanthaceae						
<i>Justicia gendarussa</i>	Sete Junta (Sete Demanda)	Mal estar ³	Folhas	Benzimento	<i>In natura</i>	2
		Quebranto ³	Folhas	Benzimento	<i>In natura</i>	1
Adoxaceae						
<i>Sambucus sp.</i>	Sabugueiro	Coqueluxe ³	Folhas	Oral, 3 vezes ao dia	Xarope com mel	1
		Sarampo ¹	Folhas/Flores	Oral, 2 vezes ao dia	Decocção	1
Alismataceae						
<i>Echinodorus sp.</i>	Chapéu de Couro	Gripe de criança ²	Fruto	Oral, 2 vezes ao dia	Sumo com leite	1
		Pressão alta ¹	Raiz/Folhas	Oral, até 2 vezes ao dia	Decocção	1
		Rins ¹	Folhas	Oral	Decocção	2
		Tratar umbigo de criança ²	Fruto	Oral, 2 vezes ao dia	Decocção	1
Amaranthaceae						
<i>Amaranthus viridis</i>	Caruru	Coceira ³	Folhas	Tópico, 20 minutos	Cataplasma	1
Amaryllidaceae						
<i>Allium sp.</i>	Alho	Picada de escorpião ²	Bulbo	Oral, na hora da picada	Infusão	1
				Tópico, na hora da picada.	Cataplasma	1
		Tosse ¹	Bulbo composto	Oral	Decocção em leite	1
Anacardiaceae						
<i>Anacardium occidentale</i>	Caju	Diarréia ¹	Folhas	Oral	Infusão	2
<i>Mangifera</i>	Manga	Calmante ²	Folhas	Oral, a noite	Decocção	1

indica

		Gripe ¹	Folhas jovens	Oral, 2 vezes ao dia	Decocção	1
		Infecção de garganta ²	Folhas	Oral, a noite	Decocção	1
<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Aroeira	Gastrite ¹	Broto	Oral, de manhã e a noite, 3 dias	Infusão	2
<i>Schinus terebinthifolia</i>	Aroeira Branca	Cicatrização ³	Casca/entr ecasca	Tópico, 2 vezes ao dia	Decocção	1
<i>Spondias purpurea</i>	Siriguela	Calmante ^{1,2}	Folhas	Oral	Decocção	1
					Infusão	1
		Pressão alta ¹	Folhas	Oral	Infusão	1
		Pressão alta ^{1,2}	Folhas	Oral	Decocção	4
		Taquicardia ²	Folhas	Oral, 1 copo a noite	Decocção	1
<i>Spondias tuberosa</i>	Umbu	Gravidez com risco de aborto ³	Casca	Oral, 1 vez ao dia	Maceração em água, 2 horas	1
Annonaceae						
<i>Annona muricata</i>	Graviola	Câncer ¹	Folhas	Oral, 2 vezes ao dia	Infusão (Secar folhas na sombra)	1
		Pressão alta ¹	Folhas	Oral	Infusão	1
<i>Annona squamosa</i>	Pinha	Gripe ³	Folhas maduras (amarelas)	Oral, 3 vezes ao dia	Decocção	1
Apiaceae						
<i>Coriandrum sativum</i>	Coentro	Calmante ²	Folhas	Oral, a noite	Decocção	1
		Cólica em crianças ^{1,2}	Raiz	Oral	Decocção	1
			Semente	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção	1
		Dor de barriga ²	Semente	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção (sementes secas)	1
Apocynaceae						
<i>Hancornia speciosa</i>	Mangaba	Câncer ²	Látex	Oral, de manhã em jejum	Látex com água	1
		Estômago ruim ²	Folhas	Oral, 1 vez ao dia	Decocção	1

		Ferimento profundo ²	Látex	Tópico, várias vezes ao dia	<i>In natura</i>	1
		Gripe ²	Folhas	Oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
		Insônia ²	Folhas	Oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
<i>Nerium oleander</i>	Espirradeira de Flor Vermelha	Sinusite ³	Folhas	Inalação, 1 vez ao dia	Pó	1
Aristolochiaceae						
<i>Aristolochia gigantea</i>	Milhome	Dor muscular ³	Folhas	Tópico	Cataplasma	1
Asteraceae						
<i>Acanthospermum sp.</i>	Carrapicho Maroto/Maroto ^{1,2}	Diarreia em crianças ¹	Raiz	Oral, 1 vez	Decocção	1
		Dor de dente ^{1,2}	Folhas/Raiz	Bochecho	Decocção	2
		Inflamações musculares ¹	Folhas	Tópico	Decocção	1
<i>Ageratum conyzoides</i>	Mentraz	Corrimento vaginal ¹	Planta completa	Tópico	Infusão	1
		Estômago ruim ¹	Planta completa	Oral, 1 vez ao dia	Decocção	2
		Indisposição, cansaço ¹	Planta completa	Banho, a noite	Decocção	1
		Mau cheiro nas axilas ¹	Folhas	Tópico	Cataplasma	1
		Problemas intestinais ¹	Raiz	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
					Infusão	1
<i>Ambrosia sp.</i>	Losna	Estimulante uterino (expulsar resto de parto) ¹	Folhas	Oral, durante o resguardo	Maceração em água ou em cachaça	1
		Inflamação uterina pós-parto ¹	Folhas	Oral, durante o resguardo	Maceração em água ou em cachaça	1
<i>Baccharis myrioccephala</i>	Carqueja	Depurativo do sangue ³	Folhas	Oral, todos os dias	Decocção	1
					Maceração em cachaça	1
		Para emagrecer ³	Folhas	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Problemas	Folhas	Oral	Maceração em água	1

		hepáticos ^{1,3}				
		Problemas intestinais ²	Folhas	Oral, duas vezes ao dia, em jejum	Maceração em água e cachaça	1
		Problemas renais ³	Folhas	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção	1
					Maceração em água	1
<i>Bidens cf. pilosa</i>	Picanço	Desidratação ¹	Planta completa	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Hepatite B e C ¹	Planta completa	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Icterícia em bebê ³	Folhas	Tópico, banho	Infusão	1
			Raiz	Oral, banho	Decocção	1
		Icterícia ^{1,3}	Folhas	Oral, várias vezes ao dia	Infusão	1
			Planta completa	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Problemas hepáticos ³	Folhas/Raiz	Oral, 3 vezes ao dia	Decocção	1
		Problemas renais ¹	Planta completa	Oral, várias vezes ao dia	Infusão/Decocção	5
<i>Chromolaena odorata</i>	Desinchadeira	Dente inflamado ²	Folhas	Bochecho, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Diurético ¹	Folhas	Oral	Decocção	3
		Inchaço ¹	Folhas	Tópico	Decocção	4
		Inflamação ¹	Folhas	Oral	Decocção	1
<i>Pluchea sp.</i>	Quitoco	Mulher com resguardo quebrado ³	Planta completa	Tópico (banho), durante 1 semana	Decocção	1
<i>Vernonanthura sp.</i>	Assapeixe	Gripe ¹	Folhas jovens	Oral, 3 vezes ao dia	Infusão	1
<i>Chromolaena odorata</i>	Desinchadeira	Dente inflamado ²	Folhas	Bochecho, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Diurético ¹	Folhas	Oral	Decocção	3
		Inchaço ¹	Folhas	Tópico	Decocção	4
		Inflamação ¹	Folhas	Oral	Decocção	1
Bignoniaceae						
<i>Dolichandra unguis-cati</i>	Unha de gato	Pressão alta ²	Ramo	Oral	Decocção	1

Bixaceae						
<i>Bixa orellana</i>	Urucum	Furúnculo ¹	Raiz	Oral, durante 3 dias	Decocção	1
		Problemas renais ¹	Raiz	Oral	Decocção	1
Boraginaceae						
<i>Cordia superba</i>	Escorrega ou Clara D' Ovo	Melhorar a voz ¹	Fruto	Oral	<i>In natura</i>	1
<i>Heliotropium elongatum</i>	Crista de Galo	Gripe ¹	Flores	Oral, 3 vezes ao dia	Decocção	1
		Infecção intestinal ¹	Raiz	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção	1
		Infecção pós parto ¹	Planta completa	Banho de assento, a noite, durante 3 dias	Decocção	1
<i>Symphytum officinale</i>	Confrei	Antibiótico ³	Folhas	Tópico, 2 vezes ao dia	Cataplasma	1
		Antiinflamatório ³	Folhas	Tópico, 2 vezes ao dia	Cataplasma	1
		Cicatrizante ³	Folhas	Tópico, 2 vezes ao dia	Cataplasma	1
		Furúnculo ³	Folhas	Tópico, 2 vezes ao dia	Cataplasma	1
Brassicaceae						
<i>Brassica oleracea</i>	Couve	Gastrite ²	Folhas	Oral	Sumo com leite/água.	2
		Mau hálito ²	Folhas	Oral, em jejum	Sumo com água	1
		Úlcera ²	Folhas	Oral	Sumo com leite/água.	1
Burseraceae						
<i>Protium sp.</i>	Mesca	Dor de cabeça ³	Resina	Inalação oral, até 3 vezes ao dia	Resina <i>In natura</i> em cigarro	1
Cactaceae						
<i>Cereus jamacaru</i>	Mandacaru	Anticaspa ¹	Mucilagem	Tópico	<i>In natura</i>	1
		Dar brilho nos cabelos ¹	Mucilagem	Tópico	<i>In natura</i>	1
<i>Opuntia ficus-indica</i>	Palma	Queimadura ³	Mucilagem	Tópico	<i>In natura</i>	1
<i>Pereskia sp.1</i>	Oropronobis ¹	Anemia ^{1,2}	Folhas	Oral, durante 15 dias	<i>In natura</i>	2
		Diabetes ²	Folhas	Oral, durante 15 dias	<i>In natura</i>	1
<i>Pereskia</i>	Oropronobis de flor branca	Anemia ³	Folhas	Oral, 1 vez ao dia	<i>In natura</i>	1

aculeata

Capparaceae						
<i>Crateva tapia</i>	Baquepari	Recuperar membros após derrame ¹	Óleo das sementes	Tópico, 01 vez ao dia	Extração: aquecer as sementes em água até obtenção do óleo.	1
Caricaceae						
<i>Carica papaya</i>	Mamão ¹ / Mamão Macho ^{1,2,3}	Coração ¹	Fruto	Oral	<i>In natura</i>	1
		Estimulante uterino (aumenta contrações) ³	Folhas	Banho, antes do parto	Decocção	1
		Estômago ruim ^{1,3}	Flores	Oral	Decocção	2
					Infusão	1
		Gripe ²	Flores	Oral, a noite	Decocção	1
		Verme ¹	Látex	Oral, em jejum durante 3 dias	01 gota no café	1
Celastraceae						
<i>Maytenus ilicifolia</i>	Espinheira Santa	Gripe ²	Folhas	Oral, a noite	Decocção	1
Commelinaceae						
<i>Tradescantia pallida</i>	Vestido de Viúva	Menopausa ³	Folhas	Oral, 3 gotas por dia	Maceração em álcool	1
Convolvulaceae						
<i>Ipomoea batatas</i>	Batata Doce	Queda de cabelo ^{1,2}	Folhas	Tópico	Decocção	2
<i>Operculina macrocarpa</i>	Jalapa	Antibiótico ³	Raiz	Oral, duas vezes ao dia	Decocção	1
		Anti-inflamatório ³	Raiz	Oral, duas vezes ao dia	Decocção	1
		Problemas intestinais ³	Raiz	Oral, duas vezes ao dia	Decocção	1
		Verme de gado ²	Raiz	Tópico	Cataplasma	1
		Verme ^{2,3}	Raiz	Oral, no almoço e jantar, 2 dias seguidos	Decocção	1
					Pó	1
Costaceae						
<i>Costus</i>	Caninha ³ /Caninha do Brejo ³ /Caninha de Macaco ^{1,3}	Problemas renais ^{1,3}	Folhas	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção	2

<i>spiralis</i>						
					Maceração em água	1
Crassulaceae						
<i>Kalanchoe sp.</i>	Saião	Cicatrizante bucal ³	Folhas	Oral, 1 vez ao dia/Bochecho, 3 vezes ao dia	Maceração em água e sal	1
		Cicatrizante para ferimentos ³	Folhas	Tópico, até 2 vezes ao dia	Cataplasma- Sumo das folhas aquecidas	1
		Dor de ouvido ^{1,2,3}	Folhas	Otológico	Sumo das folhas aquecidas	6
		Gastrite ¹	Folhas	Oral	<i>In natura</i>	2
					Suco	1
		Infecção intestinal ^{1,2}	Folhas	Oral	<i>In natura</i>	2
		Inflamação interna ¹	Folhas	Oral	Decocção	1
					<i>In natura</i>	1
		Inflamação na boca ³	Folhas	Oral, 1 vez ao dia/Bochecho, 3 vezes ao dia	Maceração em água e sal	1
Cucurbitaceae						
<i>Citrullus lanatus</i>	Melancia	Febre ¹	Semente	Oral, até 3 vezes ao dia	Infusão (pó da semente torrada)	2
		Intestino ruim ²	Semente	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção (pó da semente torrada)	1
		Problemas renais ²	Semente	Oral, no máximo 2 vezes ao dia	Infusão (pó da semente torrada)	1
<i>Cucurbita sp.</i>	Abóbora	Verme ^{2,3}	Semente	Oral, 1 vez de manhã em jejum	Infusão (pó da semente torrada)	1
					Ingerir semente <i>In natura</i> sem casca	1
				Oral, durante almoço e jantar	Pó	1
<i>Fevillea trilobata</i>	Gendiroba	Cólica menstrual ¹	Semente	Oral, 1 vez ao dia	Infusão (pó da semente torrada)	1
		Dor no estômago ¹	Fruto	Oral, 1 vez ao dia	Pó	1
			Semente	Oral, 1 vez ao dia	Infusão (pó da semente torrada)	1
		Epilepsia ²	Semente	Oral, 1 vez	Infusão (Retirar massa	1

					esverdeada do interior da semente - tóxica)	
<i>Momordica charantia</i>	São Caetano	Menopausa ²	Folhas jovens	Oral, 1/2 copo de manhã durante 6 meses	Infusão	1
		Tosse ¹	Folhas	Oral, 1 vez ao dia	Maceração em água	1
<i>Sechium edule</i>	Chuchu	Pressão alta ²	Folhas/Casca	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
			Fruto	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção	1
Cyperaceae						
<i>Cyperus articulatus</i>	Junça	Calmante ¹	Raiz	Oral, a noite	Decocção	1
<i>Scleria hirtella</i>	Carmo	Calmante ¹	Raiz	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Pressão alta ¹	Raiz	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
Euphorbiaceae						
<i>Euphorbia sp.</i>	Sete Sangrias	Infecção intestinal ³	Folhas	Oral	Decocção	1
		Problemas uterinos ²	Raiz	Oral, 2 vezes ao dia	Maceração em água	1
<i>Ricinus communis</i>	Mamona/Mamona Vermelha ³	Diarréia ¹	Fruto novo	Oral	Infusão (pó da mamona queimada)	1
		Frieiras ¹	Talo	Tópico, 3 noites seguidas	Cataplasma morno	1
		Laxante ³	Óleo da Semente	Oral	Extração do óleo	1
		Vômito ¹	Fruto novo	Oral	Infusão (pó da mamona queimada)	1
Euphorbiaceae						
<i>Euphorbia tirucalli</i>	Pecado Pelado	Câncer ¹	Látex	Oral, 1 vez ao dia	1 gota do látex em 1 copo de água	1
Fabaceae						
<i>Albizia lebbek</i>	Ovelha	Dores musculares ¹	Folhas	Tópico, a noite	Pó aquecido	1
<i>Amburana cearensis</i>	Umburana ^{1,2} Imburana ¹ Umburana Fêmea ³ Umburana Macho ² Umburana de Cheiro ³	Antiinflamatório ³	Semente	Inalação, 3 vezes ao dia	Pó (semente torrada)	1

	Artrite ³	Casca	Tópico/banho	Decocção	1
	Bactericida ³	Semente	Inalação, 3 vezes ao dia	Pó (semente torrada)	1
	Bronquite ²	Semente	Oral, 3 vezes ao dia	Infusão (semente pulverizada)	1
	Dor de cabeça ¹	Semente	Oral	Infusão	1
	Dor de cabeça ^{1,2}	Semente	Inalação	Pó	2
	Dor de cabeça ²	Fruto	Inalação	Pó	1
			Oral, a noite	Infusão	1
		Semente	Oral	Infusão/Maceração (pó da semente torrada)	3
		Semente/Casca	Oral, 3 vezes ao dia	Infusão (semente pulverizada)/Decocção (casca)/Maceração em cachaça (casca)	1
	Dor de cabeça ³	Semente	Oral	Decocção	1
	Dor no estômago ²	Casca/Semente	Oral, 1 vez ao dia em jejum	Maceração em água (Casca ou semente)/Infusão (semente)	3
	Dores em geral ²	Fruto	Oral, até 3 vezes ao dia	Infusão	1
		Semente	Oral	Maceração/Infusão (pó)	3
	Febre ^{2,3}	Fruto	Oral, até 3 vezes ao dia	Infusão	1
	Febre ³	Semente	Oral, 2 vezes ao dia	Decocção	1
	Gripe ¹	Semente	Inalação, 3 vezes ao dia / Oral	Pó (semente torrada) / Infusão (pó da semente torrada)	1
	Gripe ²	Fruto	Oral	Infusão	1
	Pneumonia ²	Casca	Oral, 2 vezes ao dia	Decocção	1
	Problemas estomacais ²	Semente/casca	Oral, 3 vezes ao dia	Infusão (semente pulverizada)/Decocção (casca)/Maceração em cachaça (casca)	1
	Sinusite ¹	Semente	Oral	Infusão (pó da semente torrada)	1
	Sinusite ^{2,3}	Semente	Inalação, 3 vezes ao dia	Pó (semente torrada)	3
<i>Anadenanthera</i> sp.	Angico ³ /Angico Vermelho ^{1,2}	Entrecasca	Oral, várias vezes ao dia	Maceração em água	1
	Gripe ¹	Entrecasca	Oral, de 8 em 8 horas	Infusão	1

		Pneumonia ^{1,2}	Entrecasca	Oral	Decocção	1
					Maceração em água	1
Bauhinia sp.	Pataca de Vaca	Pressão alta ²	Folhas	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção	1
Copaifera langsdorffii	Pau D'óleo	Cicatrização de ferimentos ²	Óleo	Tópico, 1 vez ao dia	Óleo extraído do caule	1
		Febre teimosa ³	Casca da raiz	Oral, até melhorar	Maceração (pó)	1
Desmodium sp.	Carrapicho	Problemas estomacais ¹	Planta completa	Oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
Dioclea violacea	Olho de Boi	Recuperação de acidente vascular cerebral (AVC) ³	Semente	Oral, 2 vezes ao dia	Infusão (pó de 1/4 da semente)	1
Erythrina sp.	Mulungu	Ferimento ³	Casca	Tópico, 2 vezes ao dia	Decocção	1
Indigofera sp.	Anil do Campo	Alvejante de roupas ¹	Folhas	Durante a lavagem das roupas	<i>In natura</i>	1
		Peste em animais ¹	Folhas	Oral, 1 vez ao dia, durante 3 dias	Sumo	1
Leptolobium dasycarpum	Unhadanta	Estômago ¹	Raiz	Oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
Melanoxylon brauna	Braúna	Antibiótico ³	Folhas	Tópico, 2 vezes ao dia	Sumo	1
		Antiinflamatório ³	Folhas	Tópico, 2 vezes ao dia	Sumo	1
		Ferimentos ³	Folhas	Tópico, 2 vezes ao dia	Sumo	2
Não identificada	Sacatrapo	Bronquite ¹	Semente	Oral, de 08 em 08 horas	Infusão (pó da semente).	1
		Gripe ¹	Semente	Oral, de 08 em 08 horas	Infusão (pó da semente).	1
Senna occidentalis	Fedegoso	Conjuntivite ²	Flores	Oftalmológico, várias vezes ao dia	Maceração em leite materno	1
		Contra mau olhado ³	Folhas mais jovens	Benzimento	<i>In natura</i>	3
		Depurativo do sangue ³	Folhas	Oral, 3 vezes ao dia	Decocção	1
		Dor de barriga (para crianças até 6 meses) ²	Flores	Oral	Decocção	3
					Infusão	3

		Dor de barriga ²	Flores	Oral	Decocção	1
			Raiz	Oral	Decocção	1
		Dor de cabeça ²	Raiz	Oral, até 3 vezes ao dia	Infusão	4
		Febre ¹	Raiz	Oral, 3 vezes ao dia	Decocção	1
		Febre ³	Raiz	Oral, 3 vezes ao dia/ Tópico (banho)	Infusão	1
		Gripe ^{1,2}	Raiz	Oral, 1 vez a noite	Queima da raiz em um pouco de cachaça.	3
				Oral, até 3 vezes ao dia	Infusão (pó)	5
		Problemas hepáticos ³	Folhas	Oral, 3 vezes ao dia	Decocção	1
		Problemas intestinais ¹	Raiz	Oral, 3 vezes ao dia	Infusão	1
		Problemas renais ³	Folhas	Oral, 3 vezes ao dia	Decocção	1
		Rouquidão ²	Raiz	Oral, 1 vez a noite	Queima da raiz em um pouco de cachaça.	3
		Tosse ¹	Raiz	Oral, até 3 vezes ao dia	Infusão (pó)	1
<i>Stryphnodendron adstringens</i>	Barbatimão	Câncer ²	Casca	Oral, 01 vez ao dia	Maceração em água	1
		Cicatrização de ferimentos ²	Casca	Tópico, a noite	Pó	1
		Gastrite ²	Casca	Oral, 01 vez ao dia	Maceração em água	1
<i>Tamarindus indica</i>	Tamarindo	Pressão alta ¹	Folhas	Oral	Infusão	1
<i>Hymenaea martiana</i>	Jatobá	Gripe ²	Casca	Oral, 2 vezes ao dia	Decocção/ Maceração em água	1
<i>Stylosanthes sp.</i>	Peidorreira	Gases ¹	Planta completa	Oral	Infusão	1
		Problemas intestinais ¹	Planta completa	Oral	Infusão	1
Lamiaceae						
<i>Leonotis nepetifolia</i>	Cordão de Frade	Dor muscular ³	Planta completa	Tópico, 2 vezes ao dia	Decocção	1
		Febre ¹	Raiz	Oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
		Reumatismo ³	Folhas	Oral, 3 vezes ao dia	Decocção	1

<i>Mentha spicata</i>	Hortelãnzinho	Febre ^{1,2}	Folhas	Oral	Decocção	2
		Gripe ^{1,2}	Folhas	Oral	Infusão	6
		Tosse ¹	Planta completa	Oral	Decocção	1
		Tosse ²	Folhas	Oral	Infusão	1
<i>Ocimum gratissimum</i>	Alfavaca de Casa ¹ / Alfavaca ^{1,2}	Gripe ¹	Folhas	Oral	Infusão	1
		Gripe ^{1,2}	Folhas	Oral	Decocção	3
		Melhorar a memória ¹	Folhas	Oral, 1 vez ao dia, durante 15 dias	Infusão	1
<i>Ocimum sp.</i>	Manjeriçã	Tosse ¹	Folhas	Oral, 3 vezes ao dia	Infusão	1
		Gripe ¹	Folhas	Oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
<i>Plectranthus amboinicus</i>	Hortelã Pimenta	Tosse ¹	Folhas	Oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
		Gripe ¹	Folhas	Oral	Infusão	1
<i>Plectranthus barbatus</i>	Hortelã Margoso	Gripe ^{1,2}	Folhas	Oral	Decocção	5
		Contra AVC ²	Folhas	Oral	Maceração em água	3
<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim	Dor de barriga, estômago ruim ^{1,2}	Folhas	Oral	Maceração em água	1
		Problemas hepáticos ^{1,2}	Folhas	Oral	Maceração em água	3
		Ressaca de álcool ¹	Folhas	Oral	Maceração em água	1
		Calmante ¹	Folhas	Oral	Infusão	1
		Calmante ³	Folhas	Oral	Decocção	1
<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim	Coração ²	Folhas	Oral, até 2 vezes ao dia	Decocção	2
		Dor cardíaca ¹	Ramos	Oral, várias vezes ao dia	Maceração em água, 1 hora	1
		Dor de cabeça ¹	Ramos	Oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
		Febre ¹	Ramos	Oral, várias vezes ao dia	Maceração em água, 1 hora	1
		Pressão alta ¹	Folhas	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	2
		Taquicardia ¹	Ramos	Oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
Lauraceae						

<i>Cinnamomum verum</i>	Canela	Diabetes ²	Casca	Oral, 1 vez ao dia, durante 3 meses.	Decocção	1
<i>Persea americana</i>	Abacate	Dor nos ossos ¹	Semente	Oral, 2 vezes ao dia	Maceração em água e vinho, 3 dias.	1
		Dor renal ¹	Folhas	Oral, 3 vezes ao dia	Infusão (folha seca)	1
		Estimulante uterino (aumenta contrações) ³	Folhas	Tópico, banho antes do parto	Decocção	2
		Pressão alta ²	Folhas	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção	1
Lythraceae						
<i>Punica granatum</i>	Romã	Cicatrizante ¹	Casca do fruto	Tópico, várias vezes ao dia	Pulverização da casca seca	1
		Diarreia ³	Casca do fruto	Oral, várias vezes ao dia	Maceração em água	1
			Folhas	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Dor de garganta ¹	Casca do fruto	Gargarejo, várias vezes ao dia	Maceração em água	1
		Dor de garganta ²	Casca do fruto	Gargarejo, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Gripe ³	Casca do fruto	Oral, várias vezes ao dia	Maceração em água	1
			Folhas	Gargarejo, 2 vezes ao dia	Decocção	1
Malpighiaceae						
<i>Malpighia glabra</i>	Acerola	Calmante ¹	Folhas	Oral	Infusão	1
		Diabete ¹	Folhas	Oral	Infusão	1
		Gripe ¹	Folhas	Oral	Infusão	1
Malvaceae						
<i>Abelmoschus esculentus</i>	Quiabo	Veneno de cobra e escorpião ³	Semente	Oral, 1 vez	Maceração (pó da semente torrada)	2
<i>Gossypium herbaceum</i>	Algodão	Cólica menstrual ³	Folhas	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção	1
		Dor de ouvido ^{1,2}	Maçã (Fruto)	Otológico, 3 vezes ao dia.	Esquenta a maçã. Após esfriar, espreme no ouvido.	5
		Ferimento ²	Folhas	Tópico, a noite	Decocção (adicionar gotas de álcool)	1

		Gripe (crianças) ¹	Semente	Oral	Infusão (pó da semente torrada)	1
		Gripe ¹	Folhas	Oral	Decocção	2
		Infecção ^{1,2}	Folhas	Oral	Decocção	2
		Inflamação urinária ²	Folhas	Oral, 2 vezes ao dia	Decocção	1
		Micose (pano branco) ¹	Folhas	Tópico, durante 15 dias, a noite.	Cataplasma	1
		Tosse ¹	Maçã (Fruto)	Oral, 2 vezes ao dia	Decocção em leite	1
<i>Guazuma ulmifolia</i>	Mutamba	Diabetes ¹	Entrecasca	Oral, 3 vezes ao dia	Maceração em água, 3 dias.	1
		Problemas hepáticos ²	Casca	Oral, várias vezes ao dia (maceração)/1 vez a noite (decocção)	Maceração em água/Decocção	1
		Problemas renais ²	Casca	Oral, várias vezes ao dia (maceração)/1 vez a noite (decocção)	Maceração em água/Decocção	1
		Próstata ²	Casca	Oral, várias vezes ao dia (maceração)/1 vez a noite (decocção)	Maceração em água/Decocção	1
Meliaceae						
<i>Azadirachta indica</i>	Nim	Alergia ²	Folhas	Tópico (banho)	Decocção	1
		Carrapato em gados ²	Folhas	Tópico	Maceração em água	1
		Pulga e pulgões ¹	Ramos	Uso local	<i>In natura</i>	1
		Pulga e pulgões ³	Ramos	Uso local	Incenso (queima das folhas)	1
					Maceração em água	2
		Repelente (muriçocas e carrapatos) ³	Folhas	Uso local/Tópico	Maceração em álcool, uma semana	3
		Sarna ²	Folhas	Tópico (banho)	Decocção	1
Moraceae						
<i>Dorstenia brasiliensis</i>	Garapiá	Brotoeja (crianças) ¹	Raiz	Oral	Decocção	1
		Depurativo do sangue ¹	Raiz	Oral	Decocção	1

		Diarreia (crianças) ¹	Raiz	Oral	Decocção	1
		Estimulação da dentição infantil ^{2,3}	Raiz	Oral	Decocção	2
		Febre ³	Raiz	Oral, a noite ao deitar	Decocção	1
<i>Maclura tinctoria</i>	Moreira	Dor de dente ² (faz perder o dente)	Látex	Tópico, 1 vez	Aplica no dente dolorido	3
<i>Morus nigra</i>	Amora	Menopausa ³	Folhas	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Pressão alta ¹	Folhas	Oral	Decocção	1
Musaceae						
<i>Musa sp.</i>	Banana Prata	Diarréia ¹	Fruto com casca	Oral, 2 vezes ao dia	Decocção	1
Myristicaceae						
<i>Myristica fragans</i>	Noz moscada	Derrame ¹	Semente	Oral, várias vezes ao dia	Infusão (pó)	1
		Dor ¹	Semente	Oral, várias vezes ao dia	Infusão (pó)	1
Myrtaceae						
<i>Psidium guajava</i>	Goiaba	Diarréia ¹	Olho	Oral	Infusão	2
		Diarréia ^{2,3}	Olho	Oral	Decocção	3
		Ferimento ^{1,2}	Casca da árvore	Tópico	Decocção/Pó	1
			Olho	Tópico	Pó	1
		Pressão alta ²	Fruto	Oral, 1 fruto por dia	<i>In natura</i>	1
Nyctaginaceae						
<i>Boerhavia sp.</i>	Erva Tustão	Dores nas pernas ¹	Planta completa	Tópico, a noite	Decocção	1
<i>Bougainvillea sp.</i>	Roseira ² /Burguevilha do Campo ¹ /Burguevilha do Mato ¹	Conjuntivite ¹	Flores	Oftalmológico, 01 vez ao dia	Decocção	2
		Conjuntivite ²	Flores	Oftalmológico, 01 vez ao dia	Maceração em água.	1
		Dor nos olhos ²	Flores	Oftalmológico, até 3 vezes ao dia	Sumo das flores	1
		Visão embaçada ²	Flores	Oftalmológico, até 3 vezes ao dia	Sumo das flores	1
Oxalidaceae						

<i>Averrhoa carambola</i>	Carambola	Diabetes ²	Fruto	Oral, várias vezes ao dia	<i>In natura</i> / Sumo	1
Passifloraceae						
<i>Passiflora sp.</i>	Maracujá	Calmante ^{1,3}	Fruto	Oral, a noite	Decocção do fruto (fazer furo no fruto)	1
				Oral, várias vezes ao dia	Suco	2
		Diabetes ¹	Casca do fruto	Oral, 1 colher no leite, 2 vezes ao dia	Pó (secagem na sombra)	1
		Insônia ²	Folhas/Raiz	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção	1
		Pressão alta ¹	Folhas	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção	1
		Pressão alta ^{1,2}	Casca do fruto	Oral	Decocção	1
			Folhas	Oral	Decocção	1
			Fruto	Oral, várias vezes ao dia	Suco	1
		Pressão alta ²	Raiz	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção	1
Phyllanthaceae						
<i>Phyllanthus tenellus</i>	Quebra-Pedra	Problemas renais ^{1,2,3}	Planta completa	Oral	Decocção	6
Phytolaccaceae						
<i>Petiveria alliacea</i>	Guiné	Antiinflamatório interno ³	Folhas	Tópico, 2 vezes ao dia	Maceração em álcool	1
		Dores ²	Raiz	Tópico, a noite	Decocção	1
		Mau olhado ^{2,3}	Folhas	Benzimento	<i>In natura</i>	1
			Raiz	Tópico, a noite	Decocção	1
		Reumatismo ²	Planta completa	Tópico, várias vezes ao dia	Maceração em álcool, 1 dia	1
			Raiz	Oral, 1 vez ao dia	Maceração em cachaça, 2 dias.	1
				Tópico, a noite	Decocção	1
		Sinusite ¹	Folhas	Inalação, 3 vezes ao dia	Pó (Secagem em sombra com aquecimento)	1
Plantaginaceae						
<i>Plantago major</i>	Transagem	Antibiótico ¹	Folhas	Oral	Decocção	1

		Dor na virilha ²	Folhas	Oral, até 2 vezes ao dia	Decocção	1
		Gripe ¹	Folhas	Oral	Decocção	1
		Infecção intestinal ¹	Folhas	Oral	Maceração em água	1
		Inflamação de garganta ¹	Folhas	Oral	Decocção	1
		Inflamação interna ¹	Folhas	Oral	Decocção	2
					Sumo com água	1
		Inflamação interna ^{1,2,3}	Folhas	Oral	<i>In natura</i>	1
				Tópico	Cataplasma	1
		Inflamação no útero ^{1,2}	Folhas	Oral	Decocção	2
Poaceae						
<i>Cymbopogon winterianus</i>	Citronela	Repelente contra mosquitos e moscas ³	Folhas	Uso local	Folhas frescas	1
<i>Melinis minutiflora</i>	Capim Meloso	Anticaspa ²	Planta completa	Tópico	Decocção	1
		Diarreia ²	Planta completa	Oral, 1 copo	Decocção	1
		Febre/ Febre dentição infantil ²	Planta completa	Banho (abaixo da cintura)	Decocção	1
				Oral, 1 copo	Decocção	1
<i>Oryza sativa</i>	Arroz	Diarréia/Vômito ¹	Grão de arroz com casca	Oral, várias vezes ao dia	Cozimento (até dissolver)	1
<i>Urochloa mutica</i>	Bengo	Aumentar o crescimento do cabelo ²	Raiz	Tópico, durante 7 dias	Maceração em água	1
Rubiaceae						
<i>Coffea arabica</i>	Café	Derrame ¹	Grão	Oral	Maceração em água (pó). Acrescenta bicarbonato de sódio.	1
		Dor de cabeça ¹	Grão	Oral	Maceração em água (pó). Acrescenta bicarbonato de sódio.	1
		Pressão alta ¹	Grão	Oral	Maceração em água (pó).	1

					Acrescenta bicarbonato de sódio.	
<i>Remijia ferruginea</i>	Quina	Estômago ¹	Raiz	Oral	Decocção	1
		Problema intestinal ¹	Raiz	Oral	Decocção	1
Rutaceae						
<i>Citrus sp.</i>	Limão	Gripe ²	Fruto	Oral, a noite	Decocção	1
		Pressão alta ²	Fruto	Oral, até 2 vezes ao dia	Decocção	1
		Prevenção de câncer ²	Fruto	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Purificar o sangue ²	Fruto	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
<i>Citrus x aurantium</i>	Laranja	Dor de barriga ²	Folhas	Oral	Decocção	1
		Dor de cabeça ²	Folhas	Oral	Decocção	1
		Gripe ^{1,2}	Folhas	Oral, 3 vezes ao dia	Infusão/Decocção	2
	Lima	Insônia ²	Folhas	Oral, a noite	Decocção	1
<i>Ruta graveolens</i>	Arruda	Cicatrização de ferimentos ¹	Folhas	Tópico, 2 vezes ao dia	Pó	1
		Dor de cabeça ¹	Folhas	Oral, uma vez ao dia/Inalação	Decocção/Pó	1
		Libertar de energia ruim ³	Folhas	Benzimento	<i>In natura</i>	1
Salicaceae						
<i>Casearia sp.</i>	Teiu	Picada de cobra ³	Raiz	Tópico	Pó	1
Simaroubaceae						
<i>Simarouba sp.</i>	Paratudo	Dor no corpo ²	Casca	Oral, várias vezes ao dia	Maceração em água, 1 dia	1
		Gastrite ^{1,2}	Casca	Oral, 3 vezes ao dia	Decocção	1
					Maceração em água, 1 dia	1
		Problemas hepáticos ¹	Casca	Oral, 3 vezes ao dia	Decocção	1
		Problemas intestinais ¹	Casca	Oral, 3 vezes ao dia	Decocção	1
Solanaceae						

<i>Capsicum sp.</i>	Pimenta Malagueta	Furúnculo ³	Folhas	Tópico	Cataplasma (folha aquecida)	1
		Queda de cabelo ¹	Folhas	Tópico	Decocção	1
<i>Datura sp.</i>	Maxixe de Capeta	Reumatismo ¹	Fruto	Tópico, várias vezes ao dia	Maceração em álcool	1
<i>Solanum sp.1</i>	Berinjela	Pressão alta ²	Fruto	Oral	Sumo com água	1
<i>Solanum sp.2</i>	Jurubeba	Abrir o apetite ²	Fruto	Oral	<i>In natura</i>	1
		Dor de cabeça ²	Raiz	Oral	Maceração em água, 3 dias	1
		Dor no estômago ²	Raiz	Oral	Maceração em água, 3 dias	1
		Gripe ²	Raiz	Oral, a noite	Decocção	1
		Problemas hepáticos ^{1,2}	Casca da raiz	Oral	Decocção	1
			Raiz	Oral	Maceração em água, 3 dias	1
		Problemas renais ²	Raiz	Oral	Maceração em água, 3 dias	1
		Problemas uterinos ²	Raiz	Oral	Maceração em água, 3 dias	1
		Ressaca ¹	Casca da raiz	Oral	Decocção	1
<i>Solanum sp.3</i>	Melancia do Mato ¹ /Melancia da praia ¹	Febre ¹	Raiz	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Gripe ¹ (criança)	Raiz	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Icterícia	Planta completa	Tópico (banho)	Decocção	1
<i>Solanum sp.4</i>	Tomatinho	Estomatite cremosa (Sapinho em crianças) ¹	Fruto	Tópico, até 3 vezes ao dia	Sumo	1
Urticaceae						
<i>Cecropia sp.</i>	Embaúba	Dor na coluna ³	Folhas	Tópico, a noite ao deitar	Compressa do decocto	1
		Furúnculo ³	Folhas jovens	Tópico	Cataplasma	2
Verbenaceae						
<i>Aloysia gratissima</i>	Alfazema	Dor de cabeça ¹	Folhas	Oral	Decocção	2
					Infusão	1
		Gripe ¹	Folhas	Oral	Decocção	1
					Infusão	2

		Nervosismo ¹	Ramos	Oral	Maceração em água	1
		Nervosismo ³	Ramos	Oral/Tópico (Banho)	Decocção	1
		Perfume para roupas ¹	Ramos	Uso no enxague	Maceração em álcool	1
		Pressão alta ¹	Folhas	Oral	Decocção	3
		Sinusite ¹	Ramos	Inalação/Oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
<i>Lippia alba</i>	Cidreira de Folha Redonda ¹ /Erva Cidreira ^{1,3} /Erva Cidreira de Folha Redonda/Erva Cidreira de Folha ^{2,3} /Erva Cidreira de Vara ¹	Calmante ²	Folhas	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Dor de cabeça ²	Folhas	Oral, 2 vezes ao dia	Decocção	3
		Estômago ruim ¹	Folhas	Oral	Infusão	1
		Estômago ruim ^{1,2,3}	Folhas	Oral	Decocção	5
		Gripe ¹	Folhas	Oral	Decocção	2
		Pressão alta ^{1,2}	Folhas	Oral	Decocção	3
		Tosse ²	Folhas	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
<i>Lippia sp.1</i>	Ministro	Febre ¹	Folhas	Oral, 2 vezes ao dia	Infusão	1
		Gripe ¹	Folhas	Oral, 2 vezes ao dia	Infusão	1
<i>Lippia sp.2</i>	Melissa	Calmante ³	Folhas	Oral	Decocção	1
		Gripe ¹	Folhas	Oral	Decocção	1
		Pressão alta ¹	Folhas	Oral	Decocção	1
		Problemas intestinais ³	Folhas	Oral	Decocção	1
Xanthorrhoeaceae						
<i>Aloe vera</i>	Babosa	Câncer ¹	Folhas	Oral, 3 vezes ao dia.	Maceração em vinho.	1
		Câncer ²	Mucilagem das folhas	Oral	Bate a mucilagem com mel.	2
		Dar brilho aos cabelos ^{1,3}	Mucilagem das folhas	Tópico	<i>In natura</i>	3
		Hemorroida ¹	Mucilagem das folhas	Tópico, 2 vezes ao dia	<i>In natura</i>	1
		Queda de cabelo ¹	Mucilagem das folhas	Tópico, 1 vez por semana	<i>In natura</i>	1
		Queimadura/ferimen	Mucilagem	Tópico, várias vezes ao	<i>In natura</i>	4

		to ^{1,3}	das folhas	dia		
		Rachadura nos pés ¹	Mucilagem das folhas	Tópico, a noite	<i>In natura</i>	1
		Úlcera ²	Mucilagem das folhas	Oral	Bate a mucilagem com mel.	1
		Verme ¹	Mucilagem das folhas	Oral, 1 vez ao dia em jejum	Uma gota da mucilagem em água.	1
				Oral, 1 vez ao dia em jejum, durante 3 dias	Pílulas de mucilagem com goma, (secagem no sol).	1
Zingiberaceae						
<i>Hedychium coronarium</i>	Água de Colônia	Pedra na vesícula ²	Qualquer parte	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Pedra nos rins ²	Qualquer parte	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Problemas renais ²	Qualquer parte	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
<i>Zingiber officinale</i>	Gengibre	Dor de garganta ³	Raiz	Gargarejo, a noite	Decocção	1
		Febre ³	Raiz	Oral, 3 vezes ao dia	Decocção	1
Não coletada						
Não coletada	Angico Branco	Gripe ²	Casca	Oral, 2 vezes ao dia	Maceração em água, 1 dia	1
Não coletada	Arnica do Brejo	Picada de cobra ³	Folhas	Tópico, 1 vez	Maceração em álcool	1
Não coletada	Boldo da folha pequena	Repelente de pragas e insetos ³	Planta completa	Local	Cultivar na horta pra proteger as plantas	1
Não coletada	Buta	Problemas renais ¹	Raiz	Oral	Maceração em água	1
		Problemas uterinos ¹	Raiz	Oral	Maceração em água	1
Não coletada	Camomila	Calmante ^{1,2,3}	Flores/Folhas/Semente	Oral, a noite	Infusão/Decocção	3
		Cólica ²	Flores/Folhas/Semente	Oral, 2 vezes ao dia	Infusão	1
		Descarrego ³	Folhas/Flores	Tópico, banho	Decocção	1
		Dor de barriga (recém nascido) ^{1,3}	Flores/Folhas/Semente	Oral	Infusão/Decocção	2

		Dor de barriga ²	Folhas/sem ente	Oral, 2 vezes ao dia	Infusão	1
Não coletada	Cebola	Tosse ¹	Bulbo	Oral, 1 colher de chá de 6 em 6 horas	Extração do sumo: fatias intercaladas com açúcar, temperatura ambiente	1
Não coletada	Copo de Leite	Ter visões ³	Pétalas	Inalação oral	Fazer cigarro de palha com as pétalas murchas	1
Não coletada	Espinafre	Diabetes ¹	Folhas	Oral	<i>In natura</i>	1
		Pressão alta ¹	Folhas	Oral	<i>In natura</i>	1
Não coletada	Eucalipto	Sinusite ³	Folhas	Inalação, ao deitar	Decocção	1
Não coletada	Guanandi	Dor no peito ³	Látex	Tópico, 15 minutos	Compressa	1
Não coletada	Insulina	Diabetes ²	Folhas	Oral, 2 a 3 vezes ao dia	Sumo	1
Não coletada	Junco	Veneno de cobra ou escorpião ³	Raiz	Oral, 1 vez	Maceração em água (raiz pulverizada)	1
Não coletada	Jussara Branca	Veneno de cobra ou de escorpião ³	Entrecasca de árvore jovem	Oral, 1 vez	Sumo	1
Não coletada	Mirra	Libertar de coisas ou estado ruim ³	Folhas	Tópico	Maceração em água	1
Não coletada	Salsa	Infecção urinária ²	Folhas	Oral, 3 vezes ao dia	<i>In natura</i> /Infusão	1
Não coletada	Sete Capa	Diarreia ³	Casca	Oral, 2 vezes ao dia	Decocção	1
Não identificada						
Não identificada	Alevante	Gripe ¹	Folhas	Oral, várias vezes ao dia	Infusão	1
Não identificada	Alfavaca do Mato	Gripe ¹	Folhas	Oral, 3 vezes ao dia	Infusão	1
		Vermes ¹	Folhas	Oral, 1 vez ao dia em jejum, durante 3 dias	Decocção em leite.	1
Não identificada	Amaranto	Anemia ³	Sementes	Oral, 1 vez ao dia	Pó (semente torrada)	1
Não identificada	Anador	Dor ¹	Folhas	Oral, até 2 vezes ao dia	Decocção	1
		Febre ¹	Folhas	Oral, até 2 vezes ao dia	Infusão	1
Não identificada	Arnica	Antiinflamatório ³	Folhas	Tópico	Maceração em álcool	1
		Cãibra ³	Folhas	Tópico, várias vezes ao	Maceração em álcool	1

			dia			
		Cicatrização de feridas ³	Folhas	Tópico	Cataplasma	1
		Dores musculares ²	Folhas	Tópico	Maceração em álcool	1
Não identificada	Artemisia	Infecção uterina ¹	Folhas	Oral, durante o resguardo	Maceração em cachaça, 15 dias	1
		Resguardo ¹	Folhas	Oral, durante o resguardo	Maceração em cachaça, 15 dias	1
Não identificada	Artemisia do Mato	Dor de dente ¹	Flores	Bochecho	Decocção	1
				Flor diretamente no buraco	<i>In natura</i>	1
Não identificada	Boldo	Estômago ruim, má digestão ^{1,2,3}	Folhas	Oral	Maceração em água.	4
		Inflamação hepática ^{1,2,3}	Folhas	Oral	Maceração em água.	3
		Intestino ruim ³	Folhas	Oral, 1 copo ao dia ³	Maceração em água	1
		Problemas renais ³	Folhas	Oral, 1 copo ao dia ³	Maceração em água	1
Não identificada	Brasforte	Dor de barriga forte ¹	Raiz	Oral, 2 a 3 vezes ao dia	Decocção	1
Não identificada	Caatinga de Mulata	Taquicardia ¹	Folhas	Oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
Não identificada	Cafezinho do Mato	Dor de cabeça ³	Folhas	Tópico, 1 vez ao dia	Decocção	1
Não identificada	Capim Açú	Dor muscular, contusão ²	Folhas	Tópico	Cataplasma	3
		Verme ²	Folhas	Oral, 1 vez em jejum	Maceração em água, 1 dia	3
Não identificada	Capim Cidreira ^{1,3} /Erva Cidreira de Capim ^{1,2}	Calmente ¹	Folhas	Oral	Infusão	1
		Calmente ^{1,2,3}	Folhas	Oral	Decocção	3
		Insônia ¹	Folhas	Oral, 1 vez a noite	Decocção	1
		Pressão alta ²	Folhas	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção	2
		Taquicardia ¹	Folhas	Oral	Infusão	1
Não identificada	Capueiraba	Dor de barriga ¹	Folhas	Oral, 1 vez ao dia em jejum	Decocção	1
Não identificada	Erva Doce	Dor de barriga (criança) ²	Semente	Oral, até 3 vezes ao dia	Infusão	1

Não identificada	Guache (Guaco)	Dor de cabeça ¹	Folhas verdes	Inalação e uso oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
		Sinusite ¹	Folhas verdes	Inalação e uso oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
Não identificada	Japacanga	Furúnculo ¹	Casca	Tópico	Pó	1
			Entrecasca	Oral	Maceração com água	1
		Infecções ¹	Entrecasca	Oral	Maceração com água.	1
Não identificada	Manjerina	Sífilis ¹	Entrecasca	Oral	Maceração com água	1
		Calmente ¹	Folhas/Planta completa	Oral, 3 vezes ao dia	Infusão	1
		Gripe ¹	Folhas/Planta completa	Oral, 3 vezes ao dia	Infusão	1
Não identificada	Mastruz	Dores musculares ou nos ossos, inflamação ²	Planta completa	Tópico	Cataplasma	2
		Ferimento ^{1,3}	Folhas	Tópico	Cataplasma (folha aquecida)	2
		Verme ^{1,2}	Folhas	Oral, em jejum durante 3 dias	Maceração em água	2
		Verme ^{1,3}	Folhas	Oral, em jejum. Repetir após 3 semanas	Maceração em leite	2
Não identificada	Perpétua	Asma ¹	Flores	Oral	Decocção	1
		Bronquite ¹	Flores	Oral	Decocção	1
		Calmente ¹	Flores	Oral	Maceração em água, 3 horas	1
		Gripe ¹	Flores	Oral	Decocção	1
		Insônia ¹	Flores	Oral	Maceração em água, 3 horas	1
Não identificada	Pimenta da Costa	Gripe ¹	Folhas	Oral, 3 vezes ao dia	Decocção	1
Não identificada	Poejo	Calmente ²	Folhas	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
		Febre ²	Folhas	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção	1
		Gripe ^{1,2} /Gripe em crianças ³	Folhas	Oral, várias vezes ao dia	Infusão/ Decocção	3

		Tosse ²	Folhas	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção	1
Não identificada	Pustemeira	Inflamação no útero ¹	Raiz	Oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
		Inflamação renal ¹	Raiz	Oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
Não identificada	Rosa Branca de Cacho	Descarrego ¹	Flores	Oral e banho	Decocção (flores secas)	1
Não identificada	Santa Maria	Dor de dente ¹	Ramos	Tópico (Bochecho)	Decocção	1
		Inchaço nas pernas ¹	Ramos	Tópico (banho)	Decocção	1
Não identificada	Tiozinho	Coceira ²	Folhas	Oral, meio copo, uma vez ao dia.	Decocção	1
				Tópico	Decocção	2
		Intoxicação em crianças ²	Folhas	Tópico (banho), até 2 vezes ao dia.	Decocção	1
		Micose ²	Folhas/Casca	Tópico, 1 vez ao dia	Decocção	1
Não identificada	Vassourinha	Diarreia ³	Folhas	Oral, 2 vezes ao dia	Maceração em água	1
		Infecção intestinal ¹	Raiz	Oral, até 3 vezes ao dia	Decocção (sem açúcar)	1

Legenda: ¹ Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos, ² Comunidade Quilombola Baú, ³ Comunidade Indígena Cinta Vermelha- Jundiba, NC - Número de citações, Não coletada- Plantas não coletadas, Não identificada- Plantas coletadas, mas ainda não identificadas.

Tabela 11: Uso popular de plantas em associação nas comunidades quilombolas Arraial dos Crioulos e Baú e na comunidade indígena Cinta Vermelha-Jundiba

A	Família	Espécie	Nome Popular	Uso Popular	Parte Utilizada	Forma de administração	Forma de preparo	NC
A 1	Caricaceae	<i>Carica papaya</i>	Mamão ¹ /Mamão Macho ^{1,2,3}	Semente	Vermes ²	Oral, 1 vez de manhã em jejum	Decocção em leite (pó da sementes)	1
	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita</i> sp.	Abóbora	Semente				1
	Não identificada	Não identificada	Mastruz	Folhas				1
A 2	Asteraceae	<i>Ambrosia</i> sp.	Losna	Folhas	Limpar o útero ³	Oral, antes do almoço, 3 dias após o parto	Maceração em cachaça	1
		<i>Tagetes minuta</i>	Anchota	Folhas				1
A 3	Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i>	São Caetano	Folhas				1
	Nyctaginaceae	<i>Bougainvillea</i> sp.	Roseira ² /Burguevilha do Campo ¹ /Burguevilha do Mato ¹	Flores	Pulgões ¹	Uso local	Maceração em água, 15 dias.	1
	Oleaceae	<i>Jasminum</i> sp.	Jasmim do Mato	Folhas				1
	Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe Vera</i>	Babosa	Folhas				1
A 4	Amaryllidaceae	<i>Allium</i> sp.	Alho	Folhas	Inflamação de garganta ³	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
	Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Limão	Fruto	Gripe ³	Oral, várias vezes ao dia	Decocção	1
A 5	Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i>	Coco	Polpa da fruto	Verme ¹	Oral, 1 vez em jejum	Polpa misturada ao pó da semente torrada	1
	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita</i> sp.	Abóbora	Semente				1
A 6	Boraginaceae	<i>Cordia superba</i>	Escorrega ou Clara D' Ovo	Casca	Diarréia ¹	Oral, 1 vez ao dia	Decocção	1
	Ulmaceae	<i>Celtis iguanaea</i>	Juá	Casca				
A 7	Costaceae	<i>Costus spiralis</i>	Caninha ³ /Caninha do Brejo ³ /Caninha de Macaco ^{1,3}	Folhas	Rins ¹	Oral	Decocção	1

	Plantaginaceae	<i>Plantago major</i>	Transagem	Folhas	Inflamações ¹	Oral	Decocção	1
A 8	Costaceae	<i>Costus spiralis</i>	Caninha ³ /Caninha do Brejo ³ /Caninha de Macaco ^{1,3}	Folhas	Problemas renais ²	Oral, 3 vezes ao dia	Decocção	2
	Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus tenellus</i>	Quebra-Pedra	Folhas				2
A 9	Asteraceae	<i>Bidens cf. pilosa</i>	Picanço	Folhas				1
	Asteraceae	<i>Chromolaena odorata</i>	Desinchadeira	Folhas				1
	Costaceae	<i>Costus spiralis</i>	Caninha ³ /Caninha do Brejo ³ /Caninha de Macaco ^{1,3}	Folhas	Problemas renais ¹	Oral	Decocção	1
	Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus tenellus</i>	Quebra-Pedra	Folhas				1
A 1 0	Não identificada	Não identificada	Erva cidreira de barragem	Folhas	Dor de cabeça ¹	Oral	Decocção	1
			Erva cidreira do campo	Folhas				1
A 1 1	Não identificada	Não identificada	Erva cidreira de campo	Ramo	Pressão alta ¹	Oral	Decocção	1
	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i>	Cidreira de Folha Redonda ¹ /Erva Cidreira ^{1,3} /Erva Cidreira de Folha Redonda/Erva Cidreira de Folha ^{2,3} /Erva Cidreira de Vara ¹	Ramo	Dor de cabeça ¹	Oral	Decocção	1
A 1 2	Asteraceae	<i>Acanthospermum</i> sp.	Carrapicho Maroto/Maroto ^{1,2}	Folhas	Inchaço ²	Tópico, 2 vezes ao dia	Decocção	1
	Asteraceae	<i>Chromolaena odorata</i>	Desinchadeira	Folhas	Dor muscular ²	Tópico, 2 vezes ao dia	Decocção	1
A 1 3	Lauraceae	<i>Persea americana</i>	Abacate	Semente	Cãibra ²	Tópico, até 3 vezes ao dia	Maceração em álcool	1
	Não coletada	Não coletada	Eucalipto	Folhas	Dor na coluna ²	Tópico, até 3 vezes ao dia	Maceração em álcool	1
A 1 4	Amaryllidaceae	<i>Allium</i> sp.	Alho	Bulbo				1

	Fabaceae	<i>Anadenanthera</i> sp.	Angico ³ /Angico Vermelho ^{1,2}	Casca				1
	Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga	Folhas	Gripe ³	Oral, a noite	Decocção	1
	Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Limão	Fruto				1
A 1 5	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i>	Mentraz	Folhas				1
	Cucurbitaceae	<i>Fevillea trilobata</i>	Gendiroba	Semente com casca	Rachadura em pés ²	Tópico, 1 vez a noite	Decocção (pó da semente e folhas)	1
	Plantaginaceae	<i>Plantago major</i>	Transagem	Folhas	Rachadura em pés ²	Tópico, 1 vez a noite	Pomada do decocto com sebo	1
A 1 6	Bixaceae	<i>Bixa orellana</i>	Urucum	Sementes			Sementes: In natura	1
	Rubiaceae	<i>Genipa americana</i>	Jenipapo	Fruto verde	Pintura corporal ³	Tópico	Fruto verde: suco	1
A 1 7	Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i>	São Caetano	Folhas				1
	Malvaceae	<i>Gossypium herbaceum</i>	Algodão	Folhas	Coceira ²	Tópico	Decocção	1
A 1 8	Fabaceae	<i>Cajanus cajan</i>	Andu	Folhas				1
	Malvaceae	<i>Gossypium herbaceum</i>	Algodão	Folhas	Gripe ¹	Oral	Decocção	1
	Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i>	Café	Folhas				1
A 1 9	Fabaceae	<i>Amburana cearensis</i>	Umburana ^{1,2} Imburana ¹ Umburana Fêmea ³ Umburana Macho ² Umburana de Cheiro ³	Semente				1
	Não coletada	Não coletada	Junco	Raiz	Uso espiritual para atingir o equilíbrio ³	Inalação oral em cachimbo (usar somente junto de pessoas preparadas)	Pó	1

A 2 0	Crassulaceae	<i>Kalanchoe</i> sp.	Saião	Mucilagem das folhas	Gripe ³	Oral, até 3 vezes ao dia	Xarope com mel	1
	Plantaginaceae	<i>Plantago major</i>	Transagem	Folhas				1
	Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Limão	Fruto	Antibiótico ³	Oral, até 3 vezes ao dia	Xarope com mel	1
A 2 1	Crassulaceae	<i>Kalanchoe</i> sp.	Saião	Folhas	Antiinflamatório ³	Tópico, a noite	Cataplasma	1
	Não identificada	Não identificada	Mastruz	Folhas	Cicatrizante ³	Tópico, a noite	Cataplasma	1
A 2 2	Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Limão	Fruto	Diarreia ³	Oral, 2 vezes ao dia	Maceração em água	1
	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i>	Cidreira de Folha Redonda ¹ /Erva Cidreira ^{1,3} /Erva Cidreira de Folha Redonda/Erva Cidreira de Folha ^{2,3} /Erva Cidreira de Vara ¹	Folhas	Calmente ³	Oral, 2 vezes ao dia	Maceração em água	1
A 2 3	Amaryllidaceae	<i>Allium</i> sp.	Alho	Bulbo	Gripe ²	Oral	Xarope	3
	Fabaceae	<i>Anadenanthera</i> sp.	Angico ³ /Angico Vermelho ^{1,2}	Entrecasca				3
	Fabaceae	<i>Hymenaea martiana</i>	Jatobá	Entrecasca				3
	Lauraceae	<i>Cinnamomum verum</i>	Canela	Casca				3
	Malvaceae	<i>Gossypium herbaceum</i>	Algodão	Folhas				3
	Moraceae	<i>Dorstenia brasiliensis</i>	Garapiá	Raiz				3
	Não coletada	Não coletada	Cravo	Flores em botão				3
	Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Limão	Fruto	Falta de ar ²	Oral	Xarope	3
	Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i>	Gengibre	Raiz				3
A 2 4	Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i>	Manga	Folhas	Coqueluxe ¹	Oral	Decocção	1

	Não identificada	Não identificada	Erva cidreira de capim	Raiz				1
A 2 5	Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i>	Manga	Folhas	Expectorante ²	Oral, 01 copo a noite	Decocção	1
	Fabaceae	<i>Cajanus cajan</i>	Andu	Folhas				1
	Malvaceae	<i>Gossypium herbaceum</i>	Algodão	Folhas				1
	Rutaceae	<i>Citrus x aurantium</i>	Laranja	Folhas				1
A 2 6	Convolvulaceae	<i>Operculina macrocarpa</i>	Jalapa	Raiz				3
	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita</i> sp.	Abóbora	Semente				3
	Não identificada	Não identificada	Mastruz	Ramo	Verme ²	Oral, de manhã em jejum, 3 dias seguidos	Decocção (usa o pó da semente)	3
A 2 7	Cucurbitaceae	<i>Citrullus lanatus</i>	Melancia	Semente	Febre malina ²	Oral	Infusão (Usa a semente e a raiz torrada e pulverizada)	1
	Moraceae	<i>Dorstenia brasiliensis</i>	Garapiá	Raiz				1
A 2 8	Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i>	São Caetano	Planta completa	Piolho ¹	Tópico, 3 dias seguidos	Decocção (adiciona sabonete)	1
	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i>	Hortelã Margoso	Folhas	Carrapato e pulga ¹	Tópico, 3 dias seguidos	Decocção (adiciona sabonete)	1
	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i>	Arruda	Planta completa				1
	Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i>	Babosa	Folhas	Caspa ¹	Tópico, 3 dias seguidos	Decocção (adiciona sabonete)	1
A 2 9	Convolvulaceae	<i>Operculina macrocarpa</i>	Jalapa	Raiz				1
	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita</i> sp.	Abóbora	Semente				1
	Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i>	Mandioca Mansa	Folhas	Estimulante de	Oral, 1 vez ao dia	Pó (acrescenta	1

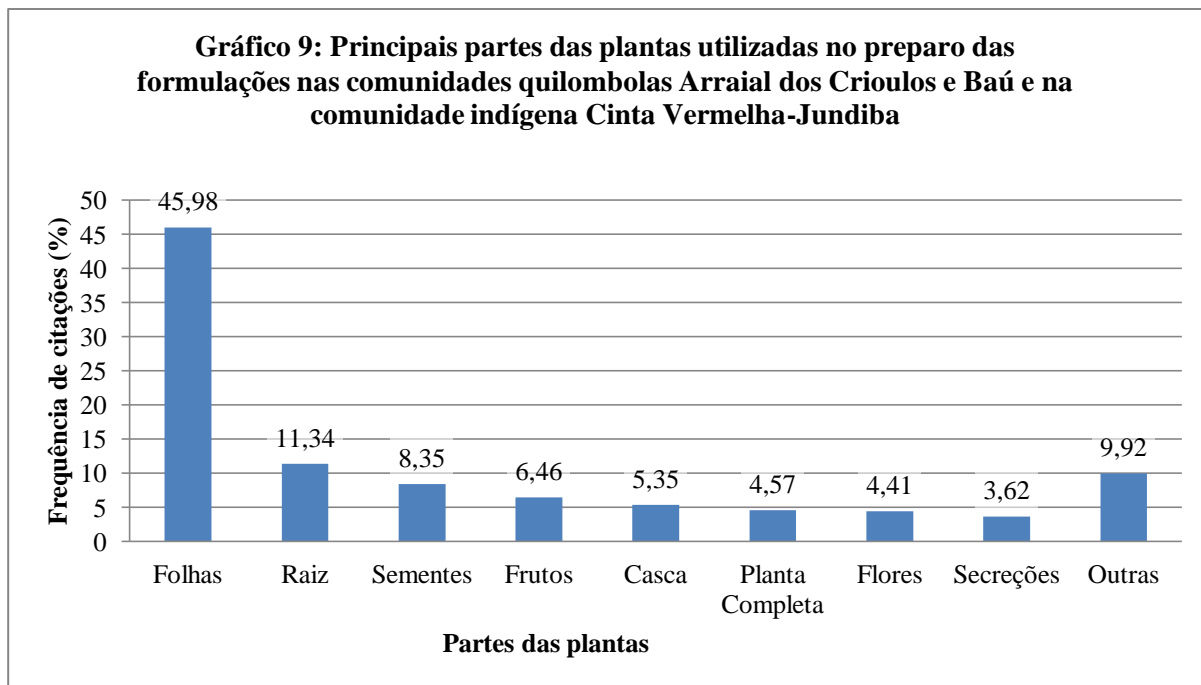
	Poaceae	<i>Oryza sativa</i>	Arroz	Casca do grão	apetite ² Anemia ²	Oral, 1 vez ao dia	casca de ovo) Pó (acrescenta casca de ovo)	1
A 3 0	Cucurbitaceae	<i>Sechium edule</i>	Chuchu	Folhas				1
	Moraceae	<i>Morus nigra</i>	Amora	Folhas				1
	Passifloraceae	<i>Passiflora</i> sp.	Maracujá	Folhas	Pressão alta ¹	Oral	Sumo	1
A 3 1	Boraginaceae	<i>Varronia</i> sp.	Mentraz ^A	Folhas				1
	Cactaceae	<i>Pereskia</i> sp.1	Oropronobis ¹	Folhas/casca	Antiinflamatório ²	Oral	Maceração em água	1
	Não identificada	Não identificada	Mastruz	Folhas	Furúnculo ²	Tópico	Cataplasma	1
A 3 2	Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus</i>	Hortelã Pimenta	Folhas	Gripe ³	Oral, 3 vezes ao dia	Xarope com mel	1
	Não coletada	Não coletada	Cebola	Bulbo	Expectorante ³	Oral, 3 vezes ao dia	Xarope com mel	1
A 3 3	Lamiaceae	<i>Mentha arvensis</i>	Menta	Folhas	Bronquite ³	Oral, 3 vezes ao dia	Xarope	1
		<i>Mentha spicata</i>	Hortelãzinho	Folhas	Asma ³	Oral, 3 vezes ao dia	Xarope	1
	Não coletada	Não coletada	Cebola	Bulbo				1
	Não identificada	Não identificada	Poejo	Folhas	Gripe ³	Oral, 3 vezes ao dia	Xarope	1
A 3 4	Fabaceae	<i>Anadenanthera</i> sp.	Angico ³ /Angico Vermelho ^{1,2}	Casca	Ferimento ³	Tópico, 3 vezes ao dia	Decocção	1
		<i>Stryphnodendron adstringens</i>	Barbatimão	Casca				1
A 3 5	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i>	Mentraz	Ramo	Reestabelecer energia' pós parto ³	Oral, 7 primeiros dias após o parto	Maceração em cachaça ou vinho	1
		<i>Ambrosia</i> sp.	Losna	Ramo				1
	Não coletada	Não coletada	Cominho	Semente				1

	Piperaceae	<i>Piper nigrum</i>	Pimenta do Reino	Semente				1
	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i>	Arruda	Ramo	Antiinflamatório pós parto ³	Oral, 7 primeiros dias após o parto	Maceração em cachaça ou vinho	1
A 3 6	Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i>	Couve	Folhas				1
	Não coletada	Não coletada	Saião Verdadeiro	Folhas	Gastrite ²	Oral	Sumo/In natura	1
A 3 7	Amaryllidaceae	<i>Allium</i> sp.	Alho	Bulbo				1
	Não coletada	Não coletada	Cebola	Bulbo				1
	Não identificada	Não identificada	Salsão	Folhas	Depurativo ²	Oral, duas vezes ao dia	Decocção	1
A 3 8	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i>	Mentraz	Folhas				2
	Não identificada	Não identificada	Vassourinha	Planta completa	Ajuda a dar força no parto ¹	Banho de assento	Decocção	2
	Rubiaceae	<i>Genipa americana</i>	Jenipapo	Folhas				2
A 3 9	Asteraceae	<i>Vernonanthura</i> sp.	Assapeixe	Raiz	Bronquite ³	Oral, 3 vezes ao dia	Xarope com rapadura	1
	Fabaceae	<i>Cajanus cajan</i>	Andu	Flores				1
A 4 0	Fabaceae	<i>Cajanus cajan</i>	Andu	Ramo	Dor de garganta ²	Gargarejo, 2 vezes ao dia	Decocção	1
	Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Limão	Fruto				1
A 4 1	Fabaceae	<i>Cajanus cajan</i>	Andu	Folhas	Febre ¹	Oral e tópico (banho)	Decocção	1
	Malvaceae	<i>Gossypium herbaceum</i>	Algodão	Folhas	Gripe ^{1,2}	Oral	Decocção	2
A 4 2	Fabaceae	<i>Cajanus cajan</i>	Andu	Folhas	Gripe ²	Oral, 3 vezes ao dia	Decocção	1

	Malvaceae	<i>Gossypium herbaceum</i>	Algodão	Folhas				1
	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i>	Cidreira de Folha Redonda ¹ /Erva Cidreira ^{1,3} /Erva Cidreira de Folha Redonda/Erva Cidreira de Folha ^{2,3} /Erva Cidreira de Vara ¹	Folhas				1
A 4 3	Annonaceae	<i>Annona muricata</i>	Graviola	Folhas	Picada de cobra ³	Oral, 1 copo ao dia	Sumo das folhas com decocto das sementes	1
	Malvaceae	<i>Abelmoschus esculentus</i>	Quiabo	Sementes				1
A 4 4	Asteraceae	<i>Ambrosia sp.</i>	Losna	Folhas	Prevenção de mioma ¹	Oral	Maceração em água	1
	Não identificada	Não identificada	Artimisia	Folhas				1
	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i>	Arruda	Folhas				1

Legenda: A- Associação, NC- Número de citações ¹ Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos, ² Comunidade Quilombola Baú, ³ Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba

Os participantes da pesquisa utilizam as mais diversas partes das plantas para o preparo das formulações populares, desde a raiz até a gema, incluindo secreções, tais como o látex. A parte das plantas mais citada entre os participantes da pesquisa para o preparo das formulações foi as folhas com 292 citações (45,98%), seguida da raiz com 72 citações (11,34% das citações) (GRAF. 9).



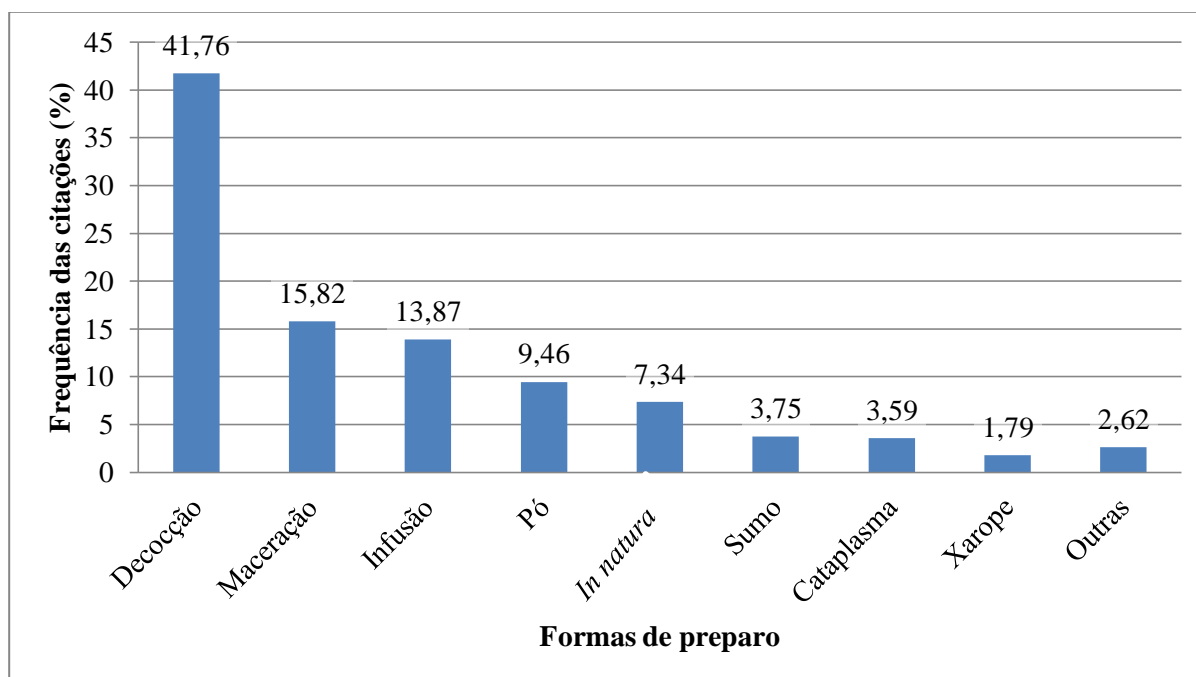
Os estudos de Giraldi; Hanazaki (2010), Löbner *et al.* (2014) e Vieira; Sousa; Lemos (2015) também encontraram as folhas como principal parte das plantas utilizadas para o preparo de formulações populares. Essa predominância no uso das folhas pode estar relacionada com a maior facilidade de obtenção, pois estão disponíveis na maior parte do ano.

O uso da raiz, da planta completa ou da casca da raiz, quando não se tratam de plantas cultivadas, pode trazer consequências negativas para a biodiversidade. O uso dessas partes das plantas leva a destruição do indivíduo e se o uso for frequente e não sustentável, de forma que impeça a recuperação natural da planta, pode levar ao desaparecimento local de espécies.

Há várias formas de preparo das formulações populares utilizando plantas, como a decocção que consiste na ebulição das partes vegetais no líquido extrator (normalmente água), a infusão em que é vertido o líquido extrator fervente (geralmente a água) sobre a parte vegetal e a maceração, que consiste no contato da parte vegetal com o líquido extrator à temperatura

ambiente (BRASIL, 2011). Nesse trabalho, as principais formas de preparo utilizadas nas formulações foram a decocção com 256 citações (41,76%), a maceração com 97 (15,82%) e a infusão com 85 (13,87%) (GRAF. 10).

Gráfico 10: Principais formas de preparo das formulações populares nas comunidades quilombolas Arraial dos Crioulos e Baú e na comunidade indígena Cinta Vermelha-Jundiba



A prevalência da forma de preparo decocção em relação às demais formas nas comunidades estudadas pode ter como uma das justificativas o fato de que muitos informantes relacionam chá com fervura das partes vegetais, dessa forma, tudo que for utilizado popularmente como chá, eles utilizam como forma de preparo a decocção. Essa relação está exemplificada na fala de um participante da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos: "Faço o chá." Ao ser questionado como era feito o chá, ele respondeu, "chá, você ferve tudo". Outro participante da mesma comunidade relatou: "Com a transagem eu fazia o chá, mas agora uso macerada na água, pois vi na televisão que não pode ferver."

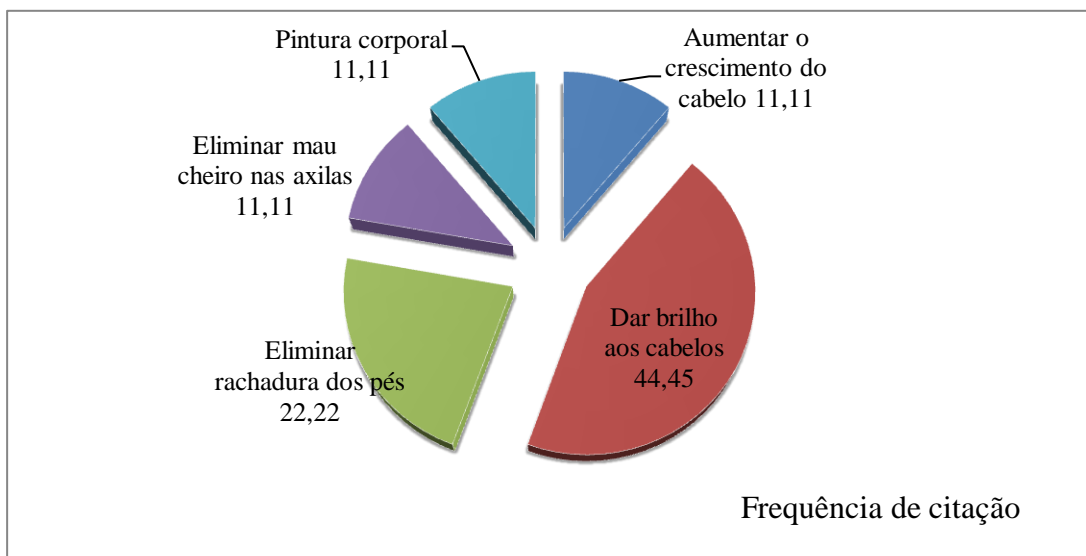
A decocção foi também a principal forma de preparo das receitas populares encontrada nos trabalhos de Mamede (2015), Alves; Povh (2013) e Pinto; Amorozo; Furlan (2006).

As formas de preparo incluídas em "outras" tiveram índice baixo de citação, como suco (0,65%), compressa (0,33%), pomada (0,17%) entre outras. A descrição das principais formas de preparo que foram citadas no trabalho consta no Anexo Q.

A etnobotânica é um campo bastante amplo e abrange as mais diversas formas de uso das plantas por uma determinada comunidade. Apesar desta pesquisa ter como foco de estudo o uso das plantas por comunidades tradicionais para fins medicinais e/ou cosméticos, ela obteve resultados que vão além desses tipos de uso. Ao descrever uma planta, o participante da pesquisa acaba recordando de todas as formas (ou da maioria delas) que ele a utiliza, e isso foi relatado para o pesquisador. Dessa forma, pode-se observar que na coluna onde consta o uso popular nas Tabelas 10 e 11, há a descrição de uso das plantas para outras finalidades, tais como, inseticidas, repelentes, carrapaticidas, alvejantes e odorizantes para roupas.

Além desses resultados sobre o uso das plantas para outras finalidades, foram obtidos também dados sobre zooterapia, que consiste no uso de remédios elaborados a partir de animais, de partes dos seus corpos, de produtos de seu metabolismo ou de materiais construídos por eles (NETO, 2011). Esses usos foram descritos pelos participantes da Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba e estão registrados no Anexo R.

O uso das plantas para fins cosméticos nas comunidades estudadas não é tão amplo, nem tão difundido quanto o uso para fins medicinais. Foram citados 5 usos cosméticos para as plantas nas comunidades estudadas (TAB. 10, TAB. 11), entre eles, "dar brilho aos cabelos" e "eliminar rachadura dos pés" foram os mais citados, com, respectivamente, 44,45% e 22,22% das citações (GRAF. 11).

Gráfico 11: Usos cosméticos das plantas nas comunidades estudadas

A pintura corporal é uma prática comum entre as comunidades indígenas. Na Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba todos os integrantes utilizam a pintura corporal em rituais, celebrações e manifestações. O baixo índice de citação desse uso cosmético nesse trabalho se deve ao fato de apenas um integrante ter recordado de citá-lo durante as entrevistas.

As espécies citadas para uso cosmético pelas comunidades foram *Ageratum conyzoides* L. (Asteraceae), *Aloe vera* (L.) Burm.f. (Xanthorrhoeaceae), *Bixa orellana* L. (Bixaceae), *Cereus jamacaru* DC. (Cactaceae), *Fevillea trilobata* L. (Cucurbitaceae), *Genipa americana* L. (Rubiaceae), *Plantago major* L. (Plantaginaceae) e *Urochloa mutica* (Forssk.) T. Q. Nguyen (Poaceae) (FIG. 16).

Figura 16 — Espécies e seus usos cosméticos citados pelas comunidades quilombolas Baú e Arraial dos Crioulos e pela Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Estudos voltados para o uso cosmético das plantas são necessários, pois ainda há poucas pesquisas que se dedicam a essa propriedade. Segundo Jost *et al.* (2016), as plantas cosméticas são negligenciadas, frequentemente, em pesquisas etnobotânicas, se tornando cada vez mais necessário a implementação de estudos que abranjam plantas cosméticas, seus usos e formas de preparo.

Nesse mesmo estudo de Jost *et al.* (2016) foram encontrados resultados semelhantes aos da presente pesquisa, *A. conyzoides* L. foi relacionado aos usos cosméticos hidratante e perfume e *A. vera* (L.) Burm.f e *B. orellana* L. também foram espécies citadas para uso cosmético. O trabalho de Tareau; Palisse; Odonne (2017) também indicou *A. vera* como espécie de uso cosmético.

O uso de plantas para fins medicinais nas comunidades tradicionais estudadas é bastante diverso, abrangendo o tratamento de órgãos e problemas que afetam os mais diversos sistemas corporais. Além dos problemas físicos, as comunidades também utilizam as plantas para a cura de problemas espirituais e emocionais. Dessa forma, agruparam-se as doenças e os problemas segundo categorias e analisou-se quais as categorias foram mais citadas para tratamento com plantas nas comunidades. Essa classificação foi baseada na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (WHO, 2016). Os problemas espirituais, tais como "quebranto", "energia ruim", "mau olhado" foram classificados como "Usos culturais" (TAB. 12).

Tabela 12 — Categorias de doenças ou problemas citados pelas comunidades estudadas para tratamento com plantas medicinais

Categorias de doenças/problemas	Número de Citações	Porcentagem de Citações
Doenças do sistema respiratório	114	19,49%
Doenças do sistema digestivo	69	11,79%
Sintomas, sinais gerais	67	11,45%
Doenças infecciosas e parasitárias	46	7,86%
Doenças do aparelho circulatório	45	7,69%
Doenças do sistema geniturinário	39	6,67%
Lesões, envenenamento e algumas outras conseqüências de causas externas	31	5,30%
Transtornos mentais e comportamentais	27	4,62%
Gravidez, parto e puerpério	18	3,08%
Inflamações	17	2,91%
Doenças do sistema osteomuscular	16	2,74%
Doenças da pele e do tecido subcutâneo	16	2,74%
Doenças do sistema hepático	15	2,56%
Usos culturais	11	1,88%
Doenças do sangue e órgãos formadores de	11	1,88%

sangue		
Outros	10	1,71%
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	8	1,37%
Neoplasias	7	1,20%
Doenças da cavidade oral	7	1,20%
Doenças do olho e anexos	5	0,85%
Menopausa	3	0,51%
Doenças do ouvido	2	0,34%
Doenças do sistema nervoso	1	0,17%
Total geral	585	100,00%

O principal sistema corporal tratado com plantas medicinais nas comunidades estudadas é o sistema respiratório com 114 citações (19,49%), seguido do sistema digestivo com 69 citações (11,79%). Asma, bronquite, dor de garganta, coqueluxe e gripe são algumas das doenças que foram citadas pelos participantes da pesquisa e que fazem parte do sistema respiratório. Entre as espécies com identificação botânica, aquelas que foram mais citadas para tratar os problemas que acometem esse sistema foram *Gossypium herbaceum* (7,02% das citações) e *Amburana cearensis* (6,14%).

Estudos com o extrato hidroalcoólico das cascas do caule da *Amburana cearensis* encontraram atividades antiinflamatória, analgésica, antiespasmódica e broncodilatadora. Em análises fitoquímicas foi encontrado como componente químico principal a cumarina, uma das responsáveis pela atividade broncodilatadora, determinada experimentalmente, o que valida cientificamente seu uso popular para asma (ALMEIDA *et al.*, 2010).

Não foram encontrados estudos sobre *Gossypium herbaceum* na literatura consultada.

Em relação ao sistema digestivo, algumas doenças mencionadas pelos participantes da pesquisa que fazem parte desse sistema são diarreia, problemas estomacais, vômito, gastrite e cólicas. As espécies mais citadas pelos participantes da pesquisa para tratar as doenças comuns a esse sistema foram *Senna occidentalis* (7,25%) e *Ageratum conyzoides* (4,35%).

As atividades anti-inflamatória, antioxidante, laxativa, hepatoprotetora e antimalárica da *Senna occidentalis* podem estar relacionadas à presença dos flavonoides e antraquinonas em sua composição (LUNA, 2013).

O extrato etanólico de *Ageratum conyzoides* exibiu gastroproteção marcante em modelos animais, enquanto que o extrato hidroalcolólico demonstrou efeito antiinflamatório (ESCOBAR, 2007).

Giraldi; Hanazaki (2010) também obteve em seu trabalho os sistemas respiratório e digestivo como categorias mais citadas. O maior uso e, conseqüentemente, o maior conhecimento de plantas que tratam os sistemas respiratório e digestivo pode estar relacionado com o fato de que esses sistemas abrangem doenças que ocorrem frequentemente e que, geralmente, não necessitam de intervenções médicas, sendo tratadas com métodos caseiros como o uso de plantas medicinais.

A categoria “sintomas, sinais gerais” também teve um número significativo de citações e abrange sintomas não específicos tais como febre, dor de cabeça, queda de cabelo e câibras. As principais espécies utilizadas pelas comunidades para tratar os problemas abrangidos nessa categoria são *Amburana cearensis* (16,42% das citações), seguida de *Melinis minutiflora* (4,48%) e *Senna occidentalis* (4,48%).

Durante a pesquisa pôde-se perceber que os participantes das comunidades sabem que as plantas também podem apresentar efeitos indesejados e malefícios à saúde se não forem utilizadas de forma correta, ao relatar alguma formulação em que era necessária uma precaução de uso, eles sempre alertavam o pesquisador e pediam para que essa advertência fosse anotada. Algumas dessas advertências estão exemplificadas nas seguintes falas:

"Quem tiver sofrendo de estômago não pode tomar, piora". Advertência em relação ao Capim Cidreira. (Participante da Comunidade Quilombola Baú)

"Você tem que pegar a mamona nova, mamoninha, pequena. A grande é venenosa." Advertência sobre *Ricinus communis* L. - Mamona. (Participante da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos)

"Nunca usa a folha de tamarindo, graviola ou siriguela junto. Fica forte demais." Advertência sobre formulações para pressão alta. (Participante da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos)

"É tóxica, a dose deve ser bem pouca". Advertência sobre a *Tradescantia pallida* (Rose) D. R. Hunt - Vestido de Viúva (Participante da Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba).

5.6 Análise quantitativa de dados etnobotânicos

A análise quantitativa de dados foi realizada aplicando cálculos comuns na área de etnobotânica, sendo analisados nesse trabalho os índice de importância relativa (IR), o índice de concordância de uso (CUP) e o índice de concordância de uso corrigido (CUPc), obtido através do fator de correção (FC). Esses índices foram calculados para todas as plantas que foram identificadas até nível de espécie e constam na Tabela 13.

Tabela 13 — Índice de importância relativa (IR), Índice de concordância de uso (CUP), Índice de concordância de uso corrigido (CUPc) e Fator de correção (FC) das espécies identificadas

Família	Espécie	Nome popular	IR	CUP	FC	CUPc
Fabaceae	<i>Senna occidentalis</i>	Fedegoso	2,00	66,67	1	66,67
Malvaceae	<i>Gossypium herbaceum</i>	Algodão	1,86	50,00	1,166667	58,33
Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i>	Babosa	1,56	50,00	0,666667	33,33
Moraceae	<i>Dorstenia brasiliensis</i>	Garapiá	1,46	50,00	0,5	25,00
Fabaceae	<i>Amburana cearensis</i>	Umburana	1,41	72,73	0,916667	66,67
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i>	Transagem	1,21	55,56	0,75	41,67
Asteraceae	<i>Baccharis myriocephala</i>	Carqueja	1,21	100,00	0,166667	16,67
Caricaceae	<i>Carica papaya</i>	Mamão	1,21	33,33	0,5	16,67
Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i>	Mangaba	1,21	100,00	0,083333	8,33
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i>	Cidreira de Folha Redonda	1,17	50,00	1	50,00
Convolvulaceae	<i>Operculina macrocarpa</i>	Jalapa	1,17	80,00	0,416667	33,33
Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim	1,17	44,44	0,75	33,33
Verbenaceae	<i>Aloysia gratissima</i>	Alfazema	1,17	60,00	0,416667	25,00
Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i>	Mentraz	1,17	50,00	0,333333	16,67
Asteraceae	<i>Chromolaena odorata</i>	Desinchadeira	1,11	80,00	0,416667	33,33

Lauraceae	<i>Persea americana</i>	Abacate	1,11	40,00	0,416667	16,67
Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i>	Hortelã Margoso	1,07	100,00	0,833333	83,33
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i>	Arruda	1,07	25,00	0,333333	8,33
Asteraceae	<i>Bidens cf. pilosa</i>	Picanço	0,97	66,67	0,75	50,00
Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i>	São Caetano	0,97	33,33	0,25	8,33
Rutaceae	<i>Citrus x aurantium</i>	Laranja/Lima	0,93	66,67	0,25	16,67
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i>	Manga	0,93	50,00	0,333333	16,67
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i>	Goiaba	0,87	71,43	0,583333	41,67
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i>	Guiné	0,87	75,00	0,333333	25,00
Boraginaceae	<i>Symphytum officinale</i>	Confrei	0,87	100,00	0,083333	8,33
Cucurbitaceae	<i>Fevillea trilobata</i>	Gendiroba	0,83	66,67	0,25	16,67
Lythraceae	<i>Punica granatum</i>	Romã	0,83	50,00	0,333333	16,67
Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i>	Café	0,83	100,00	0,083333	8,33
Malvaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i>	Mutamba	0,83	50,00	0,166667	8,33
Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i>	Mamona	0,83	50,00	0,166667	8,33
Anacardiaceae	<i>Spondias purpurea</i>	Siriguela	0,79	71,43	0,583333	41,67
Fabaceae	<i>Cajanus cajan</i>	Andu	0,79	40,00	0,833333	33,33

Cucurbitaceae	<i>Citrullus lanatus</i>	Melancia	0,73	100,00	0,25	25,00
Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i>	Couve	0,73	100,00	0,166667	16,67
Fabaceae	<i>Melanoxylon brauna</i>	Braúna	0,73	100,00	0,166667	16,67
Annonaceae	<i>Annona muricata</i>	Graviola	0,73	33,33	0,25	8,33
Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i>	Acerola	0,73	100,00	0,083333	8,33
Fabaceae	<i>Stryphnodendron adstringens</i>	Barbatimão	0,73	50,00	0,166667	8,33
Lamiaceae	<i>Mentha spicata</i>	Hortelãzinho	0,69	46,15	1,083333	50,00
Boraginaceae	<i>Heliotropium elongatum</i>	Crista de Galo	0,63	33,33	0,25	8,33
Lamiaceae	<i>Ocimum gratissimum</i>	Alfavaca	0,59	66,67	0,5	33,33
Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i>	Gengibre	0,59	75,00	0,333333	25,00
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i>	Urucum	0,59	33,33	0,25	8,33
Apiaceae	<i>Coriandrum sativum</i>	Coentro	0,59	50,00	0,166667	8,33
Lamiaceae	<i>Leonotis nepetifolia</i>	Cordão de Frade	0,59	50,00	0,166667	8,33
Poaceae	<i>Melinis minutiflora</i>	Capim Meloso	0,59	100,00	0,083333	8,33
Meliaceae	<i>Azadirachta indica</i>	Nim	0,49	20,00	0,416667	8,33
Lauraceae	<i>Cinnamomum verum</i>	Canela	0,49	100,00	0,083333	8,33
Fabaceae	<i>Copaifera langsdorffii</i>	Pau d'óleo	0,49	50,00	0,166667	8,33

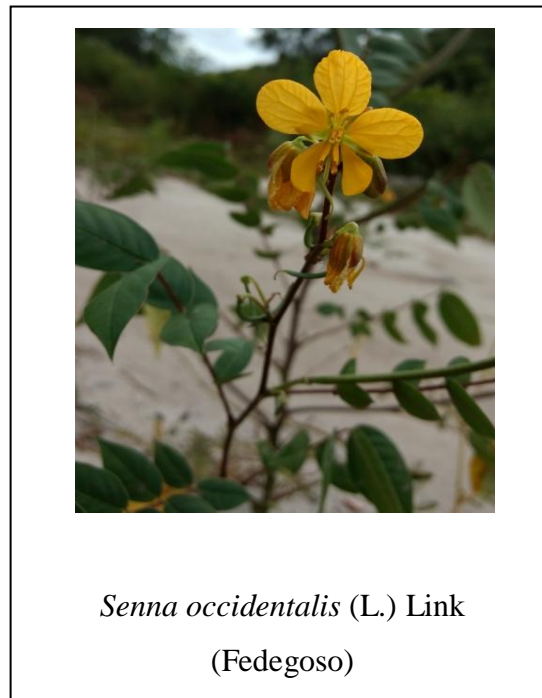
Boraginaceae	<i>Cordia superba</i>	Escorrega (Clara d'ovo)	0,49	50,00	0,166667	8,33
Zingiberaceae	<i>Hedychium coronarium</i>	Água de Colônia	0,49	100,00	0,083333	8,33
Moraceae	<i>Morus nigra</i>	Amora	0,49	50,00	0,166667	8,33
Myristicaceae	<i>Myristica fragans</i>	Noz moscada	0,49	100,00	0,083333	8,33
Poaceae	<i>Oryza sativa</i>	Arroz	0,49	100,00	0,083333	8,33
Rubiaceae	<i>Remijia ferruginea</i>	Quina	0,49	100,00	0,083333	8,33
Cyperaceae	<i>Scleria hirtella</i>	Carmo	0,49	100,00	0,083333	8,33
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i>	Jenipapo	0,34	66,67	0,25	16,67
Cactaceae	<i>Cereus jamacaru</i>	Mandacaru	0,34	100,00	0,083333	8,33
Cactaceae	<i>Opuntia ficus-indica</i>	Palma	0,24	100,00	0,083333	8,33
Cactaceae	<i>Pereskia aculeata</i>	Oropronobis de flor branca	0,24	100,00	0,083333	8,33
Fabaceae	<i>Hymenaea martiana</i>	Jatobá	0,24	75,00	0,333333	25,00
Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus</i>	Hortelã Pimenta	0,24	100,00	0,583333	58,33
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus tenellus</i>	Quebra Pedra	0,24	100,00	0,5	50,00
Costaceae	<i>Costus spiralis</i>	Caninha	0,24	100,00	0,333333	33,33
Moraceae	<i>Maclura tinctoria</i>	Moreira	0,24	100,00	0,25	25,00
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i>	Caju	0,24	100,00	0,166667	16,67

Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas</i>	Batata Doce	0,24	100,00	0,166667	16,67
Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Aroeira	0,24	100,00	0,166667	16,67
Cucurbitaceae	<i>Sechium edule</i>	Chuchu	0,24	100,00	0,166667	16,67
Malvaceae	<i>Abelmoschus esculentus</i>	Quiabo	0,24	100,00	0,083333	8,33
Fabaceae	<i>Albizia lebeck</i>	Ovelha	0,24	100,00	0,083333	8,33
Amaranthaceae	<i>Amaranthus viridis</i>	Caruru	0,24	100,00	0,083333	8,33
Annonaceae	<i>Annona squamosa</i>	Pinha	0,24	100,00	0,083333	8,33
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia gigantea</i>	Milhome	0,24	100,00	0,083333	8,33
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i>	Carambola	0,24	100,00	0,083333	8,33
Ulmaceae	<i>Celtis iguanaea</i>	Juá	0,24	100,00	0,083333	8,33
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i>	Coco	0,24	100,00	0,083333	8,33
Capparaceae	<i>Crateva tapia</i>	Baquepari	0,24	100,00	0,083333	8,33
Cyperaceae	<i>Cyperus articulatus</i>	Junça	0,24	100,00	0,083333	8,33
Fabaceae	<i>Dioclea violacea</i>	Olho de Boi	0,24	100,00	0,083333	8,33
Bignoniaceae	<i>Dolichandra unguis-cati</i>	Unha de gato	0,24	100,00	0,083333	8,33
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga	0,24	100,00	0,083333	8,33
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia tirucalli</i>	Pecado Pelado	0,24	100,00	0,083333	8,33

Fabaceae	<i>Leptolobium dasycarpum</i>	Unhadanta	0,24	100,00	0,083333	8,33
Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i>	Mandioca Mansa	0,24	100,00	0,083333	8,33
Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Espinheira Santa	0,24	100,00	0,083333	8,33
Lamiaceae	<i>Mentha arvensis</i>	Menta	0,24	100,00	0,083333	8,33
Apocynaceae	<i>Nerium oleander</i>	Espirradeira de Flor Vermelha	0,24	100,00	0,083333	8,33
Anacardiaceae	<i>Schinus terebinthifolia</i>	Aroeira Branca	0,24	100,00	0,083333	8,33
Anacardiaceae	<i>Spondias tuberosa</i>	Umbu	0,24	100,00	0,083333	8,33
Asteraceae	<i>Tagetes minuta</i>	Anchota	0,24	100,00	0,083333	8,33
Fabaceae	<i>Tamarindus indica</i>	Tamarindo	0,24	100,00	0,083333	8,33
Commelinaceae	<i>Tradescantia pallida</i>	Vestido de Viúva	0,24	100,00	0,083333	8,33
Poaceae	<i>Urochloa mutica</i>	Bengo	0,24	100,00	0,083333	8,33
Acanthaceae	<i>Justicia gendarussa</i>	Sete Junta (Sete Demanda)	0,14	100,00	0,166667	16,67
Piperaceae	<i>Piper nigrum</i>	Pimenta do Reino	0,14	100,00	0,083333	8,33
Poaceae	<i>Cymbopogon winterianus</i>	Citronela	0,10	100,00	0,083333	8,33

O índice de importância relativa de uma espécie indica o seu potencial utilitário, ou seja, a versatilidade que ela tem em tratar mais de um problema de saúde ou estético. O valor máximo que uma espécie pode obter para esse índice é 2,0. Através da Tabela 14 observa-se que a espécie *Senna occidentalis* (L.) Link (FIG. 17), entre as espécies identificadas, foi a que obteve maior índice de importância relativa, com o valor máximo de 2,0. A versatilidade dessa espécie pode ser comprovada observando na Tabela 14 a variedade de usos que ela tem nas comunidades, abrangendo diversos sistemas corporais e indicações terapêuticas.

Figura 17 — Espécie com maior Índice de Importância Relativa (IR) entre as comunidades estudadas



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Tabela 14 — Categorias de uso e indicações terapêuticas das espécies de maior Índice de Importância Relativa (IR) nas comunidades tradicionais estudadas

Espécie	Categorias de uso	Indicações terapêuticas
<i>Aloe Vera</i>	Doenças do aparelho circulatório	Antiinflamatório
	Doenças do sistema digestivo	Cicatrizante
	Doenças infecciosas e parasitárias	Antihelmíntico
	Lesões, envenenamento e algumas outras conseqüências de causas externas	Cicatrizante
	Neoplasias	Antineoplásico
	Sintomas, sinais gerais	Anticaspa
	Uso cosmético	Antiqueda
		Hidratante
<i>Amburana cearensis</i>	Doenças do sistema digestivo	Analgésico
		Regulador estomacal
	Doenças do sistema respiratório	Antibacteriano
		Antigripal
		Broncodilatador
	Doenças infecciosas e parasitárias	Antibacteriano
	Inflamações	Antiinflamatório
Sintomas, sinais gerais	Analgésico	
	Antitérmico	
<i>Dorstenia brasiliensis</i>	Doenças da pele e do tecido subcutâneo	Adstringente
	Doenças do sangue e órgãos formadores de sangue	Depurativo
	Doenças do sistema digestivo	Regulador intestinal
	Doenças do sistema respiratório	Broncodilatador
	Outros	Estimulante de dentição
	Sintomas, sinais gerais	Antitérmico
<i>Gossypium herbaceum</i>	Doenças da pele e do tecido subcutâneo	Antialérgico
	Doenças do ouvido	Analgésico
	Doenças do sistema geniturinário	Antiinflamatório
	Doenças do sistema respiratório	Antigripal
		Broncodilatador
		Expectorante
		Sedativo da tosse
	Doenças infecciosas e parasitárias	Antibacteriano
		Antifúngico
	Lesões, envenenamento e algumas outras conseqüências de causas externas	Cicatrizante

<i>Senna occidentalis</i>	Doenças do olho e anexos	Antiinflamatório
	Doenças do sangue e órgãos formadores de sangue	Depurativo
	Doenças do sistema digestivo	Regulador intestinal
	Doenças do sistema geniturinário	Regulador renal
	Doenças do sistema hepático	Regulador hepático
	Doenças do sistema respiratório	Antigripal
		Hidrata cordas vocais
		Sedativo da tosse
	Sintomas, sinais gerais	Analgésico
		Antitérmico

O índice de concordância de uso fornece a porcentagem de concordância quanto aos principais usos para cada espécie. Plantas com alto índice de concordância de uso são aquelas em que há vários informantes citando o mesmo uso terapêutico. Ao observar a tabela 13, nota-se que várias plantas obtiveram CUP máximo, igual a 100. Porém quando esse valor é corrigido pelo fator de correção obtém-se um CUPc muito baixo. O FC compara os valores obtidos para cada espécie com os valores da espécie mais citada. A espécie que obteve o maior CUPc nesse trabalho foi *Plectranthus barbatus* Andrews (FIG. 18), conhecida popularmente como hortelã margoso.

Essa espécie foi citada apenas pelos participantes das comunidades quilombolas e o alto índice de concordância de uso para ela, demonstra que a maioria dos participantes a utilizam para uma mesma atividade farmacológica. *P. barbatus* é uma espécie exótica, originária da África, esse conhecimento popular sobre seu uso medicinal pode ter sido transmitido para a geração atual pelos seus antepassados africanos (ALBUQUERQUE, 2001).

Os principais usos medicinais dessa espécie citados pelas comunidades estudadas estão relacionados a problemas gastrointestinais tais como dor de barriga, estômago ruim. Embora esse seja seu principal uso popular, a espécie *P. barbatus* já foi estudada e teve atividade farmacológica comprovada para vários outros problemas de saúde. Entre suas várias ações pode-se citar inibição da agregação plaquetária, antitumoral, anti-inflamatório, broncodilatadora (COSTA, 2002).

Figura 18 — Espécie com maior Índice de Concordância de Uso corrigido (CUPc) entre as comunidades estudadas



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Plantas que apresentam índice de concordância relativamente alto podem sugerir a efetividade do tratamento, pois há vários informantes citando o mesmo uso terapêutico. Em estudos de etnobotânica como esse, o índice de concordância direciona a seleção de espécies para futuras pesquisas farmacológicas (PINTO, AMOROZO, FURLAN, 2006). As espécies que obtiveram os maiores CUPc foram selecionadas para pesquisa bibliográfica em que foi verificada a ocorrência ou não de concordância entre o uso principal nas comunidades com estudos farmacológicos e/ou químicos já publicados sobre elas (TAB. 15).

Tabela 15 — Espécies com maior Índice de Concordância de Uso corrigido (CUPc) entre as comunidades e estudos científicos publicados sobre o seu uso principal

Família/Espécie	Nome Popular	Uso principal	CUPc	Resultados dos estudos	Referência
Lamiaceae <i>Plectranthus barbatus</i>	Hortelã Margoso	Doenças do sistema digestivo: Dor de barriga, estômago ruim	83,33	Diterpenóides isolados, em alta concentração, relaxam o músculo liso, e exibem atividade espasmódica não específica no trato gastro-intestinal em várias espécies animais.	DUBEY <i>apud</i> BRANDOLT <i>et al.</i> (2007)
Fabaceae <i>Senna occidentalis</i>	Fedegoso	Doenças do sistema respiratório: Gripe, rouquidão, tosse	66,67	Estudos biológicos comprovaram propriedades bactericida, antipirética, expectorante, anti-inflamatória para bovinos	VIEGAS JR <i>et al.</i> (2006)
Fabaceae <i>Amburana cearensis</i>	Umburana	Sintomas e sinais gerais: Dor de cabeça	66,67	Atividades analgésica, broncodilatadora e antiinflamatória presentes no extrato hidroalcoólico da casca do caule e de alguns de seus constituintes químicos.	CANUTO; SILVEIRA; BEZERRA (2010)

Nota-se que a pesquisa reuniu uma grande diversidade de dados, desde o extenso volume de plantas que, até o momento, se distribuem em 58 famílias botânicas até as mais diversas atividades farmacológicas, cosméticas, não farmacológicas e não cosméticas citadas pelos participantes. Essa riqueza de informações obtida nessa pesquisa está relacionada aos

conhecimentos tradicionais sobre o uso de plantas que ainda se mantêm nas comunidades estudadas e com a grande biodiversidade encontrada no município de Araçuaí por se tratar de uma região de ecótono. A diversidade em táxons mais elevados encontrada nessa região pode ser responsável pela diversidade de indicações terapêuticas, um total de 57, atribuídas popularmente às plantas utilizadas. Isso porque, quanto maior a diversidade taxonômica em níveis superiores, maior é o distanciamento filogenético entre as espécies e maior é a diferença e diversidade química entre elas (GUARIM NETO; MORAIS, 2003). É importante ressaltar que, apesar da biodiversidade regional, muitas plantas utilizadas são cultivadas e podem não ser nativas, mas acabam inseridas na diversidade local.

É importante destacar que o levantamento etnobotânico de plantas medicinais e de uso cosmético depende intimamente do trabalho de identificação taxonômica realizado em herbários.

Sem a identificação realizada pelos herbários, o trabalho de levantamento etnobotânico fica incompleto e falho, não podendo ser utilizado como referência por outros pesquisadores de áreas como fitoquímica, farmacologia, toxicologia, ecologia, antropologia, dentre outras. Assim como o herbário valida o estudo etnobotânico, também se faz necessário que os dados levantados pela pesquisa de campo acerca das propriedades medicinais ou usos das plantas sejam incorporados nas exsicatas depositadas no herbário (ou em um banco de dados do herbário). Dessa forma, além das informações contidas nas publicações etnobotânicas, o herbário também poderá ser fonte de informações e pesquisas sobre o histórico, a ocorrência geográfica e o uso das espécies (SOUZA, HAWKINS, 2017).

6 CONCLUSÃO

Trabalhos na área de etnobotânica desempenham um importante papel no resgate e registro dos conhecimentos tradicionais, como também na preservação da biodiversidade local. Esse trabalho resgatou e manterá registros sobre os conhecimentos tradicionais das comunidades quilombolas Baú e Arraial dos Crioulos e da Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba do município de Araçuaí. Possuindo, dessa forma, papel significativo na manutenção desses conhecimentos, evitando que se percam com o tempo, principalmente por não terem sido encontrados registros de estudos dessa natureza nesse município, nas fontes pesquisadas. Além

disso, a pesquisa promoveu um reconhecimento desses saberes nas comunidades, estimulando sua divulgação e prática o que poderá gerar, como consequência, uma maior transmissão desses conhecimentos entre seus integrantes.

O registro sobre as espécies da flora do município de Araçuaí é relevante tanto a critério de conhecimento sobre a flora local e seus usos medicinais e/ou cosméticos, quanto para promover a valorização dela já que divulga as espécies úteis. A partir desse trabalho, mesmo abrangendo espécies cultivadas, é possível ter uma dimensão da biodiversidade presente no município de Araçuaí, em que constam espécies dos biomas Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica.

Cientificamente esse estudo pode servir como fonte para pesquisas futuras em diversas áreas, como por exemplo, na farmacologia, em estudos voltados para a busca de novos fármacos ou fitoterápicos; como também pode inspirar pesquisas de validação do uso popular das plantas, que são de grande importância, pois esclarecem sobre as virtudes ou os perigos que as plantas possuem, promovendo o uso seguro delas pela população.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, S. G.; G. R. L. BANDEIRA. Effect of thinning and slashing on forage phytomass from a caatinga of Petrolina, Pernambuco, Brazil. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, 30, 885-891. 1995. Disponível em: <<https://seer.sct.embrapa.br/index.php/pab/article/view/4373/1659>>. Acesso em: 21 maio 2017.
- ALBUQUERQUE, U. P. de. *et al.* “Return” and Extension Actions After Ethnobotanical Research: The Perceptions and Expectations of a Rural Community in Semi-arid Northeastern Brazil. **Journal of Agricultural and Environmental Ethics**. 25, 19-32, 2010.
- ALBUQUERQUE, U. P. de. *et al.* Medicinal plants of the caatinga (semi-arid) vegetation of NE Brazil: a quantitative approach. **Journal of Ethnopharmacology** 114, 325-354, 2007.
- ALBUQUERQUE, U. P. de. Etnobotânica aplicada para a conservação da biodiversidade. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Org.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**, 2ª ed., Comunigraf Ed., Recife, 2008. p. 227-240.
- ALBUQUERQUE, U. P. de. **Introdução à etnobotânica**. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Interciência, 2005.
- ALBUQUERQUE, U. P. de. **Introdução a etnobotânica**. Recife: Editora Bagaço, 2002. 87p *apud* MAMEDE, J. S. S. **Os recursos vegetais e o saber local na comunidade rural São Miguel em Várzea Grande, MT: uma abordagem etnobotânica**. 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais) - Faculdade de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2015.
- ALBUQUERQUE, U. P. de. The Use of Medicinal Plants by the Cultural Descendants of African People in Brazil. **Acta Farmacéutica Bonaerense**, 20, 2, 139-144. 2001.
- ALBUQUERQUE, U. P. de; ARAÚJO, T. A. S.; SOLDATI, G. T. O “retorno” da pesquisa etnobotânica para as comunidades. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Org.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**, 2ª ed., Comunigraf Ed., Recife, 2008b. Cap. 12, 271-286.
- ALBUQUERQUE, U. P. de; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, João Pessoa, v. 16, p. 678-689, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v16s0/a15v16s0.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2017.

ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P.; LINS NETO, E. M. F. Seleção e escolha dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Org.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**, 2ª ed., Comunigraf Ed., Recife, 2008a. Cap. 1, 21-40.

ALCORN, J. B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. Pp. 23-39. In: SCHULTES, R. E.; REIS, S.V. (eds.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Cambridge, Timber Press, 1995 *apud* SOUSA, R. S. **Etnobotânica e etnozootologia de comunidades pesqueiras da Área de Proteção Ambiental (APA) do Delta do Parnaíba, nordeste do Brasil**. 2010. 176 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Núcleo de Referências em Ciências Ambientais do Trópico Ecotonal do Nordeste, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

ALDEIA Cinta Vermelha - Araçuaí / MG. Visita realizada durante o Programa de Empreendedorismo Social 2009. Araçuaí, MG. Junho, 2009. 3'16". Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=-vOsSnWDGdY>>. Acesso em: 20 maio 2017.

ALDEIA Cinta Vermelha. Dirigido e produzido por: Angelina Grandskaya. Flip Brazil, Study Abroad, University of Washington, 2010. Araçuaí, MG. Julho, 2012. 8'28". Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=rEhyKePu1Kc>>. Acesso em: 21 maio 2017.

ALMEIDA, J. R. G. S. *et al.* *Amburana cearensis* – uma revisão química e farmacológica. **Scientia Plena**, v. 6, n. 11, 2010. Disponível em: <<http://ri.ufs.br:8080/bitstream/123456789/587/1/AmburanaCearensisRevisao.pdf>>. Acesso: 20 jul. 2017.

ALMEIDA, M. Z. de. **Plantas medicinais**. 3º ed. Salvador, Ba: EDUFBA. 2011.

ALVES, G. S. P.; POVH, J. A. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Santa Rita, Ituiutaba – MG. **Revista Biotemas**. Florianópolis, SC, v. 26, n. 3, p. 231-242, 2013. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/viewFile/2175-7925.2013v26n3p231/25322>>. Acesso em: 01 maio 2017.

AMOROZO, M. C. de M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Levenger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. São Paulo, SP, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/abb/v16n2/a06v16n2.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2017.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na Pesquisa de Plantas medicinais. Em Di Stasi LC (Org.) **Plantas medicinais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar**. EDUSP. São Paulo, 1996. p. 47-68 *apud* MEIRELES, V. J. S. **Etnobotânica e caracterização da pesca na comunidade Canárias, reserva extrativista marinha do delta do Parnaíba, nordeste do Brasil**. 2012. 164 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Núcleo de Referências em Ciências Ambientais do Trópico Ecotonal do Nordeste, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

AMOROZO, M. C. M. A., GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica**, v.4, n.1, p.47-131, 1988.

ARAÇUAÍ, Prefeitura Municipal de. **Geografia Araçuaí, Minas Gerais**. Disponível em: < <http://aracuai.mg.gov.br/site/cidade/geografia/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

ASSIS JUNIOR, L. R. de. **Estudo fitoquímico e de genotoxicidade das raízes da *Macrosiphonia petraea*, Apocynaceae**. 2012. 96 f. Dissertação (Mestrado em Química) - Instituto de Química, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012..

BAPTISTA, G. C. S. **A contribuição da etnobiologia para o ensino e a aprendizagem de ciências: estudo de caso em uma escola pública do estado da Bahia**. 2007. 188 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) - Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

BATUQUE da Comunidade Quilombola Baú. Roteiro e edição: Mayara Mariano Martins. Araçuaí, MG. Novembro, 2015. 7'55". Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=DDZJDu5voho>>. Acesso em: 13 maio 2017.

BIESKI, I. G. C. *et al.* O. Ethnobotanical study of medicinal plants by population of Valley of Juruena Region, Legal Amazon, Mato Grosso, Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, 173, p 383- 423, 2015.

BORGES, R. **Estudos etnobotânicos na comunidade Caiçara Martim de Sá, APA de Cairuçu, Paraty, RJ**. 2007. 51 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Escola Nacional de Botânica Tropical, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: < http://aplicacoes.jbrj.gov.br/enbt/posgraduacao/resumos/2006/Rodrigo_Borges.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2017.

BRANDÃO, M. das G. L. *et al.* Plantas medicinais da Estrada Real. **MG Biota**, Belo Horizonte, v. 1, n. 4, p. 4-15, 2008.

BRANDÃO, M. das G. L.; DINIZ, B. G.; MONTE-MÓR, R. L. M. Plantas medicinais: um saber ameaçado. **Ciência Hoje**, São Paulo, n. 35, p. 64-66, 2004 *apud* BRANDÃO, M. das G. L. *et al.* Plantas medicinais da Estrada Real. **MG Biota**, Belo Horizonte, v. 1, n. 4, p. 4-15, 2008.

BRANDOLT *et al.* Efeito do extrato de *Plectranthus barbatus* (Andr.) Benth no desempenho reprodutivo de *Rattus norvegicus* (Berkenhout, 1769). **Revista Biotemas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 49-58, 2007. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/20725>>. Acesso em: 12 junho 2018.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopéia Brasileira**. Brasília: Anvisa, 126p. 2011. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/hotsite/farmacopeiabrasileira/conteudo/Formulario_de_Fitoterapicos_da_Farmacopeia_Brasileira.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2017.

BRASIL. **Biodiversidade brasileira** - Avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros. Brasília: MMA/SBF, 2002. 404 p. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/_arquivos/Bio5.pdf>. Acesso em: 22 maio 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei 6.001, de 19 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. **Diário Oficial da União**. Brasília: Poder Legislativo, 1973.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. A fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos. 148 p. – **Série B. Textos Básicos de Saúde**. Brasília : Ministério da Saúde, 2006b.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. 60 p. **Série B. Textos Básicos de Saúde**. Brasília : Ministério da Saúde, 2006a.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - MMA. **Convenção sobre diversidade biológica**. Série Biodiversidade n° 1, Brasília: MMA, 2000. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_dpg/_arquivos/cdbport.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - MMA. **Mata Atlântica: patrimônio nacional dos brasileiros**. Série Biodiversidade n° 34, Brasília: MMA, 2010. 408 p. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/publicacoes/biodiversidade/category/142-serie-biodiversidade>>. Acesso em: 22 maio 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - MMA. **Plano de ação para prevenção e controle do desmatamento e das queimadas no Cerrado - PPCerrado**. Brasília: MMA, 2009. Disponível em:<http://www.mma.gov.br/estruturas/182/_arquivos/ppcerrado_consultapublica_182.pdf>. Acesso em: 23 maio 2017.

BRITO, M. R. de; SENNA-VALLE, L de. Plantas medicinais utilizadas na comunidade caiçara da Praia do Sono, Paraty, Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botanica Brasílica**. Feira de Santana, v. 25, n. 2, p. 363-372, junho 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abb/v25n2/a12v25n2.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

CANUTO, K. M.; SILVEIRA, E. R.; BEZERRA, A. M. E. Estudo fitoquímico de espécimens cultivados de cumaru (*Amburana cearensis* A. C. Smith). **Química Nova**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 662-666, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-40422010000300034>. Acesso em: 20 maio 2017.

CARTAXO, S. L. **Diversidade e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga em Aiuaba-CE, Brasil**. 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em Bioprospecção Molecular) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Regional do Cariri, Crato, 2009. Disponível em: <<http://mbm.urca.br/pdf/dissertacoes/SARAHBELLE%20LEITTE%20CARTAXO.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2017.

CARVALHO, C. J. B. de. Padrões de endemismos e a conservação da biodiversidade. **Megadiversidade**. Belém, 5, 77-86, 2009. Disponível em: <http://nossosriachos.net/biogeografia/doc/2009_Carvalho-Padros_de_endemismos.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2017.

CAVALLAZZI, M. L. **Plantas medicinais na atenção primária à saúde**. 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) - Centro de Ciências da Saúde - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/88822>> Acesso em: 07 mai 2017.

CHAMILCO, R. A. S. I. **Práticas culturais das parteiras tradicionais na assistência à mulher no período grávido-puerperal**. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004 *apud* MATA, N. D. S. da. **Participação da mulher Wajãpi no uso tradicional de plantas medicinais**. 2009. 141 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2009.

COLAÇO, T. L.; SPAREMBERGER, R. F. L. Sociedade da informação: comunidades tradicionais, identidade cultural e inclusão tecnológica. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**, v. 1, n. 1, p. 207-230, 2010. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/direitoeconomico?dd99=pdf&dd1=4329>>. Acesso em: 10 maio 2017.

CONDE, B. E. **Etnofarmacologia no entorno do Jardim Botânico da Universidade Federal de Juiz de Fora como subsídio para a implantação de horto medicinal comunitário**. 2012. 66 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aplicada a Conservação e Manejo de Recursos Naturais) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL. **Hotspots Revisitados** - As Regiões Biologicamente Mais Ricas e Ameaçadas do Planeta. Mata Atlântica e Cerrado. Brasil. 2005. Disponível em:<<http://www.conservation.org/global/brasil/publicacoes/Documents/HotspotsRevisitados.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2017.

COSTA, A.M. N. da. O campo da pesquisa qualitativa e o método de explicitação do discurso subjacente (MEDS). **Psicologia: Reflexão e Crítica** 20, 65-73, 2007.

COSTA, M. do C. de C. D. **Aspectos farmacológicos de *Plectranthus barbatus* Andr. (Lamiaceae):** atividades antimicrobiana, citotóxica e antitumoral. 2002. 124 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

COSTA, R. A. **A identidade e o conhecimento etnobotânico dos moradores da Floresta Nacional do Amapá.** 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade Tropical) - Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Tropical, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2013. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/ppgbio/files/2010/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Rafael-Aguiar.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2017.

COSTA, R. G. de A. Os saberes populares da etnociência no ensino das ciências naturais: uma proposta didática para aprendizagem significativa. **Revista Didática Sistêmica**, Rio Grande, v. 8, p. 162-172, 2008. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/revs/article/view/1303>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

CUNHA, N. R da S *et al.* A intensidade da exploração agropecuária como indicador da degradação ambiental na região dos Cerrados, Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. Brasília, v. 46, n. 2, p. 291-323, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032008000200002>. Acesso em: 20 abr. 2018.

DIAS, M. A. do N. Um olhar sobre a velhice em “Sangue da avó manchando a alcatifa” de Mia Couto. In: V Encontro Nacional de Literatura Infante Juvenil e Ensino, 2014, Campina Grande. **Anais do V Encontro Nacional da Literatura Infante-Juvenil**. Campina Grande, 2014. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade_1datahora_09_06_2014_16_17_45_idinscrito_892_9342df0289e81767a18b979eb9af.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

DIAS, N. S. *et al.* O. Estudo dos efeitos mutagênicos e citotóxicos do confrei (*Symphytum officinale*) no ciclo celular de *Allium cepa*. **Revista Eletrônica de Farmácia**, Goiás, v. 10, n. 3, p. 20-29, 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/REF/article/viewFile/19872/15402>>. Acesso em: 03 maio 2017.

DIEGUES, A. C. (Org.) *et al.* **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil.** São Paulo, SP: NUPAUB- USP: MMA. 2000. 2011 p. Disponível em: <<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/saberes%20trad.pdf>>. Acesso em: 09 maio 2017.

DUBEY, M. P.; SRIMAL, R. C.; NITYANAND, S. 1981. Pharmacological studies on coleonol, a hypotensive diterpene from *Coleus forskohlii*. **Journal of Ethnopharmacology**, 3 (1): 1-13 *apud* BRANDOLT *et al.* Efeito do extrato de *Plectranthus barbatus* (Andr.) Benth no desempenho reprodutivo de *Rattus norvegicus*

(Berkenhout, 1769). **Revista Biotemas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 49-58, 2007. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/20725>>. Acesso em: 12 junho 2018.

ELISABETSKY, E. Etnofarmacologia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 55, n. 3, 2003. Disponível em: < <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v55n3/a21v55n3.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

FERREIRA, S. N.; SAMPAIO, M. J. A. M. (Org.) **Biodiversidade e conhecimentos tradicionais associados: implementação da legislação de acesso e repartição de benefícios no Brasil**. Brasília, DF: SBPC, 2013. 356 p. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/site/publicacoes/outras-publicacoes/sbpc_biodiversidade_acesso.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2017.

ESCOBAR, B. T. **Avaliação psicofarmacológica de *Ageratum Conyzoides* L. Asteraceae**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. 74 f. 2007. Disponível em: < <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000036/00003648.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

FLORA DO BRASIL 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> >. Acesso em: 28 Jul. 2017

FOLIA de Reis do Bairro Arraial dos Crioulos de Araçuaí. Vídeo de Ivo Ribeiro. Araçuaí, MG. Setembro, 2013. 4'17". Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=DZWokW1GUgs>>. Acesso em: 12 de maio de 2017.

FRANCO, E. A. P.; BARROS, R. F. M. de. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. Botucatu, v. 8, p. 78-88, 2006. Disponível em: <http://www.sbpmed.org.br/download/issn_06_2/artigo12_v8_n3.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

FREITAS, A. V. L. *et al.* Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 48-59, 2012. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/1833>>. Acesso em: 29 maio 2017.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES - FCP. **Comunidades remanescentes de quilombos. Comunidades certificadas**. 2017. Disponível em: < http://www.palmars.gov.br/?page_id=37551>. Acesso em: 14 maio 2017.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA - SOSMA. **Relatório anual 2015**. São Paulo, SP. 2015. Disponível em: < https://www.sosma.org.br/wp-content/uploads/2016/08/RA_SOSMA_2015-Web.pdf>. Acesso em: 23 maio 2017.

GAZETA DE ARAÇUAÍ. Arraial dos Crioulos em Araçuaí faz o 4º Encontro da Consciência Negra. 17 de Novembro de 2014. Disponível em: < http://www.gazetadearacuai.com.br/noticia/3810/arraial_dos_crioulos_em_aracuai_faz_o_4_encontro_da_consciencia_negra/>. Acesso em: 13 maio 2017.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. 24, 395-406, 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-33062010000200010>. Acesso em: 23 maio 2017.

GIULIETTI, A. M. *et al.* Diagnóstico da vegetação nativa do bioma Caatinga. In: SILVA, J. M. C. *et al.* (Org.). **Biodiversidade da caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, Universidade Federal de Pernambuco, 2003. 382 p. Disponível em: < http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/_arquivos/parte2caa.pdf>. Acesso em: 23 maio 2017.

GIULIETTI, A. M. *et al.* **Plantas endêmicas da caatinga**. p.103-115 In: Vegetação e flora das caatingas (SAMPAIO, E.V.S.B. *et al.*, ed.). APNE / CNIP, Recife, PE. 2002 *apud* GIULIETTI, A. M. *et al.* Diagnóstico da vegetação nativa do bioma Caatinga. In: SILVA, J. M. C. *et al.* (Org.). **Biodiversidade da caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, Universidade Federal de Pernambuco, 2003. 382 p. Disponível em: < http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/_arquivos/parte2caa.pdf>. Acesso em: 23 maio 2017.

GOOGLE MAPS. 2015. **Araçuaí, Minas Gerais**. Disponível em: < <https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em: Jun. 2015.

GUARIM NETO, G.; MORAIS, R. G. de. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de mato grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botanica Brasilica**. 17, 561-584, 2003. Disponível em: < <https://biotek.iesa.ufg.br/up/160/o/a09v17n4.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2017.

GURGEL, C. B. F. M. **Índios, jesuítas e bandeirantes**. Medicinas e doenças no Brasil dos séculos XVI e XVII. 2009. 225 f. Tese (Doutorado em Clínica Médica) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

HAMILTON, A. C. *et al.* 2003. **The purposes and teaching of Applied Ethnobotany**. Godalming, People and Plants working paper. 11. WWF *apud* OLIVEIRA, F. C. de. *et al.* Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. São Paulo, v. 23, n.2, p. 590-605, 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/abb/v23n2/v23n2a31.pdf>> Acesso em: 02 maio 2017.

HOEFFEL, J. L. M. *et al.* Conhecimento tradicional e uso de plantas medicinais nas APA's Cantareira/SP e Fernão Dias/MG. **Revista VITAS – Visões Transdisciplinares sobre ambiente e sociedade**. Niterói, v. 1, n. 1, p. 1-25, 2011. Disponível em: < <http://www.uff.br/revistavitas/images/artigos/HOEFFEL%20et%20al.%20CONHECIM>>

ENTO%20TRADICIONAL%20E%20USO%20DE%20PLANTAS%20MEDICINAIS.pdf> Acesso em: 10 maio 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Araçuaí, Minas Gerais: Mapa Municipal Estatístico**. Rio de Janeiro. Censo 2010a. Escala 1: 100.000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Indígenas**. Censo 2010b. Disponível em: < <http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada>>. Acesso em: 18 maio 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Informações completas Araçuaí, Minas Gerais**. 2017. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310340&search=||info%EFicos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2015**. Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil. Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: < ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabuas_Completas_de_Mortalidade/Tabuas_Completas_de_Mortalidade_2015/tabua_de_mortalidade_analise.pdf>. Acesso em: 01 junho 2017.

JOST, X. *et al.*. Ethnobotanical survey of cosmetic plants used in Marquesas Islands (French Polynesia). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 12, 55. 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5129640/>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LEAL, C. R. B. **Comunidades tradicionais da Zona Costeira Cearense: uma análise da percepção dos diferentes atores sociais de Canoa Quebrada e Vila do Estevão sobre o processo de modernização vivenciado por essas populações**. 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Departamento de Saúde Comunitária, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. (Eds.). **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003. 822 p. Disponível em: < http://www.mma.gov.br/estruturas/203/_arquivos/5_livro_ecologia_e_conservao_da_caatinga_203.pdf>. Acesso em: 23 maio 2017.

LEAL, R. S. **Estudo etnofarmacológico e fitoquímico das espécies medicinais *Cleome spinosa* Jacq, *Pavonia varians* Moric e *Croton cajucara* Benth**. 2008. 190 f. Tese (Doutorado em Química) - Centro de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

LIMA, L. P.; NASCIMENTO, R. G. do; FARIAS, W. da S. Influência da globalização nos hábitos culturais: aprendizagem significativa a partir da relação teoria-prática. In: Encontro Internacional de Formação de Professores, 9. e Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional, 10., 2016, Aracaju. **Anais eletrônicos**, 2016. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/viewFile/2106/800>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

LIMA, R. X. de. **Estudos etnobotânicos em comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná - Brasil**. 1996. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25200/D%20-%20LIMA%2C%20ROBERTO%20XAVIER%20DE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 17 abr. 2017.

LÖBLER, L. *et al.* Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no bairro Três de Outubro da cidade de São Gabriel, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**. Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 81-89, 2014. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/2756>>. Acesso em: 30 maio 2017.

LOSS, A. T. G. **Etnoornitologia no povoado de Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia**. 2013. 96 f. Dissertação (Mestrado em Zoologia) - Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2013.

LUCIANO, G. S. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. 1 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. 227 p. (Coleção Educação para todos, 12). (Vias dos saberes, n. 1). Obra com apoio da Fundação Ford e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154565por.pdf>>. Acesso em: 17 de maio 2017.

LUNA, V. S. **Padronização química e botânica de *Senna occidentalis* LINK**. 2013. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

MAMEDE, J. S. S. **Os recursos vegetais e o saber local na comunidade rural São Miguel em Várzea Grande, MT: uma abordagem etnobotânica**. 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais) - Faculdade de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2015.

MARTIN, G. J. **Ethnobotany**. A Methods manual. People and plants conservation manual, London: Chapman & Hall, 1995. 268 p *apud* BORGES, R. **Estudos etnobotânicos na comunidade Caiçara Martim de Sá, APA de Cairuçu, Paraty, RJ**.

2007. 51 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Escola Nacional de Botânica Tropical, Rio de Janeiro, 2007.

MARTIN, G. J. **Ethnobotany**. A Methods manual. People and plants conservation manual, London: Chapman & Hall, 1995. 268 p *apud* LIMA, R. X. de. **Estudos etnobotânicos em comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná - Brasil**. 1996. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

MARTINELLI, G.; MORAES, M. A. (org.). **Livro vermelho da flora do Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Andrea Jacobson: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. 1100 p. Disponível em: <<http://cncflora.jbrj.gov.br/arquivos/arquivos/pdfs/LivroVermelho.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2017.

MATA, N. D. S. da. **Participação da mulher Wajãpi no uso tradicional de plantas medicinais**. 2009. 141 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2009.

MEIRELES, V. J. S. **Etnobotânica e caracterização da pesca na comunidade Canárias, reserva extrativista marinha do delta do Parnaíba, nordeste do Brasil**. 2012. 164 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Núcleo de Referências em Ciências Ambientais do Trópico Ecotonal do Nordeste, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

MENEZES, R. F. de. De histórias de medicamentos, reações adversas e vigilância sanitária à farmacovigilância: o pioneirismo do centro de vigilância sanitária do estado de São Paulo - Parte 1. **Boletim Sobravime** 44/45, 1-21, 2005. Disponível em: <http://www.farmacia.ufrj.br/consumo/leituras/lm_sobravime4445_2005.pdf> Acesso em: 08 mai 2017.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE-MMA (2014). **Portaria Nº 443**. Lista Nacional Oficial de Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção. Disponível em: <http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/static/pdf/portaria_mma_443_2014.pdf>. Acesso: 10 jul. 2017.

MORO, M. F. *et al.* Alienígenas na sala: o que fazer com espécies exóticas em trabalhos de taxonomia, florística e fitossociologia? **Acta Botanica Brasilica**, v. 26, n. 4, 991-999, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-33062012000400029&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 07 jul. 2017.

MOURA, C. **Rebeliões da Senzala**. 3 ed. São Paulo: Lech, 1981.

NETO, E. M. C. A zooterapia popular no Estado da Bahia: registro de novas espécies animais utilizadas como recursos medicinais. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro

, v. 16, supl. 1, p. 1639-1650, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000700100&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 Jul. 2017.

NEWMAN, D. J.; CRAGG, G. M. Natural products as sources of new drugs from 1981 to 2014. **Journal Natural Products**. Washington, 79, 629-661, 2016. Disponível em: <<http://pubs.acs.org/doi/pdf/10.1021/acs.jnatprod.5b01055>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

NUNES, R. O. **Prospecção etnofarmacológica de plantas medicinais utilizadas pela população remanescente de quilombolas de Rolim de Moura do Guaporé, Rondônia, Brasil**. 2016. 200 f. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Departamento de Fitotecnia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.

OLIVEIRA JUNIOR, S. B. de; SATO, M. O saber local da cultura e da natureza nas narrativas biorregionais do Quilombo Mata Cavalu. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 17, p. 549-559, 2008. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/viewFile/506/432>> Acesso em: 14 abr. 2017.

OLIVEIRA, C. de. **Levantamento etnobotânico na comunidade Bola Verde, Teofilândia, Bahia**. 2012. 54 f. Monografia (Bacharelado em Biologia) - Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2012.

OLIVEIRA, F. C. de. *et al.* Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. São Paulo, v. 23, n.2, p. 590-605, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abb/v23n2/v23n2a31.pdf>> Acesso em: 02 maio 2017.

OLIVEIRA, F. **Saúde da População negra: Brasil, ano 2001**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2002. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/08/0081.pdf#page=63>> Acesso em: 14 abr. 2018.

OLIVEIRA, G. L. de. **Etnobotânica nordestina: plantas medicinais da comunidade Muribeca (Jaboatão Dos Guararapes –Pe, Brasil)**. 2007. 82 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) - Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

OLIVEIRA, T. B. de; COSTA, J. C. da. Concordância de uso e importância das espécies utilizadas como medicinais pela comunidade do Povoado Juá, Paulo Afonso – BA. **Editorial Revista Opará Etnicidades**, Paulo Afonso, v. 5, n. 7, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/opara/article/view/4018/2541>>. Acesso em: 02 maio 2018.

OLIVEROS, J.C. . **Venny. An interactive tool for comparing lists with Venn's diagrams**. 2018. Disponível em: <<http://bioinfogp.cnb.csic.es/tools/venny/index.html>>. Acesso em: 22 maio 2018.

PADILHA, L. M. L.; NASCIMENTO, M. I. M. **Comunidades quilombolas brasileiras na perspectiva da história da educação: estado da arte**. Projeto financiado pela Fundação Araucária. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2013. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/4/artigo_simposio_4_541_lupadilha5@yahoo.com.br.pdf> Acesso em: 12 maio 2017.

PATZLAFF, R.G.; PEIXOTO, A.L. A pesquisa etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. **História, Ciências, Saúde** 16, 237-246, 2009.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 22, p. 37-50, 2010. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/made/article/view/16054/13504>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

PERUCCHI, L. C. **Etnobotânica da comunidade Quilombola São Roque-Pedra Branca e os conflitos de uso de seus territórios sobrepostos aos parques nacionais aparados da Serra e Serra Geral**. 2009. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas) - Unidade Acadêmica, Humanidades, Ciências e Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009.

PINTO, E.P.P.; AMOROZO, M.C.M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais da mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20, 751-762, 2006.

PORTAL FÉRIAS. Travessia no Rio Jequitinhonha. Foto de Cisal (Itira). Disponível em:< <http://www.ferias.tur.br/fotogr/112393/travessianoriojequitinhonha-fotocisal/itira/>>. Acesso em: 15 maio 2017.

PORTAL POLO JEQUITINHONHA. Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha. Belo Horizonte, MG. Disponível em:<<https://www2.ufmg.br/polojequitinhonha/Localizacao/Mapa-do-Vale>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

POSEY, D. A. Etnobiologia e etnodesenvolvimento: importância da experiência dos povos tradicionais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE MEIO AMBIENTE, POBREZA E DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA. Belém, 1992 *apud* COSTA, R. A. **A identidade e o conhecimento etnobotânico dos moradores da Floresta Nacional do Amapá**. 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade Tropical) - Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Tropical, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2013.

POSEY, D. A. Introdução - Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, D. (Ed.) **Suma Etnológica Brasileira**. Etnobiologia. Petrópolis: Vozes, 1987, v. 1, p. 15-25.

QUIRINO, G. S. Saber científico e etnoconhecimento: é bom pra quê? **Ciência e educação**. Bauru, v. 21, n. 2, p. 273-283, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v21n2/1516-7313-ciedu-21-02-0273.pdf>>. Acesso: 26 abr. 2017.

REIS, J. J.; GOMES, F. S. Uma história da liberdade. In: REIS, J. J.; GOMES, F. S. (org). **Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil**. Companhia das Letras: São Paulo. 1996. p. 510 *apud* PERUCCHI, L. C. **Etnobotânica da comunidade Quilombola São Roque-Pedra Branca e os conflitos de uso de seus territórios sobrepostos aos parques nacionais aparados da Serra e Serra Geral**. 2009. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas) - Unidade Acadêmica, Humanidades, Ciências e Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009.

RIBEIRO, R. V. *et al.* Ethnobotanical study of medicinal plants used by Ribeirinhos in the North Araguaia microregion, Mato Grosso, Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, 205, p. 69-102, 2017.

RIBEIRO, S. C. **Etnogeomorfologia sertaneja**: proposta metodológica para a classificação das paisagens da sub-bacia do rio Salgado/CE. 2012. 278 f. Tese (Doutorado em Geografia (Planejamento e Gestão Ambiental)) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

ROSA, M.; OREY, D. C. Aproximando diferentes campos de conhecimento em educação: a etnomatemática, a etnobiologia e a etnoecologia. **Vidya**, Santa Maria, v. 34, n. 1, p. 1-14, 2014. Disponível em: <http://www.cead.ufop.br/images/NOTICIAS_2014/30-05-14_Artigo%20Vidya.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

ROSA, R. da. **"Eu moro no Prata, no Ouro e no Bronze"**: processos de territorialidade e etnicidade no Quilombo Povoado do Prata - TO. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SANTOS, F. S. dos. **As plantas brasileiras, os jesuítas e os indígenas do Brasil: história e ciência na Triaga Brasília (séc.XVII-XVIII)**. 1º ed. São Paulo, SP: Casa do Novo Autor Editora. 2009. Disponível em: <<http://www.fernandosantiago.com.br/triaga.pdf>> Acesso em: 09 maio 2017.

SANTOS, L. M. Ecologia de saberes: a experiência do diálogo entre conhecimento científico e conhecimento tradicional na Comunidade Quilombola da Rocinha. **Revista Tempus - Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 243-256, 2014. Disponível em: <<http://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1522>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SANTOS, N. B. **Resistência e desafios na garantia da posse da terra na Comunidade Quilombola de Mocambo no município Porto da Folha - SE**. 2014.

106 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

SCHÄFFER, W.B.; PROCHNOW, M. **A Mata Atlântica e você: como preservar, recuperar e se beneficiar da mais ameaçada floresta brasileira**. Brasília, APREMAVI. 2002. *apud* GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. 24, 395-406, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-33062010000200010>. Acesso em: 23 maio 2017.

SCHIAVON, D. B. A. **Resgate etnobotânico de plantas medicinais e validação da sua atividade antibacteriana**. 2015. 101 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Veterinária, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

SENNA-VALLE, L. de. A pesquisa e o ensino da etnobiologia e da etnoecologia na região sudeste do Brasil. **Boletim da sociedade brasileira de etnobiologia e etnoecologia**, Recife, ano XIII, p. 2-7, abr./jun. 2010. Disponível em: <http://www.etnobiologia.org/docs/boletins/Boletim%203%20SBEE_ABR_JUN_2010.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2017.

SILVA, I. R. da. **Diversidade de fungos micorrízicos arbusculares ao longo de um gradiente vegetacional na caatinga**. 2013. 96 f. Dissertação (Mestrado em Biologia de Fungos) - Centro De Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SILVA, J. M. S. Comunidades quilombolas, suas lutas, sonhos e utopias. **Revista Palmares - Cultura Afro-brasileira**. Brasília, ano V, n. 5, p. 33-39, agosto 2009. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wpcontent/uploads/2011/02/revista05.pdf>> Acesso em: 12 maio 2017.

SILVA, N. L. A.; MIRANDA, F. A. A.; CONCEIÇÃO, G. M. da. Triagem fitoquímica de Plantas do Cerrado da Área de Proteção Ambiental Municipal do Inhamum, Caxias, Maranhão. **Scientia Plena**, v.6, n.2, p.1-17, 2010. Disponível em: <<https://scientiaplena.org.br/sp/article/viewFile/22/14>>. Acesso em: 22 maio 2017.

SILVA, N. L. G. da. **Zooterápicos utilizados em comunidades rurais do município de Sumé, semiárido da Paraíba, nordeste do Brasil e avaliação da atividade antibacteriana da gordura da jibóia *Boa constrictor* (Linnaeus, 1758)**. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciência e Tecnologia Ambiental) - Centro de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2010.

SILVA, P. E. S. da. **Atividade antimicrobiana de *Derris negrensis* Benth (Fabaceae)**. 2011. 70 f. Dissertação (Mestrado em Biotecnologia e Recursos Naturais) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2011.

SILVA, V. A.; ALBUQUERQUE, U.P.; NASCIMENTO, V.T. Técnicas para análise de dados etnobotânicos. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. (Org.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**, 2ª ed., Comunigraf Ed., Recife, 2008. Cap. 6, 127-144.

SOARES, G. C. **Olhando o passado e construindo o bem viver na Aldeia Cinta Vermelha Jundiba**. 50 f. 2012. Monografia (Especialização em Gestão de Políticas Públicas em Gênero, Raça e Etnia) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2012.

SOUSA, L. M. de. **Estudo químico e avaliação biológica de *Phanera glabra* (Jacq.) Vaz & *Bauhinia unguolata* L. (Fabaceae)**. 2016. 263 f. Tese (Doutorado em Química) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

SOUSA, R. S. **Etnobotânica e etnozootologia de comunidades pesqueiras da Área de Proteção Ambiental (APA) do Delta do Parnaíba, nordeste do Brasil**. 2010. 176 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Núcleo de Referências em Ciências Ambientais do Trópico Ecotonal do Nordeste, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

SOUZA, C. C. V. **Etnobotânica de quintais em três comunidades ribeirinhas na Amazônia Central, Manaus - AM**. 2010. 91 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2010.

SOUZA, E. N. F.; HAWKINS, J. A. Comparison of Herbarium Label Data and Published Medicinal Use: Herbaria as an Underutilized Source of Ethnobotanical Information. **Economic Botany**, 2017.

SOUZA, V. S. **A história afro - descendentes da Comunidade Arraial dos Crioulos**. 2012. 43 f. Monografia (Especialização em Gestão de Políticas Públicas) - Universidade Federal de Ouro Preto, Araújo, 2012.

STEPP, J. R., MOERMAN, D. E. The importance of weeds in ethnopharmacology. **Journal of Ethnopharmacology** 75: 19–23. 2001.

TAULI-CORPUZ, V. **Relatório da missão ao Brasil da Relatora Especial sobre os direitos dos povos indígenas**. Genebra: Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, 8 de agosto de 2016. (Tradução não - oficial para o português). Disponível em: < <http://unsr.vtaulicorpuz.org/site/images/docs/country/2016-brazil-a-hrc-33-42-add-1-portugues.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA-UFJF. **Noções de Fitoterapia**. 2011. Disponível: < <http://www.ufjf.br/proplamed/files/2011/03/a1-prepara%C3%A7%C3%B5es-fitofarmacol%C3%B3gicas1.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

VASCONCELOS, E. M. Educação popular e terapia médica. In: SCOCUGLIA, A. C., MELO NETO, J. F. **Educação popular: outros caminhos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. P.123-34 *apud* VIU, A. F. M.; VIU, M. A. O.; CAMPOS, L. Z. O. Etnobotânica: uma questão de gênero? **Revista Brasileira de Agroecologia**. Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 138-147, 2010. Disponível em: <<http://aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/rbagroecologia/article/view/9525/6659>>. Acesso em: 30 maio 2017.

VÁSQUEZ, S. P. F.; MENDONÇA, M. S. de.; NODA, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazonica**. V. 44, 457-472, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aa/v44n4/07.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

VIEGAS JR, C.; BOLZANI, V. da S.; BARREIRO, E. J. Os produtos naturais e a química medicinal moderna. **Química Nova**, São Paulo, v. 29, n.2, p. 326-337, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/qn/v29n2/28453.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

VIEGAS JR *et al.* Aspectos químicos, biológicos e etnofarmacológicos do gênero *Cassia*. **Química Nova**, São Paulo, v. 29, n. 6, p. 1279-1286, 2006. Disponível em: <http://quimicanova.sbq.org.br/imagebank/pdf/Vol29No6_1279_24-RV05195.pdf>. Acesso em: 10 junho 2017.

VIEIRA, L.S; SOUSA, R.S.; LEMOS, J.R.. Plantas medicinais conhecidas por especialistas locais de uma comunidade rural maranhense. **Rev. bras. plantas med.**, Botucatu , v. 17, n. 4, supl. 3, p. 1061-1068, 2015 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722015000701061&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 July 2017.

VIU, A. F. M.; VIU, M. A. O.; CAMPOS, L. Z. O. Etnobotânica: uma questão de gênero? **Revista Brasileira de Agroecologia**. Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 138-147, 2010. Disponível em: <<http://aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/rbagroecologia/article/view/9525/6659>>. Acesso em: 30 maio 2017.

WINK, M. Evolution of secondary metabolites in legumes (Fabaceae). **South African Journal of Botany**, 89, 164-175, 2013. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0254629913002858#ab0010>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems 10th Revision**. Version: 2016. Disponível em: <<http://apps.who.int/classifications/icd10/browse/2016/en>> Acesso em: 25 jul. 2017.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Regulatory situation of herbal medicines: a worldwide review**. Geneva: WHO, 45 f., 1998. Disponível em:<

<http://apps.who.int/medicinedocs/pdf/whozip57e/whozip57e.pdf>> Acesso em: 05 maio 2017.

ANEXOS

ANEXO A - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE ARAÇUAÍ,
MINAS GERAIS

Fonte: Portal Polo Jequitinhonha. Adaptado.

**ANEXO B - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA COMUNIDADE INDÍGENA
CINTA VERMELHA JUNDIBA, ARAÇUAÍ-MG**

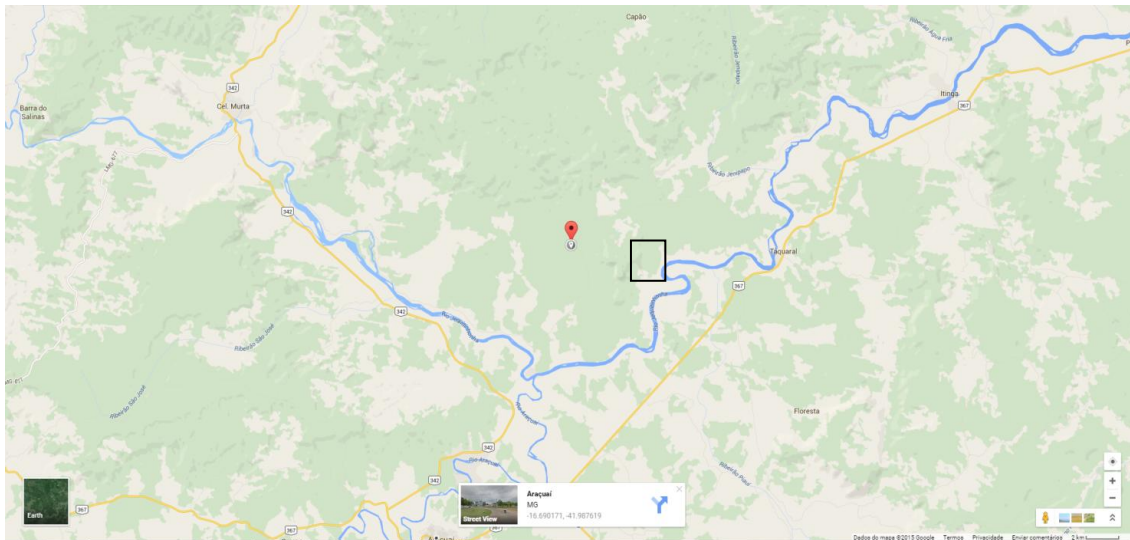


Fonte: SOARES, 2012.

Legenda:

A. Cinta V. Jundiba = Aldeia Cinta Vermelha Jundiba

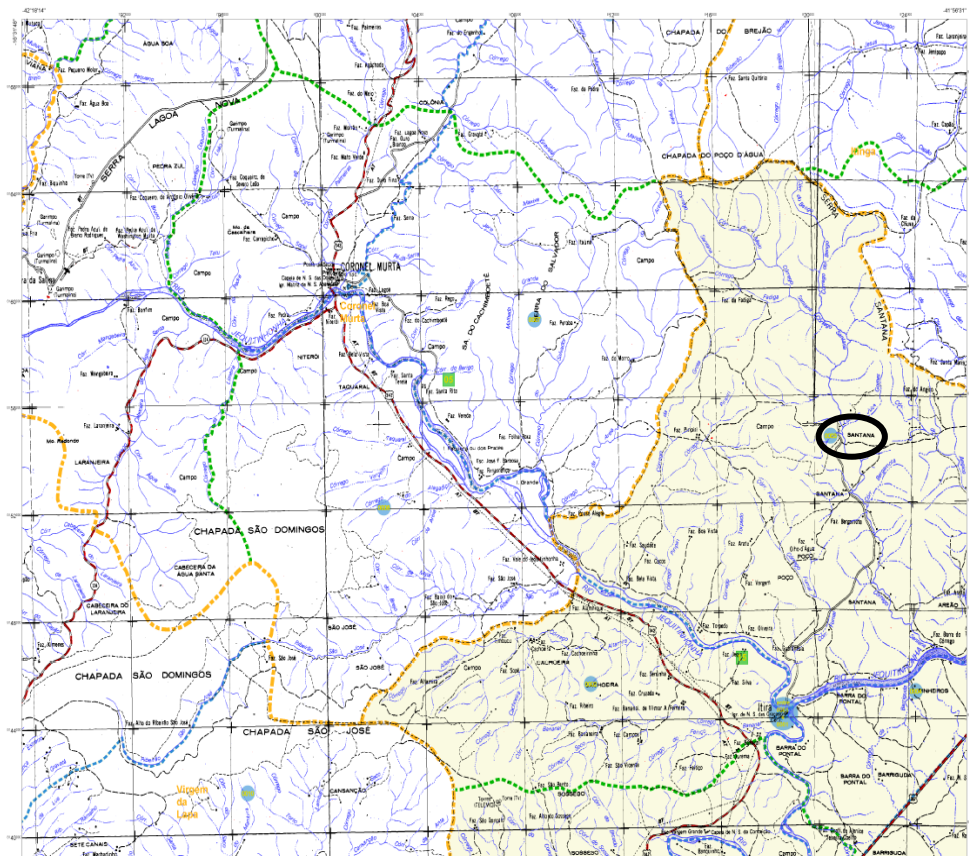
ANEXO C - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA BAÚ, ARAÇUAÍ-MG



Fonte: Google Maps.

Legenda:

□ Área ocupada pela Comunidade Quilombola Baú

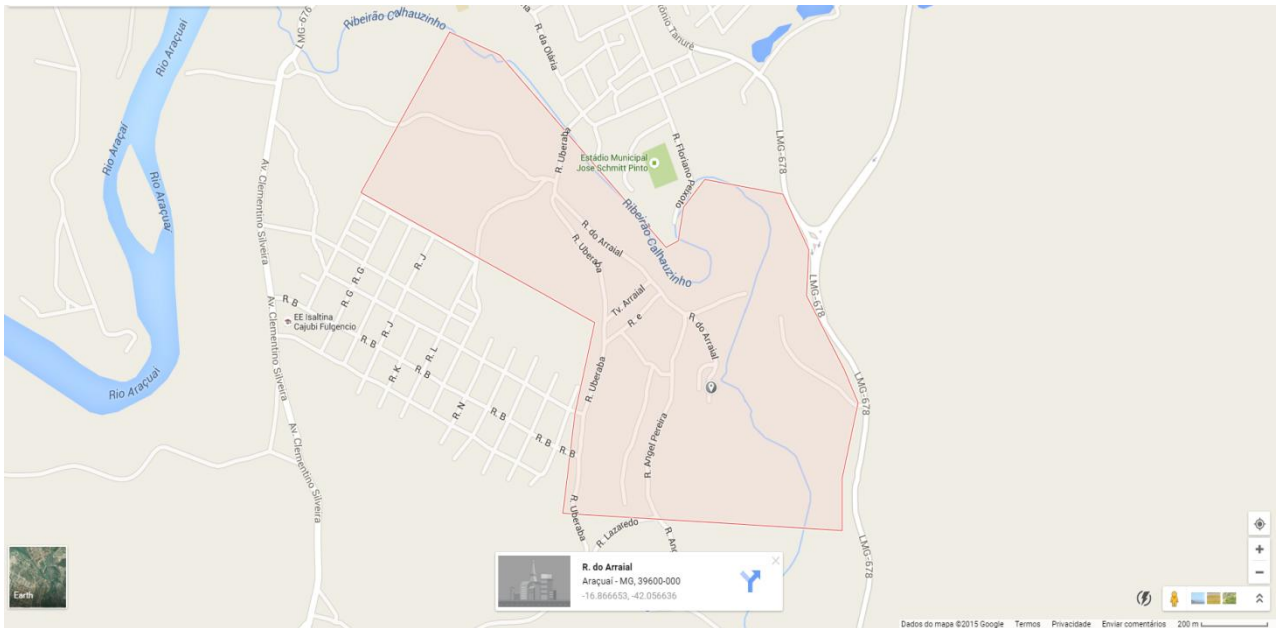


Fonte: IBGE, censo 2010a. Adaptado.

Legenda:

○ Área ocupada pela Comunidade Quilombola Baú

ANEXO D - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA ARRAIAL DOS CRIoulos, ARAÇUAÍ-MG



Fonte: Google Maps.

ANEXO E — TERMO DE ANUÊNCIA PRÉVIA PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA (COMUNIDADE ÍNDIGENA CINTA VERMELHA-JUNDIBA)

1

Termo de anuência prévia para realização de pesquisa

1
2
3 PESQUISA: “Levantamento etnobotânico de plantas nativas utilizadas com fins medicinais e
4 cosméticos na Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba, Araçuaí, Minas Gerais”
5 FINALIDADE DA PESQUISA: A finalidade deste estudo é o de resgatar e registrar o
6 conhecimento sobre plantas medicinais e de uso cosmético na Comunidade Tradicional
7 Indígena Cinta Vermelha-Jundiba do município de Araçuaí-MG.
8 O QUE SERÁ PESQUISADO: Serão pesquisadas as plantas utilizadas como remédios
9 e como cosméticos em Comunidade Tradicional Indígena localizada em Araçuaí-MG.
10 IMPORTÂNCIA DA PESQUISA: Registrar o conhecimento sobre plantas medicinais e
11 de uso cosmético da Comunidade Tradicional Indígena Cinta Vermelha-Jundiba
12 localizada no município de Araçuaí-MG, para que tal conhecimento não se perca, uma
13 vez que o mesmo é, geralmente, transmitido verbalmente e, hoje em dia, há dificuldades
14 em transmitir esse conhecimento para os mais jovens.
15 COMO SERÁ FEITA A PESQUISA: A pesquisa consistirá em aplicação de
16 questionário pelo investigador ao entrevistado (pessoa que tem conhecimentos sobre o
17 uso medicinal e cosmético das plantas e que aceita participar da pesquisa). O
18 questionário aborda perguntas sobre plantas da região utilizadas como cosméticos ou
19 remédios; o entrevistado que concordar, deverá levar o entrevistador em campo, no
20 local em que se encontram as plantas citadas, para que ele possa coletar exemplares e
21 fotografar as plantas. A coleta de exemplares das plantas contendo estruturas
22 reprodutivas e as fotos das mesmas servirão para a identificação botânica da planta
23 (obtenção do nome científico), uma vez que o nome popular da planta é muito variável
24 de um local para outro.
25 Vale ressaltar que também será aplicado um questionário para se conhecer os anseios da
26 comunidade com relação ao retorno que a universidade, nas pessoas de seus
27 pesquisadores, possa dar à comunidade em troca de sua participação na pesquisa. Esse
28 retorno deve estar dentro das possibilidades legais da universidade e poderá ser
29 realizado através de projetos de extensão a curto ou médio prazo.
30 Um dos “retornos”, já previsto é que a comunidade receberá cópia da dissertação de
31 mestrado, logo após a pesquisa concluída, para que o conhecimento levantado na
32 comunidade fique registrado e guardado com ela.

Oliveria Maria da Silva

- 33 PERÍODO E LOCAIS DA PESQUISA: A pesquisa será realizada num período variável
34 de 6 meses a 1 ano. Local da pesquisa: Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba,
35 localizada no município de Araçuaí-MG.
- 36 EQUIPE DE TRABALHO: A equipe de trabalho é composta pela aluna de mestrado
37 Thaísa Clara Ornelas Otoni e pela coordenadora do projeto e orientadora Professora
38 Cristiane Fernanda Fuzer Graef.
- 39 RECURSOS PARA A PESQUISA: O projeto de pesquisa será submetido a editais de
40 agências de fomento para obtenção de recursos. Caso não seja possível esse tipo de
41 financiamento, o projeto será realizado com recursos disponíveis na Universidade
42 Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM): computadores, papel,
43 impressora, e outros materiais. O deslocamento dos pesquisadores até a comunidade
44 será por conta dos pesquisadores.
- 45 RESULTADOS DA PESQUISA E FORMAS DE DIVULGAÇÃO: As informações
46 obtidas através dessa pesquisa, resultados sobre plantas usadas como remédios e
47 cosméticos, farão parte do conteúdo da dissertação de mestrado da discente do
48 Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas, Thaísa Clara Ornelas Otoni.
49 Além disso, os resultados da pesquisa poderão ser divulgados em encontros científicos
50 ou em revistas científicas, mas as pessoas que forneceram as informações para os
51 pesquisadores não serão identificadas. Desta forma garantimos o sigilo sobre a
52 participação dos entrevistados na dissertação e demais meios de divulgação; não serão
53 divulgados seus nomes ou endereços.
- 54 IMPACTOS DA PESQUISA: Os benefícios relacionados com essa pesquisa são
55 colaborar para o conhecimento de plantas nativas utilizadas na Comunidade Tradicional
56 Indígena Cinta Vermelha-Jundiba do município de Araçuaí-MG. Esse conhecimento será
57 registrado e ficará disponível para futuras gerações, evitando-se assim, que ele se perca
58 com o tempo. Ao final da pesquisa, os resultados impressos serão repassados para as
59 pessoas que participaram fornecendo as informações. Esses resultados serão entregues
60 também a órgãos públicos ambientais, para que a comunidade e esses órgãos (caso seja
61 interesse de todos os envolvidos) possam discutir sobre a melhor utilização dos recursos
62 naturais (plantas), sem que ocorra extinção das espécies ou outros danos ao meio
63 ambiente. Esse trabalho não visa lucros. Estamos apenas realizando uma das funções da
64 universidade que é a pesquisa e a divulgação do conhecimento. Assim, não haverá
65 remunerações ou indenizações pela participação neste trabalho.
- 66 CONTATO: Pesquisador Principal: Profa. Cristiane Fernanda Fuzer Graef -

Cristiane Fernanda Fuzer Graef

67 Laboratório de Farmacognosia e Fitoquímica - Prédio da Farmácia Básica – CAMPUS
68 JK/ UFVJM -Rodovia MGT 367 – Km 583, nº 5000 - Alto da Jacuba - Diamantina/MG
69 - CEP 39100-000

70 Telefone: (38) 35321234 Endereço eletrônico: cris.grael@ufvjm.edu.br

71

72 A participação das pessoas da localidade não é obrigatória. As pessoas convidadas e que
73 aceitarem participar poderão desistir a qualquer momento e retirar seu consentimento.
74 Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a
75 instituição UFVJM.

76 PELO PRESENTE TERMO, ATESTAMOS QUE ESTAMOS CIENTES E QUE
77 CONCORDAMOS COM A REALIZAÇÃO DA PESQUISA ACIMA PROPOSTA,
78 TENDO SIDO GARANTIDO NOSSO DIREITO DE RECUSAR O ACESSO AO
79 CONHECIMENTO TRADICIONAL ASSOCIADO AO PATRIMÔNIO GENÉTICO
80 DURANTE O PROCESSO DE OBTENÇÃO DA ANUÊNCIA PRÉVIA.

81 LOCAL: *Comunidade Indígena Cinta Vermelha - Jundiá*

82 DATA: *23/04/2016*

83 ASSINATURA: *Cleane Maria da Silva*

84 RG: *877-353-559/PA*

85 CPF: *382.475.261-15*

ANEXO F — TERMO DE ANUÊNCIA PRÉVIA PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA (COMUNIDADE QUILOMBOLA BAÚ)

I

Termo de Anuência prévia para realização de pesquisa

1

2

3 PESQUISA: “Levantamento de plantas nativas utilizadas com fins medicinais e
4 cosméticos em Comunidades Tradicionais do município de Araçuaí (MG)”

5 FINALIDADE DA PESQUISA: A finalidade deste estudo é o de resgatar e registrar o
6 conhecimento sobre plantas medicinais e de uso cosmético de Comunidades
7 Tradicionais do município de Araçuaí-MG.

8 O QUE SERÁ PESQUISADO: Serão pesquisadas as plantas utilizadas como remédios
9 e como cosméticos em Comunidades Tradicionais localizadas em Araçuaí-MG.

10 IMPORTÂNCIA DA PESQUISA: Registrar o conhecimento sobre plantas medicinais e
11 de uso cosmético de Comunidades Tradicionais localizadas no município de Araçuaí-
12 MG, para que tal conhecimento não se perca, uma vez que o mesmo é, geralmente,
13 transmitido verbalmente e, hoje em dia, há dificuldades em transmitir esse
14 conhecimento para os mais jovens.

15 COMO SERÁ FEITA A PESQUISA: A pesquisa consistirá em aplicação de
16 questionário pelo investigador ao entrevistado (pessoa que tem conhecimentos sobre o
17 uso medicinal e cosmético das plantas e que aceita participar da pesquisa). O
18 questionário aborda perguntas sobre plantas da região utilizadas como cosméticos ou
19 remédios; o entrevistado que concordar, deverá levar o entrevistador em campo, no
20 local em que se encontram as plantas citadas, para que ele possa coletar exemplares e
21 fotografar as plantas. A coleta de exemplares das plantas contendo estruturas
22 reprodutivas e as fotos das mesmas servirão para a identificação botânica da planta
23 (obtenção do nome científico), uma vez que o nome popular da planta é muito variável
24 de um local para outro.

25 Vale ressaltar que também será aplicado um questionário para se conhecer os anseios da
26 comunidade com relação ao retorno que a universidade, nas pessoas de seus
27 pesquisadores, possa dar à comunidade em troca de sua participação na pesquisa. Esse
28 retorno deve estar dentro das possibilidades legais da universidade e poderá ser
29 realizado através de projetos de extensão a curto ou médio prazo.

30 Um dos “retornos”, já previsto é que as comunidades receberão cópias da dissertação de
31 mestrado, logo após a pesquisa concluída, para que o conhecimento levantado nas
32 comunidades fique registrado e guardado com elas.

33 PERÍODO E LOCAIS DA PESQUISA: A pesquisa será realizada num período variável
34 de 6 meses a 1 ano. Locais da pesquisa: Comunidade Arraial dos Crioulos (Comunidade



35 Quilombola) e Comunidade Baú (Comunidade Quilombola), todas localizadas no
36 município de Araçuaí-MG.

37 EQUIPE DE TRABALHO: A equipe de trabalho é composta pela aluna de mestrado
38 Tháisa Clara Ornelas Otoni, pela coordenadora do projeto e orientadora Professora
39 Cristiane Fernanda Fuzer Graef, e pelo co-orientador Prof. Disney Oliver Sivieri Jr..

40 RECURSOS PARA A PESQUISA: O projeto de pesquisa será submetido a editais de
41 agências de fomento para obtenção de recursos. Caso não seja possível esse tipo de
42 financiamento, o projeto será realizado com recursos disponíveis na Universidade
43 Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM): computadores, papel,
44 impressora, e outros materiais. O deslocamento dos pesquisadores até as comunidades
45 será por conta dos pesquisadores.

46 RESULTADOS DA PESQUISA E FORMAS DE DIVULGAÇÃO: As informações
47 obtidas através dessa pesquisa, resultados sobre plantas usadas como remédios e
48 cosméticos, farão parte do conteúdo da dissertação de mestrado da discente do
49 Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas, Tháisa Clara Ornelas Otoni.
50 Além disso, os resultados da pesquisa poderão ser divulgados em encontros científicos
51 ou em revistas científicas, mas as pessoas que forneceram as informações para os
52 pesquisadores não serão identificadas. Desta forma garantimos o sigilo sobre a
53 participação dos entrevistados na dissertação e demais meios de divulgação; não serão
54 divulgados seus nomes ou endereços.

55 IMPACTOS DA PESQUISA: Os benefícios relacionados com essa pesquisa são
56 colaborar para o conhecimento de plantas nativas utilizadas em Comunidades
57 Tradicionais do município de Araçuaí-MG. Esse conhecimento será registrado e ficará
58 disponível para futuras gerações, evitando-se assim, que ele se perca com o tempo. Ao
59 final da pesquisa, os resultados impressos serão repassados para as pessoas que
60 participaram fornecendo as informações. Esses resultados serão entregues também a
61 órgãos públicos ambientais, para que a comunidade e esses órgãos (caso seja interesse
62 de todos os envolvidos) possam discutir sobre a melhor utilização dos recursos naturais
63 (plantas), sem que ocorra extinção das espécies ou outros danos ao meio ambiente. Esse
64 trabalho não visa lucros. Estamos apenas realizando uma das funções da universidade
65 que é a pesquisa e a divulgação do conhecimento. Assim, não haverá remunerações ou
66 indenizações pela participação neste trabalho.

67 CONTATO: Pesquisador Principal: Profa. Cristiane Fernanda Fuzer Graef -

Cristiane Fernanda Fuzer Graef

68 Laboratório de Farmacognosia e Fitoquímica - Prédio da Farmácia Básica – CAMPUS
69 JK/ UFVJM -Rodovia MGT 367 – Km 583, nº 5000 - Alto da Jacuba - Diamantina/MG
70 - CEP 39100-000

71 Telefone: (38) 35321234 Endereço eletrônico: cris.grael@ufvjm.edu.br

72

73 A participação das pessoas das localidades não é obrigatória. As pessoas convidadas e
74 que aceitarem participar poderão desistir a qualquer momento e retirar seu
75 consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador
76 ou com a instituição UFVJM.

77 PELO PRESENTE TERMO, ATESTAMOS QUE ESTAMOS CIENTES E QUE
78 CONCORDAMOS COM A REALIZAÇÃO DA PESQUISA ACIMA PROPOSTA,
79 TENDO SIDO GARANTIDO NOSSO DIREITO DE RECUSAR O ACESSO AO
80 CONHECIMENTO TRADICIONAL ASSOCIADO AO PATRIMÔNIO GENÉTICO
81 DURANTE O PROCESSO DE OBTENÇÃO DA ANUÊNCIA PRÉVIA.

82 LOCAL: *Comunidade QuiLombola BAV - ARAQUAÍ - MG*

83 DATA: *05/09/2015*

84 ASSINATURA: *Isabel de Souza Santos*

85 RG: *17.6448265*

86 CPF: *968112506.15*

ANEXO G — TERMO DE ANUÊNCIA PRÉVIA PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA (COMUNIDADE QUILOMBOLA ARRAIAL DOS CRIoulos)

1

Termo de Anuência prévia para realização de pesquisa

2

3 PESQUISA: “Levantamento de plantas nativas utilizadas com fins medicinais e
4 cosméticos em Comunidades Tradicionais do município de Araçuaí (MG)”

5 FINALIDADE DA PESQUISA: A finalidade deste estudo é o de resgatar e registrar o
6 conhecimento sobre plantas medicinais e de uso cosmético de Comunidades
7 Tradicionais do município de Araçuaí-MG.

8 O QUE SERÁ PESQUISADO: Serão pesquisadas as plantas utilizadas como remédios
9 e como cosméticos em Comunidades Tradicionais localizadas em Araçuaí-MG.

10 IMPORTÂNCIA DA PESQUISA: Registrar o conhecimento sobre plantas medicinais e
11 de uso cosmético de Comunidades Tradicionais localizadas no município de Araçuaí-
12 MG, para que tal conhecimento não se perca, uma vez que o mesmo é, geralmente,
13 transmitido verbalmente e, hoje em dia, há dificuldades em transmitir esse
14 conhecimento para os mais jovens.

15 COMO SERÁ FEITA A PESQUISA: A pesquisa consistirá em aplicação de
16 questionário pelo investigador ao entrevistado (pessoa que tem conhecimentos sobre o
17 uso medicinal e cosmético das plantas e que aceita participar da pesquisa). O
18 questionário aborda perguntas sobre plantas da região utilizadas como cosméticos ou
19 remédios; o entrevistado que concordar, deverá levar o entrevistador em campo, no
20 local em que se encontram as plantas citadas, para que ele possa coletar exemplares e
21 fotografar as plantas. A coleta de exemplares das plantas contendo estruturas
22 reprodutivas e as fotos das mesmas servirão para a identificação botânica da planta
23 (obtenção do nome científico), uma vez que o nome popular da planta é muito variável
24 de um local para outro.

25 Vale ressaltar que também será aplicado um questionário para se conhecer os anseios da
26 comunidade com relação ao retorno que a universidade, nas pessoas de seus
27 pesquisadores, possa dar à comunidade em troca de sua participação na pesquisa. Esse
28 retorno deve estar dentro das possibilidades legais da universidade e poderá ser
29 realizado através de projetos de extensão a curto ou médio prazo.

30 Um dos “retornos”, já previsto é que as comunidades receberão cópias da dissertação de
31 mestrado, logo após a pesquisa concluída, para que o conhecimento levantado nas
32 comunidades fique registrado e guardado com elas.

33 PERÍODO E LOCAIS DA PESQUISA: A pesquisa será realizada num período variável
34 de 6 meses a 1 ano. Locais da pesquisa: Comunidade Arraial dos Crioulos (Comunidade

Maria Helena Gomes Santos

35 Quilombola) e Comunidade Baú (Comunidade Quilombola), todas localizadas no
36 município de Araçuaí-MG.

37 EQUIPE DE TRABALHO: A equipe de trabalho é composta pela aluna de mestrado
38 Tháisa Clara Ornelas Otoni, pela coordenadora do projeto e orientadora Professora
39 Cristiane Fernanda Fuzer Graef, e pelo co-orientador Prof. Disney Oliver Sivieri Jr..

40 RECURSOS PARA A PESQUISA: O projeto de pesquisa será submetido a editais de
41 agências de fomento para obtenção de recursos. Caso não seja possível esse tipo de
42 financiamento, o projeto será realizado com recursos disponíveis na Universidade
43 Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM): computadores, papel,
44 impressora, e outros materiais. O deslocamento dos pesquisadores até as comunidades
45 será por conta dos pesquisadores.

46 RESULTADOS DA PESQUISA E FORMAS DE DIVULGAÇÃO: As informações
47 obtidas através dessa pesquisa, resultados sobre plantas usadas como remédios e
48 cosméticos, farão parte do conteúdo da dissertação de mestrado da discente do
49 Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas, Tháisa Clara Ornelas Otoni.
50 Além disso, os resultados da pesquisa poderão ser divulgados em encontros científicos
51 ou em revistas científicas, mas as pessoas que forneceram as informações para os
52 pesquisadores não serão identificadas. Desta forma garantimos o sigilo sobre a
53 participação dos entrevistados na dissertação e demais meios de divulgação; não serão
54 divulgados seus nomes ou endereços.

55 IMPACTOS DA PESQUISA: Os benefícios relacionados com essa pesquisa são
56 colaborar para o conhecimento de plantas nativas utilizadas em Comunidades
57 Tradicionais do município de Araçuaí-MG. Esse conhecimento será registrado e ficará
58 disponível para futuras gerações, evitando-se assim, que ele se perca com o tempo. Ao
59 final da pesquisa, os resultados impressos serão repassados para as pessoas que
60 participaram fornecendo as informações. Esses resultados serão entregues também a
61 órgãos públicos ambientais, para que a comunidade e esses órgãos (caso seja interesse
62 de todos os envolvidos) possam discutir sobre a melhor utilização dos recursos naturais
63 (plantas), sem que ocorra extinção das espécies ou outros danos ao meio ambiente. Esse
64 trabalho não visa lucros. Estamos apenas realizando uma das funções da universidade
65 que é a pesquisa e a divulgação do conhecimento. Assim, não haverá remunerações ou
66 indenizações pela participação neste trabalho.

67 CONTATO: Pesquisador Principal: Profa. Cristiane Fernanda Fuzer Graef -

Maria Helena Gomes Santos

68 Laboratório de Farmacognosia e Fitoquímica - Prédio da Farmácia Básica – CAMPUS
69 JK/ UFVJM -Rodovia MGT 367 – Km 583, nº 5000 - Alto da Jacuba - Diamantina/MG
70 - CEP 39100-000

71 Telefone: (38) 35321234 Endereço eletrônico: cris.grael@ufvjm.edu.br

72

73 A participação das pessoas das localidades não é obrigatória. As pessoas convidadas e
74 que aceitarem participar poderão desistir a qualquer momento e retirar seu
75 consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador
76 ou com a instituição UFVJM.

77 PELO PRESENTE TERMO, ATESTAMOS QUE ESTAMOS CIENTES E QUE
78 CONCORDAMOS COM A REALIZAÇÃO DA PESQUISA ACIMA PROPOSTA,
79 TENDO SIDO GARANTIDO NOSSO DIREITO DE RECUSAR O ACESSO AO
80 CONHECIMENTO TRADICIONAL ASSOCIADO AO PATRIMÔNIO GENÉTICO
81 DURANTE O PROCESSO DE OBTENÇÃO DA ANUÊNCIA PRÉVIA.

82 LOCAL: *Comunidade Aulombola Braial dos Crisulys - Magnai*

83 DATA: *04/09/2015*

84 ASSINATURA: *Maria Helena Gomes Santos*

85 RG: *MG- 40.652.345*


86 CPF: *218.310.686-72*


ANEXO H — AUTORIZAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA


Título da Pesquisa: Levantamento de plantas nativas utilizadas com fins medicinais e cosméticos em Comunidades Tradicionais do município de Araçuaí (MG)
Pesquisador Responsável: Thaísa Clara Ornelas Ottoni
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 516222615.0.0000.5108
Submetido em: 03/02/2016
Instituição Proponente: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Situação da Versão do Projeto: Aprovado
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio







Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_636576

- DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

- ↳ Versão Atual Aprovada (PO) - Versão 2
 - ↳ Pendência de Parecer (PO) - Versão 2
 - ↳ Documentos do Projeto
 - ↳ Comprovante de Recepção - Submissão 2
 - ↳ Folha de Rosto - Submissão 2
 - ↳ Informações Básicas do Projeto - Submissão 2
 - ↳ Outros - Submissão 2
 - ↳ Projeto Detalhado / Brochura Investigação
 - ↳ TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa
 - ↳ Apreciação 2 - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 - ↳ Pareceres
 - ↳ Pesquisador Responsável pela Apreciação
 - ↳ Projeto Completo

Tipo de Documento ^	Situação ^	Arquivo ^	Postagem
Parecer Consubstanciado do CEP	Aceito	 PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_1407193.pdf	12/02/2016 15:07:25

- LISTA DE APRECIÇÕES DO PROJETO

Apreciação ^	Pesquisador Responsável ^	Versão ^	Submissão ^	Modificação ^	Situação ^	Exclusiva do Centro Coord. ^	Ações
PO	Thaísa Clara Ornelas Ottoni	2	03/02/2016	12/02/2016	Aprovado	Não	   

ANEXO I — AUTORIZAÇÃO DA COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA, ESTUDO COM POVOS INDÍGENAS.

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Levantamento etnobotânico de plantas nativas utilizadas com fins medicinais e cosméticos na Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba, Araçuaí, Minas Gerais

Pesquisador Responsável: Thaísa Clara Ornelas Otoni

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 3

CAAE: 55585616.2.0000.5108


Submetido em: 10/08/2016


Instituição Proponente: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Situação da Versão do Projeto: Aprovado

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Receção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_690362

DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

ção Atual Aprovada (PO) - Versão 3

Pendência de Parecer (PO) - Versão 3

Documentos do Projeto

- Comprovante de Receção - Submissã
- Folha de Rosto - Submissão 3
- Informações Básicas do Projeto - Subm
- Outros - Submissão 3
- Projeto Detalhado / Brochura Investigaç
- TCLE / Termos de Assentimento / Justif

Apreciação 3 - Universidade Federal dos V

- Pareceres
- Pesquisador Responsável pela Aprecia



Projeto Completo

Atual Pesquisador Responsável





- Thaísa Clara Ornelas Otoni

Projeto Original (PO) - Versão 3

- Pendência de Parecer - Versão 3
- Pendência de Parecer - Versão 2
- Projeto Original - Versão 1

Tipo de Documento	Situação	Arquivo	Postagem	Ações
Parecer Consubstanciado do CEP	Aceito	 PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_1674716.pdf	11/08/2016 23:19:44	

LISTA DE APRECIÇÕES DO PROJETO

Apreciação	Pesquisador Responsável	Versão	Submissão	Modificação	Situação	Exclusiva do Centro Coord.	Ações
PO	Thaísa Clara Ornelas Otoni	3	10/08/2016	12/08/2016	Aprovado	Não	   

**ANEXO J - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO,
COMUNIDADE INDÍGENA CINTA VERMELHA-JUNDIBA**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e
Mucuri
Comitê de Ética em Pesquisa



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidada (o) a participar de uma pesquisa cujo título é: “Levantamento etnobotânico de plantas nativas utilizadas com fins medicinais e cosméticos na Comunidade Indígena Cinta Vermelha-Jundiba, Araçuaí, Minas Gerais”, em virtude de seus conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais e/ou cosméticas. A pesquisa é coordenada pela Professora Cristiane Fernanda Fuzer Grael que orienta a aluna de mestrado Thaísa Clara Ornelas Otoni.

A sua participação não é obrigatória sendo que, a qualquer momento da pesquisa, você poderá desistir e retirar seu consentimento (sua permissão). Sua recusa não trará nenhum prejuízo para sua relação com os pesquisadores, com a UFVJM ou com a comunidade em que vive. Os objetivos desta pesquisa são: dar continuidade a uma linha de pesquisa de estudos etnobotânicos (estudos que verificam a relação do homem com as plantas) no Departamento de Farmácia da UFVJM (Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas); resgatar e registrar o conhecimento popular através de levantamento de plantas utilizadas para fins medicinais e cosméticos por pessoas conhecedoras de plantas (informantes-chaves) em comunidade tradicional indígena do município de Araçuaí; desenvolver um trabalho de retorno para a comunidade, organizando os dados do conhecimento popular obtidos durante a pesquisa e divulgando-os à comunidade, às pessoas que participaram da pesquisa e órgãos públicos que possam auxiliar a comunidade a se beneficiar com o uso sustentável (uso sem agredir o meio ambiente) da vegetação local; obter informações gerais sobre como esse conhecimento vem se mantendo entre as pessoas, com o passar do tempo; e, verificar a opinião, anseios e o que a comunidade espera sobre a presente pesquisa.

Caso você decida aceitar o convite, será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: conversas informais, responder questionários (as perguntas serão feitas oralmente e as respostas serão anotadas pelo pesquisador), acompanhar e ajudar o pesquisador na coleta das plantas citadas durante a entrevista. O tempo previsto para a

sua participação é de aproximadamente 02 períodos a sua escolha (exemplo: duas horas em um dia, duas ou três horas em outra tarde).

Os riscos relacionados com sua participação são: (1) em relação à entrevista, um possível constrangimento com as perguntas ou com a presença do entrevistador e, (2) em relação à coleta das plantas citadas, os riscos não diferem daqueles presentes em sua rotina de idas à mata e coleta de plantas para sua utilização, haverá o constrangimento da presença do pesquisador ou, caso o pesquisador não o acompanhe (se assim desejar), haverá o incômodo de coletar mais planta que o de costume. Esses riscos serão minimizados pelos seguintes procedimentos: o entrevistado terá liberdade de não fornecer alguma informação se não se sentir à vontade para respondê-la ou por considera-la um segredo de comunidade, o entrevistado poderá escolher coletar as plantas sem a presença do pesquisador. Caso o participante aponte que a coleta irá oferecer algum risco maior ele pode não concordar em coletar a planta para a pesquisa.

O benefício direto para os participantes da pesquisa será a distribuição de uma cartilha educativa após o término do estudo com as indicações de uso correto e seguro das plantas como preparo, conservação e partes utilizadas. Porém, também haverá benefícios sociais e ambientais indiretos como orientação sobre coleta das plantas e manutenção de espécies nativas, orientação sobre automedicação (uso por conta própria) das preparações com as plantas locais e a divulgação do conhecimento popular sobre o uso das plantas.

Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em seminários, congressos e similares ou publicados em revistas científicas. Entretanto, os dados/informações pessoais obtidos por meio da sua participação serão confidenciais e sigilosos (serão mantidos em segredo), não possibilitando sua identificação. A sua participação bem como a de todas as partes envolvidas será voluntária, não havendo remuneração para tal.

Com relação às plantas pesquisadas, esse trabalho não afetará ou interferirá no uso pleno e contínuo dessas plantas que é feito pela comunidade.

Esse projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo comitê de ética em pesquisa (CEP) da UFVJM. O CEP/UFVJM é um órgão de natureza deliberativa (que toma decisões após discussões entre os membros), consultiva (que dá conselhos, opiniões) e educativa, com relação à análise dos aspectos éticos da pesquisa com seres humanos, sendo o seu objetivo principal defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade. Entre as funções do CEP/UFVJM nesse estudo,

pode-se citar: revisar todos os passos da pesquisa, garantindo e resguardando a integridade e os direitos dos voluntários participantes; receber dos participantes da pesquisa ou de qualquer outra parte denúncias de abusos ou notificação sobre acontecimentos adversos que possam alterar o curso normal do estudo, decidindo pela continuidade, modificação ou suspensão da pesquisa.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço do pesquisador principal e do CEP/UFVJM, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação agora ou em qualquer momento.

Coordenadora do Projeto: Cristiane Fernanda Fuzer Grael

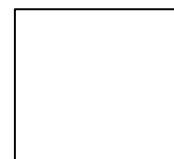
Endereço: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Ufvjm -
Campus JK/ Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde (FCBS)/ Departamento de
Farmácia (DEFAR) - Rodovia MGT 367 – km 583, no. 5000 – Alto da Jacuba
CEP: 39100-000 - Diamantina - MG

Telefone (38) 3532-1200

Declaro que entendi os objetivos, a forma de minha participação, riscos e benefícios da mesma e aceito o convite para participar. Autorizo a publicação dos resultados da pesquisa, a qual garante o anonimato e o sigilo referente à minha participação.

Nome do participante da pesquisa: _____

Assinatura do participante da pesquisa: _____



Informações – Comitê de Ética em Pesquisa da Ufvjm
Rodovia MGT 367 - Km 583 - nº 5000 - Alto da Jacuba –
Diamantina/MG CEP39100000
Tel.: (38)3532-1240 –

Coordenador do CEP/UFVJM: Prof. Disney Oliver Sivieri Junior
Secretaria: Ana Flávia de Abreu
E-mail: cep.secretaria@ufvjm.edu.br e/ou cep@ufvjm.edu.br.

Espaço reservado para
impressão digital, se necessário.

ANEXO K - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, COMUNIDADES QUILOMBOLAS BAÚ E ARRAIAL DOS CRIoulos



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e
Mucuri
Comitê de Ética em Pesquisa



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa intitulada: “Levantamento de plantas nativas utilizadas com fins medicinais e cosméticos em Comunidades Tradicionais do município de Araçuaí (MG)”, em virtude de seus conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais e/ou cosméticas. A pesquisa é coordenada pela Professora Cristiane Fernanda Fuzer Grael que orienta a aluna de mestrado Thaísa Clara Ornelas Otoni e co-orientada pelo Prof. Disney Oliver Sivieri Jr..

A sua participação não é obrigatória sendo que, a qualquer momento da pesquisa, você poderá desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo para sua relação com os pesquisadores, com a UFVJM ou com a comunidade em que vive.

Os objetivos desta pesquisa são: dar continuidade a uma linha de pesquisa de estudos etnobotânicos no Departamento de Farmácia da UFVJM (Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas); resgatar e registrar o conhecimento popular através de levantamento de plantas utilizadas para fins medicinais e cosméticos por pessoas conhecedoras de plantas (informantes-chaves) em comunidades tradicionais do município de Araçuaí; desenvolver um trabalho de retorno para a comunidade, organizando os dados do conhecimento popular obtidos durante a pesquisa e divulgando-os às comunidades, informantes-chaves e órgãos públicos que possam auxiliar essas comunidades a se beneficiarem com o uso sustentável da flora local; obter informações gerais sobre como esse saber vem se mantendo entre as pessoas, com o passar do tempo; e, verificar a opinião, anseios e expectativas da comunidade sobre a presente pesquisa.

Caso você decida aceitar o convite, será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: conversas informais, responder questionários (cujas perguntas lhes serão feitas oralmente e suas respostas serão anotadas pelo pesquisador), acompanhar e auxiliar o pesquisador na coleta das plantas citadas durante a entrevista. O tempo

previsto para a sua participação é de aproximadamente 02 períodos a sua escolha (exemplo: duas horas em um dia, duas ou três horas em outra tarde).

Os riscos relacionados com sua participação são: (1) em relação à entrevista, um possível constrangimento com as perguntas ou com a presença do entrevistador e, (2) em relação à coleta das plantas citadas, os riscos não diferem daqueles presentes em sua rotina de idas à mata e coleta de plantas para sua utilização, haverá o constrangimento da presença do pesquisador ou, caso o pesquisador não o acompanhe (se assim desejar), haverá o incômodo de coletar mais material que o de costume. Esses riscos serão minimizados pelos seguintes procedimentos: o entrevistado terá liberdade de não fornecer alguma informação se não se sentir à vontade para respondê-la ou por considera-la um segredo de comunidade, o entrevistado poderá escolher coletar as plantas sem a presença do pesquisador. Caso o participante aponte que a coleta irá oferecer algum risco maior à sua integridade física ele pode não concordar em coletar a planta para a pesquisa.

O benefício direto para os participantes da pesquisa será a distribuição de uma cartilha educativa após o término do estudo com as indicações de uso correto e seguro das plantas como preparo, conservação e partes utilizadas. Porém, também haverá benefícios sociais e ambientais indiretos como orientação sobre coleta das plantas e manutenção de espécies nativas, orientação sobre automedicação das preparações com as plantas locais e a divulgação do conhecimento popular sobre o uso das plantas.

Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em seminários, congressos e similares ou publicados em revistas científicas. Entretanto, os dados/informações pessoais obtidos por meio da sua participação serão confidenciais e sigilosos, não possibilitando sua identificação. A sua participação bem como a de todas as partes envolvidas será voluntária, não havendo remuneração para tal.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação agora ou em qualquer momento.

Coordenadora do Projeto: Cristiane Fernanda Fuzer Graef

Endereço: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM - Campus JK/ Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde (FCBS)/ Departamento de Farmácia (DEFAR) - Rodovia MGT 367 – km 583, no. 5000 – Alto da Jacuba

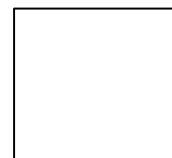
CEP: 39100-000 - Diamantina - MG

Telefone (38) 3532-1200

Declaro que entendi os objetivos, a forma de minha participação, riscos e benefícios da mesma e aceito o convite para participar. Autorizo a publicação dos resultados da pesquisa, a qual garante o anonimato e o sigilo referente à minha participação.

Nome do sujeito da pesquisa: _____

Assinatura do sujeito da pesquisa: _____



Espaço reservado para
impressão digital, se necessário.

Informações – Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM

Rodovia MGT 367 - Km 583 - nº 5000 - Alto da Jacuba –

Diamantina/MG CEP39100000

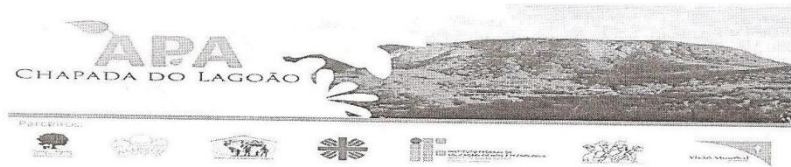
Tel.: (38)3532-1240 –

Coordenador do CEP/UFVJM: Prof. Disney Oliver Sivieri Junior

Secretaria: Ana Flávia de Abreu

E-mail: cep.secretaria@ufvjm.edu.br e/ou cep@ufvjm.edu.br.

ANEXO L — Autorização concedida pelo Conselho Gestor da Área de Preservação Ambiental (APA) Chapada do Lagoão para coletas de material vegetal na área de abrangência da APA.



Autorização

O Conselho Gestor da APA CHAPADA DO Lagoão /Araçuaí autoriza THAISA CLARA ORNELAS OTONI , estudante do curso de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, a coletar as espécies da flora na área de abrangência da APA.

ARAÇUAÍ- MARÇO de 2017

A handwritten signature in cursive script that reads 'João Eudes Jardim Prates'.

João Eudes Jardim Prates- Vice Presidente do Conselho Gestor da APA Chapada do lagoão

		uso cosmético, etc)	infusão, decocção, etc)	pele sem ferimentos; oral, ...) e posologia (quantas vezes ao dia, de quantas em quantas horas, quantos dias, ...)	(foi possível coletar – nº do material coletado; se não foi possível, por que não foi coletado?) ESSA QUESTÃO NÃO É FEITA AO ENTREVISTADO; É PARA CONTROLE DO PESQUISADOR

ANEXO N - QUESTIONÁRIO SOBRE A OPINIÃO, ANSEIOS E EXPECTATIVAS

“Levantamento de plantas nativas utilizadas com fins medicinais e cosméticos em comunidades tradicionais no município de Araçuaí (MG)”

Questionário nº _____

Entrevistador: _____

Data __/__/____

Local (comunidade) da aplicação do questionário: _____

Nome do Entrevistado: _____

Data e local de nascimento: _____

Grau de instrução: _____

Qual a sua opinião sobre a pesquisa que está sendo realizada aqui na comunidade?

Porque você concordou em participar da pesquisa?

O que você espera e/ou deseja para a comunidade com os resultados dessa pesquisa?

ANEXO O — PLANTAS CITADAS DURANTE A PESQUISA E NÃO COLETADAS

Nomes populares	
Angico Branco	Eucalipto
Arnica do Brejo	Guanandi
Boldo da folha pequena	Insulina
Buta	Junco
Camomila	Jussara Branca
Cebola	Mirra
Cominho	Saião Verdadeiro
Copo de Leite	Salsa
Cravo	Sete Capa
Espinafre	

ANEXO P — PLANTAS DEPOSITADAS NO HERBÁRIO DENDROLÓGICO JEANINE FELFILI (HDJF/UFVJM)

Número de coleta	Voucher	Família	Espécie	Nome Popular	LAT	LONG	ALT (metros)
CB1	HDJF5060	Cactaceae	<i>Pereskia</i> sp.1	Oropronobis	16°42.13' S	41°58.32' W	307
CB10	HDJF5065	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i>	Mentraz	16°42.06' S	41°58.40' W	307
CB11	HDJF5066	Passifloraceae	<i>Passiflora</i> sp.	Maracujá	16°42.05' S	41°58.40' W	309
CB12	HDJF5067	Nyctaginaceae	<i>Bougainvillea</i> sp.	Roseira	16°42.10' S	41°58.35' W	303
CB14	HDJF5068	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita</i> sp.	Abóbora	16°42.06' S	41°58.41' W	309
CB16	HDJF5069	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i>	Hortelã Margoso	16°42.06' S	41°58.41' W	296
CB17	HDJF5070	Ni36	Ni36	Tiozinho	16°42.06' S	41°58.39' W	309
CB19	HDJF5071	Fabaceae	<i>Senna occidentalis</i>	Fedegoso	16°42.07' S	41°58.37' W	315
CB2	HDJF5061	Boraginaceae	<i>Varronia</i> sp.	Mentraz ^A	16°42.10' S	41°58.35' W	303
CB20	HDJF5072	Moraceae	<i>Maclura tinctoria</i>	Moreira	16°42.15' S	41°58.34' W	310
CB22	HDJF5073	Simaroubaceae	<i>Simarouba</i> sp.	Paratudo	16°42.35' S	41°58.06' W	318
CB27	HDJF5074	Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Limão Galego	16°42.33' S	41°58.07' W	323
CB28	HDJF5075	Fabaceae	<i>Hymenaea martiana</i>	Jatobá	16°42.33' S	41°58.10' W	322
CB29	HDJF5076	Fabaceae	<i>Amburana cearensis</i>	Umburana Macho	16°42.28' S	41°58.19' W	316
CB3	HDJF5062	Boraginaceae	<i>Varronia</i> sp.	Mentraz ^A	16°42.10' S	41°58.35' W	303
CB30	HDJF5077	Cucurbitaceae	<i>Fevillea trilobata</i>	Gendiroba	16°42.11' S	41°58.40' W	311
CB32	HDJF5078	Anacardiaceae	<i>Spondias purpurea</i>	Siriguela	16°45.53' S	42°00.46' W	292
CB33	HDJF5079	Rutaceae	<i>Citrus aurantiifolia</i>	Laranja	16°45.53' S	42°00.45' W	293
CB34	HDJF5080	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i>	Goiaba	16°45.53' S	42°00.46' W	290
CB35	HDJF5081	Apiaceae	<i>Coriandrum sativum</i>	Coentro	16°45.53' S	42°00.46' W	292
CB38	HDJF5082	Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i>	Couve	16°45.53' S	42°00.46' W	288
CB40	HDJF5083	Lythraceae	<i>Punica granatum</i>	Romã	16°45.54' S	42°00.45' W	294
CB41	HDJF5084	Meliaceae	<i>Azadirachta indica</i>	Nim	16°45.54' S	42°00.45' W	294
CB44	HDJF5085	Ni15	Ni15	Capim Cidreira	16°45.52' S	42°00.44' W	331
CB45	HDJF5086	Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i>	Babosa	16°45.54' S	42°00.46' W	295
CB46	HDJF5087	Crassulaceae	<i>Kalanchoe</i> sp.	Saião	16°50.59' S	42°04.05' W	297
CB47	HDJF5088	Lamiaceae	<i>Ocimum gratissimum</i>	Alfavaca	16°50.59' S	42°04.05' W	291
CB6	HDJF5063	Cactaceae	<i>Pereskia</i> sp.1	Oropronobis	16°42.13' S	41°58.32' W	307
CB8	HDJF5064	Cucurbitaceae	<i>Citrullus lanatus</i>	Melancia	16°42.06' S	41°58.40' W	310

Número de coleta	Voucher	Família	Espécie	Nome Popular	LAT	LONG	ALT (metros)
MCF1	HDJF4847	Fabaceae	Ni38	Sacatrapo	16°51.57' S	42°03.24' W	291
MCF10	HDJF4856	Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i>	São Caetano	16°51.59' S	42°03.23' W	293
MCF100	HDJF4921	Ni28	Ni28	Perpétua	16°51.51' S	42°03.29' W	291
MCF102	HDJF4922	Ni31	Ni31	Pustemeira	16°51.49' S	42°03.35' W	308
MCF103	HDJF4923	Ni07	Ni07	Artemisia	16°51.49' S	42°03.35' W	308
MCF105	HDJF4924	Cucurbitaceae	<i>Citrullus lanatus</i>	Melancia	16°51.49' S	42°03.35' W	309
MCF108	HDJF4925	Poaceae	<i>Oryza sativa</i>	Arroz	16°51.54' S	42°03.34' W	309
MCF11	HDJF4857	Oleaceae	<i>Jasminum</i> sp.	Jasmim do Mato	15°51.58' S	42°03.23' W	294
MCF110	HDJF4926	Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i>	Guiné	16°51.54' S	42°03.34' W	310
MCF112	HDJF4927	Ni10	Ni10	Boldo	16°51.54' S	42°03.34' W	310
MCF113	HDJF4928	Lythraceae	<i>Punica granatum</i>	Romã	16°51.54' S	42°03.34' W	309
MCF114	HDJF4929	Lamiaceae	<i>Ocimum</i> sp.	Manjeriçao	16°51.55' S	42°03.35' W	312
MCF115	HDJF4930	Lamiaceae	<i>Ocimum gratissimum</i>	Alfavaca de Casa	16°51.55' S	42°03.35' W	315
MCF116	HDJF4931	Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i>	Manga	16°51.54' S	42°03.33' W	303
MCF117	HDJF4932	Asteraceae	<i>Chromolaena odorata</i>	Desinchadeira	16°51.49' S	42°03.47' W	309
MCF118	HDJF4933	Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i>	Mamona	16°52.03' S	42°03.31' W	316
MCF119	HDJF4934	Ni21	Ni21	Guache (Guaco)	16°52.02' S	42°03.32' W	314
MCF12	HDJF4858	Nyctaginaceae	<i>Bougainvillea</i> sp.	Burguevilha do Campo	16°51.59' S	42°03.24' W	292
MCF121	HDJF4935	Amaryllidaceae	<i>Allium</i> sp.	Alho	16°52.02' S	42°03.32' W	302
MCF122	HDJF4936	Ni30	Ni30	Poejo	16°52.03' S	42°03.32' W	293
MCF124	HDJF4937	Passifloraceae	<i>Passiflora</i> sp.	Maracujá	16°52.42' S	42°03.14' W	295
MCF125	HDJF4938	Ni16	Ni16	Capueiraba	16°52.42' S	42°03.14' W	298
MCF126	HDJF4939	Asteraceae	<i>Acanthospermum</i> sp.	Carrapicho Maroto	16°52.42' S	42°03.13' W	298
MCF127	HDJF4940	Ni08	Ni08	Artemisia do Campo	16°52.42' S	42°03.14' W	297
MCF128	HDJF4941	Musaceae	<i>Musa</i> sp.	Banana Prata	16°52.43' S	42°03.14' W	298
MCF129	HDJF4942	Alismataceae	<i>Echinodorus</i> sp.	Chapéu de Couro	16°52.43' S	42°03.14' W	323
MCF13	HDJF4859	Oleaceae	<i>Jasminum</i> sp.	Jasmim do Mato	16°51.56' S	42°03.24' W	289
MCF130	HDJF4943	Boraginaceae	<i>Heliotropium elongatum</i>	Crista de Galo	16°52.42' S	42°03.14' W	297
MCF131	HDJF4944	Ni37	Ni37	Vassourinha	16°52.42' S	42°03.15' W	301
MCF132	HDJF4945	Ni29	Ni29	Pimenta da Costa	16°51.50' S	42°03.30' W	291

Número de coleta	Voucher	Família	Espécie	Nome Popular	LAT	LONG	ALT (metros)
MCF133	HDJF4946	Solanaceae	<i>Solanum</i> sp.2	Jurubeba	16°52.40' S	42°03.11' W	291
MCF134	HDJF4947	Ni02	Ni02	Alevante	16°52.41' S	42°03.14' W	296
MCF135	HDJF4948	Alismataceae	<i>Echinodorus</i> sp.	Chapéu de Couro	16°52.43' S	42°03.14' W	323
MCF136	HDJF4949	Alismataceae	<i>Echinodorus</i> sp.	Chapéu de Couro	16°52.43' S	42°03.15' W	289
MCF137	HDJF4950	Alismataceae	<i>Echinodorus</i> sp.	Chapéu de Couro	16°52.43' S	42°03.15' W	300
MCF138	HDJF4951	Ni22	Ni22	Japecanga	16°52.45' S	42°03.21' W	339
MCF139	HDJF4952	Ni22	Ni22	Japecanga	16°52.45' S	42°03.22' W	329
MCF14	HDJF4860	Capparaceae	<i>Crateva tapia</i>	Baquepari	16°52.06' S	42°03.20' W	288
MCF140	HDJF4953	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i>	Hortelã Margoso	16°50.52' S	42°05.54' W	300
MCF142	HDJF4954	Asteraceae	<i>Vernonanthura</i> sp.	Assa-peixe	16°50.51' S	42°05.51' W	288
MCF143	HDJF4955	Moraceae	<i>Morus nigra</i>	Amora	16°50.55' S	42°04.07' W	318
MCF144	HDJF4956	Poaceae	<i>Urochloa mutica</i>	Bengo	16°50.51' S	42°05.51' W	287
MCF145	HDJF4957	Cannabaceae	<i>Celtis iguanaea</i>	Juá	17°05.50' S	41°52.03' W	827
MCF146	HDJF4958	Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i>	Couve	17°03.29' S	41°53.37' W	497
MCF147	HDJF4959	Cucurbitaceae	<i>Sechium edule</i>	Chuchu	17°04.10' S	41°51.44' W	846
MCF149	HDJF4960	Solanaceae	<i>Solanum</i> sp.1	Berinjela	17°03.21' S	41°53.30' W	492
MCF15	HDJF4861	Malvaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i>	Mutamba	16°52.08' S	42°03.21' W	290
MCF150	HDJF4961	Anacardiaceae	<i>Spondias tuberosa</i>	Umbu	17°04.12' S	41°51.42' W	838
MCF151	HDJF4962	Asteraceae	<i>Baccharis myriocephala</i>	Carqueja	17°06.09' S	41°52.15' W	862
MCF152	HDJF4963	Malvaceae	<i>Abelmoschus esculentus</i>	Quiabo	17°03.21' S	41°53.30' W	491
MCF153	HDJF4964	Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas</i>	Batata Doce	17°04.13' S	41°51.42' W	840
MCF155	HDJF4965	Rubiaceae	<i>Remijia ferruginea</i>	Quina	17°06.30' S	41°52.03' W	887
MCF156	HDJF4966	Fabaceae	<i>Stryphnodendron adstringens</i>	Barbatimão	17°06.11' S	41°52.00' W	845
MCF157	HDJF4967	Costaceae	<i>Costus spiralis</i>	Caninha	17°03.29' S	41°53.37' W	497
MCF159	HDJF4968	Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i>	Café	17°05.49' S	41°52.02' W	823
MCF160	HDJF4969	Poaceae	<i>Melinis minutiflora</i>	Capim Meloso	17°04.14' S	41°51.44' W	829
MCF161	HDJF4970	Lauraceae	<i>Cinnamomum verum</i>	Canela	17°03.22' S	41°53.33' W	490
MCF162	HDJF4971	Anacardiaceae	<i>Spondias tuberosa</i>	Umbu	17°06.21' S	41°52.00' W	872
MCF163	HDJF4972	Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i>	Mangaba	17°06.31' S	41°52.03' W	885
MCF164	HDJF4973	Cyperaceae	<i>Cyperus articulatus</i>	Junça	17°05.49' S	41°52.02' W	821

Número de coleta	Voucher	Família	Espécie	Nome Popular	LAT	LONG	ALT (metros)
MCF165	HDJF4974	Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga	17°04.12' S	41°51.42' W	843
MCF166	HDJF4975	Annonaceae	<i>Annona muricata</i>	Graviola	16°50.55' S	42°04.07' W	313
MCF167	HDJF4976	Lauraceae	<i>Persea americana</i>	Abacate	17°03.18' S	41°53.31' W	495
MCF168	HDJF4977	Urticaceae	<i>Cecropia</i> sp.	Embaúba	17°05.56' S	41°52.01' W	832
MCF169	HDJF4978	Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga	16°50.55' S	42°04.07' W	311
MCF17	HDJF4862	Ni03	Ni03	Alfavaca do Mato	16°52.02' S	42°03.25' W	289
MCF170	HDJF4979	Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i>	Carambola	16°50.54' S	42°04.06' W	309
MCF171	HDJF4980	Annonaceae	<i>Annona squamosa</i>	Pinha	16°50.54' S	42°04.06' W	312
MCF172	HDJF4981	Euphorbiaceae	<i>Euphorbia</i> sp.	Sete Sangrias	16°44.41' S	42°02.12' W	336
MCF173	HDJF4982	Ni04	Ni04	Amaranto	16°44.41' S	42°02.12' W	333
MCF174	HDJF4983	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i>	Erva Cidreira de Folha	16°44.44' S	42°02.10' W	341
MCF175	HDJF4984	Anacardiaceae	<i>Schinus terebinthifolia</i>	Aroeira Branca	16°45.04' S	42°02.21' W	350
MCF176	HDJF4985	Apocynaceae	<i>Nerium oleander</i>	Espirradeira de Flor Vermelha	16°45.05' S	42°02.19' W	350
MCF178	HDJF4986	Ni06	Ni06	Arnica	16°45.04' S	42°02.21' W	348
MCF179	HDJF4987	Acanthaceae	<i>Justicia gendarussa</i>	Sete Junta (Sete Demanda)	16°45.04' S	42°02.20' W	351
MCF18	HDJF4863	Solanaceae	<i>Solanum</i> sp.3	Melancia do Mato	16°52.01' S	42°03.25' W	290
MCF180	HDJF4988	Lamiaceae	<i>Leonotis nepetifolia</i>	Cordão de Frade	16°45.04' S	42°02.20' W	350
MCF181	HDJF4989	Lamiaceae	<i>Ocimum</i> sp.	Manjeriço	16°45.04' S	42°02.20' W	349
MCF182	HDJF4990	Verbenaceae	<i>Lippia</i> sp.2	Melissa	16°45.04' S	42°02.20' W	350
MCF183	HDJF4991	Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i>	Guiné	16°45.04' S	42°02.20' W	349
MCF184	HDJF4992	Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus</i>	Hortelã Pimenta	16°45.04' S	42°02.20' W	349
MCF185	HDJF4993	Costaceae	<i>Costus spiralis</i>	Caninha do Brejo	16°45.04' S	42°02.20' W	350
MCF186	HDJF4994	Cactaceae	<i>Opuntia ficus-indica</i>	Palma	16°44.41' S	42°02.12' W	339
MCF187	HDJF4995	Ni16	Ni16	Capueiraba	17°05.49' S	41°52.02' W	822
MCF188	HDJF4996	Solanaceae	<i>Solanum</i> sp.4	Tomatinho	17°05.49' S	41°52.03' W	821
MCF189	HDJF4997	Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i>	Mangaba	17°06.31' S	41°52.03' W	885
MCF190	HDJF4998	Cannabaceae	<i>Celtis iguanaea</i>	Juá	17°05.50' S	41°52.04' W	825
MCF191	HDJF4999	Boraginaceae	<i>Symphytum officinale</i>	Confrei	17°05.44' S	41°52.04' W	817
MCF192	HDJF5000	Asteraceae	<i>Vernonanthura</i> sp.	Assa-peixe	17°05.59' S	41°52.01' W	830
MCF193	HDJF5001	Fabaceae	<i>Indigofera</i> sp.	Anil	17°06.45' S	41°53.07' W	819

Número de coleta	Voucher	Família	Espécie	Nome Popular	LAT	LONG	ALT (metros)
MCF195	HDJF5002	Fabaceae	<i>Stryphnodendron adstringens</i>	Barbatimão	17°06.32' S	41°52.05' W	888
MCF196	HDJF5003	Solanaceae	<i>Datura</i> sp.	Maxixe de Capeta	17°03.27' S	41°53.34' W	498
MCF197	HDJF5004	Urticaceae	<i>Cecropia</i> sp.	Embaúba	17°06.42' S	41°52.58' W	800
MCF198	HDJF5005	Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i>	Mamona Vermelha	17°05.45' S	41°52.05' W	814
MCF199	HDJF5006	Fabaceae	<i>Copaifera langsdorffii</i>	Pau d'óleo	17°05.53' S	41°52.02' W	829
MCF2	HDJF4848	Asteraceae	<i>Bidens cf. pilosa</i>	Picanço	16°52.01' S	42°03.24' W	291
MCF200	HDJF5007	Fabaceae	<i>Bauhinia</i> sp.	Pataca de Vaca	17°05.44' S	41°52.04' W	817
MCF201	HDJF5008	Ni13	Ni13	Cafezinho do mato	17°05.53' S	41°52.01' W	826
MCF202	HDJF5009	Burseraceae	<i>Protium</i> sp.	Mesca	17°05.59' S	41°52.01' W	830
MCF203	HDJF5010	Fabaceae	<i>Leptolobium dasycarpum</i>	Unhadanta	17°05.53' S	41°51.51' W	839
MCF204	HDJF5011	Salicaceae	<i>Casearia</i> sp.	Teiu	17°05.51' S	41°52.03' W	825
MCF205	HDJF5012	Ni07	Ni07	Artimisia	17°06.43' S	41°53.06' W	810
MCF206	HDJF5013	Fabaceae	<i>Indigofera</i> sp.	Anil	17°05.51' S	41°51.58' W	829
MCF207	HDJF5014	Malvaceae	<i>Abelmoschus esculentus</i>	Quiabo	17°06.41' S	41°52.59' W	802
MCF208	HDJF5015	Ni19	Ni19	Erva Doce	17°06.43' S	41°53.06' W	808
MCF21	HDJF4864	Ni03	Ni03	Alfavaca do Mato	16°52.01' S	42°03.25' W	290
MCF210	HDJF5016	Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i>	Mandioca Mansa	17°06.42' S	41°52.59' W	800
MCF211	HDJF5017	Convolvulaceae	<i>Operculina macrocarpa</i>	Jalapa	17°06.45' S	41°53.09' W	817
MCF212	HDJF5018	Fabaceae	<i>Desmodium</i> sp.	Carrapicho	17°06.42' S	41°53.09' W	818
MCF213	HDJF5019	Ni34	Ni34	Salsão	17°06.44' S	41°53.06' W	810
MCF214	HDJF5020	Fabaceae	<i>Stylosanthes</i> sp.	Peidorreira	17°06.43' S	41°53.04' W	808
MCF215	HDJF5021	Asteraceae	<i>Pluchea</i> sp.	Quitoco	17°03.26' S	41°53.32' W	500
MCF217	HDJF5022	Adoxaceae	<i>Sambucus</i> sp.	Sabugueiro	17°06.45' S	41°53.06' W	815
MCF218	HDJF5023	Ni21	Ni21	Guache (Guaco)	17°06.43' S	41°53.06' W	811
MCF219	HDJF5024	Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim	17°06.43' S	41°53.05' W	810
MCF221	HDJF5025	Cyperaceae	<i>Cyperus articulatus</i>	Junça	17°05.49' S	41°52.02' W	825
MCF222	HDJF5026	Ni14	Ni14	Capim açu	17°06.37' S	41°53.12' W	801
MCF224	HDJF5027	Ni11	Ni11	Brasforte	17°05.53' S	41°51.51' W	839
MCF225	HDJF5028	Cactaceae	<i>Cereus jamacaru</i>	Mandacaru	16°51.53' S	42°03.26' W	293

Número de coleta	Voucher	Família	Espécie	Nome Popular	LAT	LONG	ALT (metros)
MCF227	HDJF5029	Rutaceae	<i>Citrus aurantiifolia</i>	Lima	16°50.52' S	42°05.53' W	296
MCF228	HDJF5030	Piperaceae	<i>Piper nigrum</i>	Pimenta do Reino	16°46.19' S	42°00.12' W	289
MCF229	HDJF5031	Amaranthaceae	<i>Amaranthus viridis</i>	Caruru	16°51.00' S	42°04.14' W	318
MCF23	HDJF4865	Ni09	Ni09	Assa-peixe	16°52.05' S	42°03.22' W	291
MCF230	HDJF5032	Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus tenellus</i>	Quebra Pedra	16°51.00' S	42°04.14' W	317
MCF232	HDJF5033	Zingiberaceae	<i>Hedychium coronarium</i>	Água de Colônia	16°51.00' S	42°04.14' W	317
MCF233	HDJF5034	Lamiaceae	<i>Mentha arvensis</i>	Menta	16°51.00' S	42°04.14' W	315
MCF234	HDJF5035	Asteraceae	<i>Acanthospermum</i> sp.	Maroto	16°51.00' S	42°04.14' W	316
MCF236	HDJF5036	Commelinaceae	<i>Tradescantia pallida</i>	Vestido de Viúva	16°51.00' S	42°04.14' W	315
MCF237	HDJF5037	Cucurbitaceae	<i>Fevillea trilobata</i>	Gendiroba	16°54.23' S	41°54.46' W	749
MCF238	HDJF5038	Asteraceae	<i>Tagetes minuta</i>	Anchota	16°54.23' S	41°54.47' W	749
MCF239	HDJF5039	Fabaceae	<i>Dioclea violacea</i>	Olho de Boi	16°54.22' S	41°54.52' W	769
MCF24	HDJF4866	Malvaceae	<i>Gossypium ulmifolia</i>	Algodão	16°51.59' S	42°03.25' W	298
MCF240	HDJF5040	Aristolochiaceae	<i>Aristolochia gigantea</i>	Milhome	16°53.56' S	41°55.10' W	722
MCF243	HDJF5041	Malvaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i>	Mutamba	16°50.51' S	42°05.51' W	288
MCF244	HDJF5042	Fabaceae	<i>Melanoxylon brauna</i>	Braúna	17°08.21' S	41°53.38' W	866
MCF245	HDJF5043	Myristicaceae	<i>Myristica fragans</i>	Noz moscada	17°08.23' S	41°53.28' W	855
MCF246	HDJF5044	Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i>	Gengibre	17°06.42' S	41°52.60' W	800
MCF247	HDJF5045	Zingiberaceae	<i>Hedychium coronarium</i>	Água de Colônia	17°06.42' S	41°53.01' W	799
MCF248	HDJF5046	Poaceae	<i>Cymbopogon winterianus</i>	Citronela	17°05.47' S	41°52.03' W	817
MCF249	HDJF5047	Moraceae	<i>Dorstenia brasiliensis</i>	Garapiá	17°07.03' S	41°52.53' W	888
MCF25	HDJF4867	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i>	Mentraz	16°51.59' S	42°03.24' W	293
MCF250	HDJF5048	Asteraceae	<i>Tagetes minuta</i>	Anchota	17°05.50' S	41°52.03' W	821
MCF251	HDJF5049	Lamiaceae	<i>Mentha spicata</i>	Hortelãzinho	17°06.41' S	41°53.02' W	803
MCF252	HDJF5050	Solanaceae	<i>Solanum</i> sp.4	Tomatinho	17°06.43' S	41°53.06' W	817
MCF253	HDJF5051	Cyperaceae	<i>Scleria hirtella</i>	Carmo	17°08.13' S	41°54.30' W	800
MCF254	HDJF5052	Solanaceae	<i>Solanum</i> sp.1	Berinjela	17°06.44' S	41°53.05' W	816
MCF255	HDJF5053	Cactaceae	<i>Pereskia aculeata</i>	Oropronobis de flor branca	16°50.60' S	42°04.14' W	311
MCF256	HDJF5054	Bignoniaceae	<i>Dolichandra unguis-cati</i>	Unha de gato	16°50.45' S	42°04.33' W	305
MCF257	HDJF5055	Fabaceae	<i>Erythrina</i> sp.	Mulungu	16°51.49' S	42°03.34' W	293

Número de coleta	Voucher	Família	Espécie	Nome Popular	LAT	LONG	ALT (metros)
MCF258	HDJF5056	Ni02	Ni02	Alevante	16°50.41' S	42°03.56' W	323
MCF259	HDJF5057	Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i>	Coco	16°51.00' S	42°03.41' W	301
MCF260	HDJF5058	Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Espinheira Santa	16°50.51' S	42°05.51' W	287
MCF261	HDJF5059	Fabaceae	<i>Albizia lebbbeck</i>	Ovelha	16°51.42' S	42°03.27' W	287
MCF27	HDJF4868	Ni23	Ni23	Manjerina	16°51.58' S	42°03.24' W	292
MCF28	HDJF4869	Euphorbiaceae	<i>Euphorbia tirucalli</i>	Pecado Pelado	16°51.53' S	42°03.28' W	292
MCF29	HDJF4870	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i>	Hortelã Margoso	16°51.59' S	42°03.25' W	294
MCF3	HDJF4849	Asteraceae	<i>Bidens cf. pilosa</i>	Picanço	16°52.01' S	42°03.24' W	290
MCF30	HDJF4871	Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim	16°51.59' S	42°03.25' W	294
MCF31	HDJF4872	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i>	Cidreira de Folha Redonda	16°51.59' S	42°03.25' W	296
MCF32	HDJF4873	Ni15	Ni15	Capim Cidreira	16°51.59' S	42°03.25' W	296
MCF33	HDJF4874	Verbenaceae	<i>Lippia</i> sp.1	Ministro	16°51.59' S	42°03.25' W	297
MCF34	HDJF4875	Boraginaceae	<i>Heliotropium elongatum</i>	Crista de Galo	16°51.60' S	42°03.25' W	298
MCF35	HDJF4876	Boraginaceae	<i>Heliotropium elongatum</i>	Crista de Galo	16°51.60' S	42°03.25' W	298
MCF36	HDJF4877	Boraginaceae	<i>Heliotropium elongatum</i>	Crista de Galo	16°51.60' S	42°03.25' W	298
MCF37	HDJF4878	Fabaceae	<i>Stylosanthes</i> sp.	Peidorreira	16°51.60' S	42°03.25' W	299
MCF38	HDJF4879	Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i>	Acerola	16°51.59' S	42°03.24' W	295
MCF39	HDJF4880	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i>	Goiaba	16°51.59' S	42°03.24' W	296
MCF4	HDJF4850	Asteraceae	<i>Bidens cf. pilosa</i>	Picanço	16°52.01' S	42°03.24' W	290
MCF40	HDJF4881	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i>	Caju	16°51.60' S	42°03.27' W	317
MCF41	HDJF4882	Boraginaceae	<i>Cordia superba</i>	Escorrega (Clara d'ovo)	16°51.59' S	42°03.28' W	317
MCF42	HDJF4883	Annonaceae	<i>Annona muricata</i>	Graviola	16°52.00' S	42°03.25' W	299
MCF44	HDJF4884	Lamiaceae	<i>Ocimum gratissimum</i>	Alfavaca de Casa	16°52.00' S	42°03.25' W	318
MCF45	HDJF4885	Verbenaceae	<i>Aloysia gratissima</i>	Alfazema	16°52.00' S	42°03.25' W	302
MCF46	HDJF4886	Fabaceae	<i>Senna occidentalis</i>	Fedegoso	16°52.00' S	42°03.25' W	304
MCF47	HDJF4887	Fabaceae	<i>Senna occidentalis</i>	Fedegoso	16°52.00' S	42°03.25' W	304
MCF49	HDJF4888	Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus tenellus</i>	Quebra Pedra	16°52.03' S	42°03.31' W	322
MCF5	HDJF4851	Fabaceae	<i>Anadenanthera</i> sp.	Angico	16°52.07' S	42°03.23' W	316
MCF51	HDJF4889	Lamiaceae	<i>Mentha spicata</i>	Hortelãzinho	16°52.04' S	42°03.31' W	322
MCF52	HDJF4890	Lamiaceae	<i>Mentha spicata</i>	Hortelãzinho	16°52.04' S	42°03.31' W	321

Número de coleta	Voucher	Família	Espécie	Nome Popular	LAT	LONG	ALT (metros)
MCF53	HDJF4891	Lamiaceae	<i>Mentha spicata</i>	Hortelãnzinho	16°52.04' S	42°03.31' W	321
MCF54	HDJF4892	Asteraceae	<i>Ambrosia sp.</i>	Losna	16°52.04' S	42°03.31' W	320
MCF55	HDJF4893	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i>	Arruda	16°52.04' S	42°03.31' W	322
MCF56	HDJF4894	Asteraceae	<i>Chromolaena odorata</i>	Desinchadeira	16°52.04' S	42°03.31' W	321
MCF57	HDJF4895	Crassulaceae	<i>Kalanchoe sp.</i>	Saião	16°52.04' S	42°03.31' W	321
MCF58	HDJF4896	Plantaginaceae	<i>Plantago major</i>	Transagem	16°52.04' S	42°03.31' W	321
MCF6	HDJF4852	Nyctaginaceae	<i>Boerhavia sp.</i>	Erva Tustão	16°52.02' S	42°03.25' W	290
MCF60	HDJF4897	Asteraceae	<i>Bidens cf. pilosa</i>	Picanço	16°52.03' S	42°03.31' W	320
MCF61	HDJF4898	Ni24	Ni24	Mastruz	16°52.04' S	42°03.31' W	321
MCF64	HDJF4899	Simaroubaceae	<i>Simarouba sp.</i>	Paratudo	16°52.03' S	42°03.31' W	300
MCF65	HDJF4900	Fabaceae	<i>Tamarindus indica</i>	Tamarindo	16°51.58' S	42°03.23' W	290
MCF67	HDJF4901	Meliaceae	<i>Azadirachta indica</i>	Nim	16°51.55' S	42°03.24' W	291
MCF69	HDJF4902	Ni35	Ni35	Santa Maria	16°51.59' S	42°03.24' W	293
MCF7	HDJF4853	Nyctaginaceae	<i>Boerhavia sp.</i>	Erva Tustão	16°52.02' S	42°03.25' W	290
MCF70	HDJF4903	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i>	Mentraz	16°51.59' S	42°03.24' W	293
MCF71	HDJF4904	Rubiaceae	<i>Genipa americana</i>	Jenipapo	16°52.06' S	42°03.22' W	285
MCF72	HDJF4905	Ni21	Ni21	Guache (Guaco)	16°52.02' S	42°03.32' W	314
MCF73	HDJF4906	Fabaceae	<i>Amburana cearensis</i>	Umburana	16°52.02' S	42°03.32' W	315
MCF74	HDJF4907	Bixaceae	<i>Bixa orellana</i>	Urucum	16°52.03' S	42°03.32' W	317
MCF75	HDJF4908	Caricaceae	<i>Carica papaya</i>	Mamão	16°52.03' S	42°03.31' W	314
MCF79	HDJF4909	Fabaceae	<i>Cajanus cajan</i>	Andu	16°52.03' S	42°03.31' W	314
MCF8	HDJF4854	Fabaceae	<i>Albizia lebbek</i>	Ovelha	16°51.59' S	42°03.23' W	293
MCF80	HDJF4910	Ni12	Ni12	Caatinga de Mulata	16°51.59' S	42°03.29' W	309
MCF81	HDJF4911	Ni18	Ni18	Erva Cidreira do Campo	16°51.59' S	42°03.29' W	313
MCF84	HDJF4912	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i>	Erva Cidreira de Folha Redonda	16°51.59' S	42°03.29' W	314
MCF85	HDJF4913	Ni33	Ni33	Rosa Branca de Cacho	16°51.59' S	42°03.29' W	314
MCF86	HDJF4914	Ni05	Ni05	Anador	16°51.58' S	42°03.29' W	314
MCF88	HDJF4915	Lamiaceae	<i>Ocimum gratissimum</i>	Alfavaca	16°51.58' S	42°03.29' W	312
MCF9	HDJF4855	Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i>	São Caetano	16°51.59' S	42°03.23' W	292

Número de coleta	Voucher	Família	Espécie	Nome Popular	LAT	LONG	ALT (metros)
MCF90	HDJF4916	Ni17	Ni17	Erva Cidreira de Barragem	16°51.58' S	42°03.29' W	313
MCF91	HDJF4917	Solanaceae	<i>Capsicum</i> sp.	Pimenta Malagueta	16°51.53' S	42°03.26' W	294
MCF97	HDJF4918	Verbenaceae	<i>Aloysia gratissima</i>	Alfazema	16°51.50' S	42°03.35' W	314
MCF98	HDJF4919	Verbenaceae	<i>Lippia</i> sp.2	Melissa	16°51.48' S	42°03.35' W	307
MCF99	HDJF4920	Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Aroeira	16°51.44' S	42°03.40' W	295

Legenda: LAT - Latitude, LONG - Longitude, ALT - Altitude, S - Sul, W - Oeste, Ni - Não identificadas

ANEXO Q - DICIONÁRIO DAS PREPARAÇÕES FITOFARMACOLÓGICAS

Preparação Fitofarmacológica	Descrição
Cataplasma	É a preparação que consiste na aplicação local de ervas frescas e limpas amassadas.
Compressa	Preparação para uso tópico que consiste em colocar, sobre o lugar lesionado, um pano ou gaze limpo e umedecido com um infuso, decocto, sumo ou tintura, frio ou aquecido.
Decocção	É a preparação que consiste na ebulição da droga vegetal no líquido extrator por tempo determinado. Método indicado para partes de drogas vegetais com consistência rígida, tais como cascas, raízes, rizomas, caules, sementes e folhas coriáceas e não aconselhável para plantas com princípios ativos aromáticos.
<i>In natura</i>	É a utilização da parte vegetal em sua forma original, como ocorre na natureza.
Infusão	Preparação que consiste em verter líquido extrator fervente sobre a droga vegetal e, em seguida, tampar ou abafar o recipiente por tempo determinado. Método indicado para partes de drogas vegetais de consistência menos rígida tais como folhas, flores, inflorescências e frutos, ou que contenham substâncias ativas voláteis.
Maceração	É a preparação que consiste no contato da droga vegetal com líquido extrator, à temperatura ambiente. Esse método é indicado para drogas vegetais que possuam substâncias que se degradam com o aquecimento. O líquido extrator pode ser água, álcool, óleo, escolhido de acordo com o princípio ativo.
Pílula	Essa preparação consiste em misturar a parte vegetal, geralmente secreções, em goma ou farinha de trigo e moldá-las em formato de pílulas.
Pó	Essa forma de preparo consiste na trituração e peneiração da erva seca ou das cascas e raízes moídas. Permite a conservação da planta e pode ser utilizada diretamente como pó ou em outras preparações como infusão, decocção.
Pomada	Preparação semissólida, para uso tópico, que consiste na solução ou dispersão de partes vegetais, geralmente pulverizadas, numa base adequada usualmente não aquosa.
Suco	Preparação obtida ao se espremer a parte vegetal.
Sumo	É a preparação que consiste em triturar a planta em um pilão ou liquidificador.
Xarope	Preparação de alta viscosidade que consiste em aquecer as partes vegetais em uma calda de açúcar.

**ANEXO R - USO POPULAR DE ANIMAIS PARA FINS
MEDICINAIS NA COMUNIDADE INDÍGENA CINTA
VERMELHA-JUNDIBA**

Animal	Parte Utilizada	Forma de Preparo	Uso Popular
Jacaré	Casca (Couro)	Maceração em água (pó)	Epilepsia
Cavalo Marinho	Animal inteiro	Maceração em água (pó)	Asma
Jibóia	Banha	<i>In natura</i>	Desnutrição infantil: pernas e juntas sem força.
	Banha	Usa 7 gotas da banha frita em qualquer chá.	Asma